

João Carlos Ibanhez  
Geografia  
e Ufologia:



aproximações  
e distanciamentos

Copyright © João Carlos Ibanhez.

Capa e contracapa: Jader Rafaelli Capilé Sanchez.

Editoração: Equipe TotalBooks.

Revisão: Equipe TotalBooks.

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ibanhez, João Carlos

Geografia e ufologia [livro eletrônico] : aproximações e distanciamentos / João Carlos Ibanhez. - Porto Alegre, RS : TotalBooks, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-88393-64-2

1. Abdução por extraterrestres 2. Ciência 3. Geografia 4. Objetos voadores não identificados 5. Pseudociência 6. Ufologia I. Título.

24-204386

CDD-001.942

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ufologia 001.942

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

DOI 10.52632/978.65.88393.64.2

Todos os direitos reservados para o autor.

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito do autor.

*O autor é responsável pelos conteúdos apresentados (texto, figuras, etc.) inclusive pela grafia, correção gramatical, sintaxe e pelo uso da norma culta da língua portuguesa e de língua estrangeira, e assume total responsabilidade pública e jurídica sobre os mesmos.*

EDITORA TOTALBOOKS® LTDA.

[www.totalbooks.com.br](http://www.totalbooks.com.br)  
[contato@totalbooks.com.br](mailto:contato@totalbooks.com.br)

**EDITORA TOTALBOOKS**

**CONSELHO EDITORIAL MULTIDISCIPLINAR**

Dr<sup>a</sup> Adriana Dorfman  
Dr. Alfa Oumar Diallo  
Dr<sup>a</sup> Ana Maria Colling  
Dr. Antonio Moreno Jiménez  
Dr. Bruno de Souza Lima  
Dr. Celso Augusto Nunes da Conceição  
Dr. Charlei Aparecido da Silva  
Dr<sup>a</sup> Cintia Santos Diallo  
Dr<sup>a</sup>. Cristina Vargas Cademartori  
Dr. Eduardo Salinas Chavez  
Dr. Emerson Galvani  
Dr. Edvaldo César Moretti  
Dr<sup>a</sup> Edvania Gomes de Assis Silva  
Dr<sup>a</sup> Elisabeth Ritter  
Dr. Eliseu José Weber  
Dr. Fabio de Oliveira Sanches  
Dr<sup>a</sup> Gilca Lucena Kortmann  
Dr. Gustavo Daniel Buzai  
Dr. Henrich Hasenack  
Dr. Henri Luiz Fuchs  
Dr. Henrique Carlos de Oliveira Castro  
Dr<sup>a</sup> Irene Santos Garcia  
Dr. Javier Garcia López  
Dr. Jefferson Cardia Simões  
Dr. Jose Luis Gurria Gascón  
Dr. Paulo José Moraes Monteiro e Teixeira Germano  
Dr. Paulo Roberto Fitz  
Dr<sup>a</sup> Patrícia Cristina Statella Martins  
Dr. Roberto Verdum  
Dr. Rodrigo Stumpf Gonzáles  
Dr. Rogério Gomes da Silva  
Dr<sup>a</sup> Valéria Silveira Brisolará  
Dr. Vinícius Gadis Ribeiro



**EDITORA TOTALBOOKS®**

Av. Willy Eugênio Fleck, 1500/337 - CEP 91150-180 - Porto Alegre - RS

[www.totalbooks.com.br](http://www.totalbooks.com.br)

## DEDICATÓRIA

*Para todos os aventureiros da mente e espírito, que desbravam os mistérios dos céus noturnos e as profundezas do desconhecido. Que suas jornadas pelas estrelas os conduzam além das fronteiras do que é conhecido, desafiando nossas percepções e expandindo nossos horizontes.*

*Dedico este livro ao Alemão de Aquidauana e àqueles que afirmam ter experiências de abduções com seres alienígenas. Que seus contatos imediatos inspirem a busca incessante pela verdade e pela compreensão, enquanto navegamos pelas vastas e enigmáticas paisagens do universo.*

*Que cada palavra destas páginas sirva como uma luz na escuridão, guiando-nos através dos mistérios que habitam além do alcance de nossos olhos. Que juntos possamos explorar os limites da nossa compreensão e abraçar a infinita possibilidade do desconhecido, incluindo a existência de vida alienígena além da Terra.*

*Com gratidão e admiração,*

João Carlos Ibanhez, o Zamo.

## AGRADECIMENTOS

*Gostaria de expressar minha sincera gratidão às seguintes pessoas, cujas contribuições foram inestimáveis para o desenvolvimento desta pesquisa que explora a interseção entre a Geografia e a Ufologia:*

Luiz Gustavo Santosa,

Rodrigo Vicente,

Nelson Oliveira da Cunha,

Dieguinho Corrêa,

Wagner Daiane Goulart.

*Seja fornecendo insights valiosos, compartilhando conhecimento especializado ou oferecendo apoio moral, cada um de vocês desempenhou um papel fundamental na condução deste estudo. Suas perspectivas enriqueceram significativamente o meu entendimento e ampliaram os horizontes desta pesquisa. Seu comprometimento e generosidade são verdadeiramente apreciados, e é com profunda gratidão que reconheço sua contribuição para este trabalho.*

# APRESENTAÇÃO

A cena textual marcada pela multiplicidade de gêneros e estilos; o apelo para que as ciências, em todos os seus campos, façam explodir as fronteiras epistemológicas; a polifonia de vozes e de idiomas que permeiam os cantos e recantos da sociabilidade; a ideia corrente da necessidade de haver conexões de saberes e respeitos cognitivos; a feliz núpcia entre ciência, arte e ativismo popular, testemunham o que o mundo tem sido no século XXI: uma turbina efervescente de signos, de eventos entrançados e de possibilidades de ver o universo.

É nessa esteira que João Carlos Ibanhez, ser múltiplo qual o seu tempo e o seu espaço, nos apresenta o livro “Geografia e Ufologia: aproximações e distanciamentos”. Os capítulos e um excerto iniciam-se com um problema: “haveria uma forma da Geografia como ciência institucionalizada e acadêmica, se aproximar da Ufologia?”

Parece-me que uma premissa baliza o trabalho do autor: vivemos num mundo de eventos explicáveis e inexplicáveis. O encontro da Geografia, uma ciência, com a ufologia, uma pseudociência, se justifica aí. Aliás, se justifica também por outro motivo: ambos os saberes desenvolvem suas práticas esmerados no espaço.

O vento que deambula entre o dossel de árvores; a luz que repica e radia-se tingindo as paisagens; o baile noturno das estrelas e seu magnetismo; o universo que, ao mesmo tempo, expande e se contrai. Os buracos negros e a ervilha, grãozinho de vida, sem o qual o universo não dança. As partículas que, de tão miúdas, num passo de mágica de matéria, se transformam em energia, como a energia se torna matéria. A corrente sanguínea do corpo - e o turbilhão de ossos. O peso invisível das palavras que encham o pulmão de ar, ou seca-o como um território árido. O que há de paixão e de criancice em todos e os singulariza. O coice do Estado com a polícia empenhada em manter a ordem; a energética libidinal e a esfera do prazer e do gozo; os córregos por entre serras e o mar zombando de poetas - talvez; os pensamentos intrusos, as sensações

traumáticas, os arquétipos milenares e as crenças caladas; a cura pelo riso, a farmacopeia do amor... essa incrível irmandade de tudo que existe, as colisões meteóricas - e vai. Tudo isso atesta o que consagra a visão do autor neste livro: a necessidade de expor ideias e pensar situações do mundo que perturbam e não se têm resposta.

O autor sabe que a sua mensagem causa estranheza; sabe também que a palavra essencial do texto é imprimir os fatos do espaço. Sabe, ademais, que vemos o que não explicamos e vemos o que não tem nome. Mas, mesmo em ufologia, trabalha-se com relatos, depoimentos, imagens que povoam a cabeça de crianças, adultos e pessoas envelhecidas; fotografias. É, pois, um saber. Está no mundo.

O ritmo alucinado do texto de Ibanhez quer nos ensinar o que é essencial do texto: pôr nas palavras, nos enredos, nos gêneros, não apenas o mundo, os eventos da vida, mas a imaginação humana, as sensações das pessoas, o seu grito indefeso, a sua vontade de amar. O que assombra e faz interrogar; o que escapa da rotina e assusta. O incrível fado do desconhecido.

O autor questiona: a ciência necessita de rupturas? Isso pode ser traduzido assim: a geografia pode contentar-se com o seu alcance? É possível à geografia deslocar-se para o desconhecido? O autor centra a sua ideia dizendo que

Se a Geografia tem por objetivo o entendimento dos fenômenos que se constroem, objeto, ações e relações de sujeitos que se dão no meio que os envolvem na superfície da terra, o diálogo se pauta a partir do entendimento que prováveis objetos desconhecidos, possam estar “passeando” tanto nos vários níveis de entendimento de espaço como no subconsciente de nossa sociedade.

Aqui, penso eu, narrar as fábulas, os medos, o que se viveu, o que se desejou, o que sente e o que faz doer; narrar o que se vê, o que parece estranho, o que é rotineiro; o que nos habita e o que nos faz perplexos; a lâmina da luz, o sal do mar, a força interior, a tempestade; a loucura do tempo, o que é ínfimo, sutil, desterrado; o que não se calcula, não se mede, mas se monta nos sentidos.

As histórias humanas e força para inventar enredos, mundos, uma coisa emendando na outra. O espaço em todas as suas escalas e dimensões. O abnegado mundo do que não se explica, as manhãs tenras de janeiro. Eis o encontro do geográfico, do textual e do ufológico - é disso é que se trata.

*Eguimar Felício Chaveiro.*

*Professor Titular do Instituto de Estudos Socioambientais  
da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG).*

*Janeiro de 2024.*



# PRÓLOGO

## Universo

E assim, assustado e mudo,  
bem menor que um ínfimo  
grão de poeira, contudo,  
sou capaz de apreender, no meu íntimo,  
essas incontáveis galáxias,  
esses espaços sem fim,  
essa treva e explosões de lava.  
Como tudo isso cabe em mim?

*Em alguma parte alguma* (Ferreira Gullar, 2010, p. 80).

Esse livro surge como uma experimentação estrangeira em nível acadêmico. Há nele movimentos de escrita que evidenciam situações que emergem em nossa sociedade e parecem escapar aos domínios políticos da ciência, ou são mesmo renegados. O escopo de nossas argumentações inclina-se sobre o aparato da ufologia, pseudociência que transparece eventos que estão pairando em meio a sociedade, mesmo em nível de abstração.

O ponto de vista dessa pesquisa é de um geógrafo comprometido com outros devires na tentativa de criação de uma nova imagem de pensamento. Um encontro entre Geografia e ufologia.

O motor de arranque de nossa escrita é uma crítica construtiva para reconhecer que a ciência, como saber institucional e formalizado, ignora a ufologia e os fenômenos aos quais ela se ocupa e não podem ser explicados por métodos ou análises lógicas, partindo da linguagem imparcial. A razão tende a deixar os fenômenos inexplicáveis para os pseudocientistas. Se a ciência não é capaz de lidar com acontecimentos incompreensíveis, ela tende a desmerecer tudo relacionado ao estigma do OVNI, uma vez que abala sua autoridade epistemológica e seus fundamentos. Desta forma, os pesquisadores da ufologia ficam relegados à marginalização, na grande maioria com muita razão, uma vez que: até onde devemos acreditar nos OVNI, com o mundo povoado de fraudes? Realmente trata-se de uma espinhosa controversa. Ainda assim há de se questionar: estamos sozinhos na imensidão incomensurável do universo? Outros

tipos de vidas estão visitando o planeta Terra? Se sim, eles têm se movido na Geografia terráquea?

Colocada a crítica sobre os distanciamentos, como nós das humanidades espaciais podemos convergir com ufologia? Essa é uma pergunta norteadora de nosso trabalho. Partindo desse questionamento, iniciamos uma outra fase da pesquisa, que é a análise espacial de um relato que sobreveio no interior do território brasileiro e que foi parar como um capítulo no livro “*O Fenômeno Ufo*” do alemão Johannes von Buttlar.

Como sou o tipo de geógrafo dedicado aos romances e à poesia, decidi pôr em xeque o documento, provocando um debate de como devemos tratá-lo, uma vez que a Geografia dedica esforços dialógicos com a literatura. Tentamos desfazer o embaraço sobre a qualificação do termo literatura, suas limitações e alargamentos. Literatura é arte, é romance, é poesia e é conto, escritos que atestem a ficcionalidade. No entanto, o uso do termo literatura, pode-se referir a uma ementa bibliográfica, como constata o teórico Jonathan Culler, dizendo que, quando é anunciado, por exemplo, que a literatura sobre evolução é extensa, não significa que existam muitos poemas e romances sobre o assunto da evolução, mas que muito já foi escrito sobre isso, havendo vários livros discorrendo sobre o tema, ou seja, literatura surge como um sinônimo para bibliografia. É nessa tentativa de delimitação do relato do sujeito que chegamos à conclusão que a emaranhada complexidade dos signos que povoam nosso mundo é tratada pelo pós-estruturalismo simplesmente como *texto*. E isso vai corroborar com tratamento metodológico que sugere uma *geografia textual*, que reconhece a vasta gama de textos pertencentes à realidade social.

Como metodologia, imputamos o *geoexame*, que é o acesso a todas as parcelas textuais e depois comentadas espacialmente, uma maneira única de ligar as narrativas, um confronto entre o texto e o pesquisador geógrafo. Investimos em um questionamento a fim de direcionar nossa investigação: como um singular texto opera geograficamente?

*O contato fantástico, vivido por Antônio Villas Boas* é o relato de um sujeito simples, morador do campo no interior de Minas Gerais, que afirmou veemente ter sido abduzido por alienígenas e forçado a entrar em uma

espaçonave para fazer experimentos e relação sexual com uma extraterrestre. Ele vai detalhar todos os acontecimentos nos quais foi envolvido. O texto é organizado por três máquinas de falas: a máquina de fala do autor do livro que prepara e fecha todo entendimento do relato; a máquina de fala do sujeito alvo de contatação extraordinária, onde ele explica as circunstâncias nas quais foi comprometido; e, por fim, a máquina de fala de um médico, que realiza um laudo clínico no sujeito que alega ter sido raptado por alienígenas. Cada uma dessas máquinas é constituída de múltiplas peças.

Depois de dialogar geograficamente com o texto, decidimos colocar para a prova concreta um território que está sob o domínio do aparato da ufologia. Primeiramente acessamos os escassos estudos sobre uma comunidade chamada Zigurats, que fica localizada no interior de Mato Grosso do Sul, mais precisamente no município de Corguinho. A averiguação é que tal território está tomado pela paranormalidade e a ufologia, fascinando considerável número de pessoas que desejam se fixar ali e atraindo uma grande cifra de turistas para conhecer esse espaço. Depois, como geógrafos aventureiros que somos, decidimos ir *in loco* para de fato testemunharmos o que se passa naquele espaço que foge à padronização das relações sociais e arquitetura.

O desafio de construir um texto coerente é imenso; por isso seguimos o conselho de Schramm para empreender um estudo do fenômeno dos OVNI's.

Caso queiram explorar o fenômeno [de OVNI's] de forma abrangente, necessariamente [os cientistas] terão de enfatizar os aspectos culturais, dos imaginários aos mitos e folclores modernos, assim como também da relação entre a ciência e as paraciências, ainda que escolha, por exemplo, ter como fio condutor a análise de fontes militares e ações governamentais (Schramm, 2019, p. 59).

Basicamente nos enredamos pelos aspectos culturais do imaginário, e a conexão e desconexão entre ciência e pseudociência (paraciências).

Em último movimento de escrita, efetivamos nossas considerações finais. É nesse momento, depois de condensar uma posição sobre nossos resultados, que pudemos tirar conclusões a respeito do encontro entre Geografia e ufologia, desses *espaços sem fim*, como diria a poesia de Ferreira Gullar, trazendo alguns comentários sobre uma geopolítica em ascensão, algo sobre militares e ações governamentais.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	3
PRÓLOGO .....	6
INTRODUÇÃO .....	9
CAPÍTULO 1	
UFOLOGIA E CIÊNCIA: DISTANCIAMENTOS.....	18
CAPÍTULO 2	
DE QUE FORMA DEVEMOS TRATAR NOSSO ARTEFATO? .....	30
CAPÍTULO 3	
E O QUE SERIA O GEOEXAME? .....	49
ESPAÇO-ANÁLISE [GEOEXAME] TEXTUAL EM “O CONTATO FANTÁSTICO VIVIDO POR ANTÔNIO VILLAS BOAS” .....	50
CAPÍTULO 4	
POR UMA GEOGRAFIA DO TEXTO .....	109
CAPÍTULO 5	
GEOGRAFIAS CONCRETAS: ZIGURATS A CIDADE ALIENÍGENA .....	122
RELATO DE VIAGEM.....	132
EPÍLOGO .....	148
REFERÊNCIAS.....	155
SOBRE O AUTOR.....	160

## INTRODUÇÃO

Naturalmente, outros motivos além da nossa atração magnética para o geograficamente desconhecido exercem seu papel em nos fazer e nos manter geógrafos (Wright, 2014, p. 7).

[...] por que não estudar os OVNI, assim como os seres humanos estudam todo o resto? Pelo menos algo interessante pode ser aprendido sobre a Natureza<sup>1</sup> (Wendt; Duvall, 2008, p. 611, tradução nossa).

Há aqui algo muito embolado, entroncado, estranho e talvez algo complexo, já que o arranjo de ideias que colocaremos em xeque, vincula-se a uma prática de aproximação entre distintas regiões do conhecimento, que, quem sabe, nunca foram aproximadas. O que impulsiona o meu esforço nesse programa é a seguinte problemática: haveria uma forma da Geografia, como ciência institucionalizada e acadêmica, se aproximar da ufologia?

UFO (Unidentified Flying Object) é o correspondente em inglês de OVNI (Objeto Voador Não Identificado). A ufologia é configurada como uma pseudociência que emprega esforços para elucidar alguma forma de resposta para o fenômeno dos OVNI, Objetos Voadores Não Identificados. Recentemente, a NASA (National Aeronautics and Space Administration), que é agência espacial dos Estados Unidos, mudou a sigla OVNI/UFO para UAP (Unidentified Anomalous Phenomena), que em português significa Fenômenos Anômalos Não Identificados, os FANIs.

---

<sup>1</sup> Em inglês: “*why not study UFOs, just like human beings study everything else? At least something interesting might be learned about Nature.*”

Talvez por todo um estigma sobre os eventos inexplicáveis é que Geografia (ciência) e ufologia (pseudociência) quase nunca foram aproximadas. Elas também não se comunicam em seus objetivos, embora tenham em comum, em muitos momentos, a palavra espaço.

Diante dessa problemática, no meio a uma tentativa de aproximação, qual seria o papel da literatura/texto num quadro relativamente novo e confuso de expor ideias e pensar situações do mundo que perturbam e sobre as quais não se têm respostas?

Minha inquietação pode causar estranhamento nos círculos de debates e pautas das ciências humanas, impulsionada pela seguinte pergunta: enquanto geógrafos, como podemos dialogar com a ufologia? Como todo o aparato dos OVNIs tem produzido o espaço? Arrastamos também a problemática de Cook: “Os OVNIs são verdadeiramente globais e pan-humanos? Eles têm a mesma presença ou papel em todas as culturas? Todos os interpretam ou estudam da mesma maneira?”<sup>2</sup> (Cook, 2007, p. 2, tradução nossa). E mais ainda, a pergunta de Wendt e Duvall nos leva para outro patamar: “Pois se as anomalias de OVNIs não são potencialmente ETs, o que mais elas são?”<sup>3</sup> (Wendt; Duvall, 2008, p. 614, tradução nossa). São perguntas intrincadas, para as quais, talvez nunca teremos respostas com precisão; mas, se não estamos sozinhos, seres não-humanos podem estar ocupando/coagindo junto a terráqueos em nosso ambiente terrestre?

E qual o impacto dessa problemática para a Geografia, que busca entender as relações humanas e sociais em dado ambiente? Onde entra a literatura/texto no meio disso tudo? Tentaremos fazer o encaixe de peças tão desiguais em um mesmo mecanismo que se proponha a acolher essa diversidade de conhecimento. A qualidade da nossa ideia (mecanismo) é tentar englobar, em uma mesma escrita, conhecimentos da Geografia, textualidade e ufologia.

---

<sup>2</sup> Em inglês: “*Are UFOs truly global and panhuman? Do they have the same presence or role in every culture? Does everyone interpret or study them in the same ways?*”

<sup>3</sup> Em inglês: “*For if UFO anomalies are not potentially ETs, what else are they?*”

Já houve alguma circunstância desse naipe, envolvendo formas tão distintas de produzir e misturar conhecimento: Geografia, ufologia e texto. Não sabemos dar exatidão a alguma resposta a essa indagação porque, humildemente, talvez seja algo novo. O objetivo principal desse nosso estudo é efetuar uma aproximação geográfica junto à ufologia no momento da leitura de um texto, com a nossa própria escrita<sup>4</sup>, trazendo peças de longe, ou fabricando ela nós mesmo para fazer o encaixe do mecanismo. Talvez algumas de nossas afirmações ao longo da escrita possam ser recombinadas no futuro [conclusão], quando aí pode-se ganhar mais intimidade e experiência com aquilo que nos propusemos a realizar aqui no começo: uma convenção de circunstâncias que vai ganhando corpo em uma só unidade de integração; e, aí, poderemos ter algum pequenino triunfo.

Apostamos em alguma sorte, na nossa capacidade criadora de coligar multiplicidades dentro de esferas autônomas, tais quais elas entram em cena, já tendo plena consciência que nem tudo que fora e está sendo estudado foi submetido a alguma certificação pelos moldes científicos. Por isso, nos permitimos ousar alguma forma de aproximação (diálogo) entre Geografia e ufologia, partindo de um texto que paira nos círculos fechados do conhecimento.

Além do mais, em minha miserável opinião, a temática em questão, ufologia, ainda é pouco explorada (quase nula no Brasil), seja no debate do fenômeno em si, ou como fenômeno que gera pensamentos e transforma a sociedade e, conseqüentemente, seus ambientes. Tentarei alavancar uma discussão sobre como há uma influência da ufologia sobre o espaço. Isso, mais para o final do texto, mais como um objetivo secundário.

Ainda é confuso afirmar que estamos no campo da ciência, mas como temos aproximação com a produção geográfica e, tempos atrás, construímos uma pesquisa no campo do que podemos chamar de EspaçoSia, nos permitimos valeremos de alguma técnica aplicada lá. A Geografia como ciência, tem por

---

<sup>4</sup> Jones Dari Göetttert (2008), no começo da introdução de sua tese que virou livro, diz que nem tudo que se passa no momento da escrita é colocado na escrita. Nessas condições, faremos o exercício de pensar e registrar as nossas ideias no momento que vamos lendo, criando um movimento que dê conta de pensar as instâncias textuais espacialmente.

objetivo compreender as relações entre o sujeito e o ambiente envolvente, o que resulta no espaço geográfico e nas consequentes categorizações teórico-conceituais-epistemológicas, tais como: lugar, território, região, fronteira e outras. Para ser considerado geógrafo, é necessário que se tenha uma formação acadêmica, onde o conhecimento é adquirido em instituições de ensino superior em quatro anos, seguindo um cronograma de disciplinas correlativas, sistematizadas em um conjunto de saberes que se voltam ao suprasumo do espaço.

Arriscamos dizer que talvez estejamos no campo da ufologia; as justificativas são boas. Somos ufólogos por natureza<sup>5</sup>, não precisamos de certificados, nem números de horas e nem diplomação de alguma instituição acadêmica. Consideramo-nos tal, porque amamos o assunto e tudo relacionado a tal domínio sempre nos convida a alguma exploração pessoal.

Respondendo a uma pergunta posta ali atrás: se não falhamos em nossas investigações, em escala nacional (Brasil) e, mesmo, em nível de abrangência total da língua portuguesa, Geografia e ufologia talvez nunca foram aproximadas ou guerreadas. Não estamos absolutamente convencidos de que nunca ocorreu, e ficaríamos muitíssimos felizes sobre algo nesse estado, mesmo em qualquer língua, já que, em nossas explorações, não ajustamos um recobrimento universal de mapeamento sobre a situação.

Se, por um lado há um negativismo na formulação de aproximação entre Geografia e ufologia, isso não ocorre entre os campos da Geografia e da literatura/texto. Pode-se bater o martelo rapidamente sobre a existência desse encontro entre as duas áreas, acessando a internet. Em uma tomada rápida, a justaposição entre esses campos distintos, ciência (Geografia) e arte (literatura), ocorre desde meados do século XIX, em ocasiões que naturalistas acessavam romances como documentos suscetíveis a fornecer dados e informações a respeito de uma dada região.

---

<sup>5</sup> Conforme Batista (2006), eu flutuo entre o *Ufólogo Independente* e o *Ufólogo de Gabinete*. O primeiro “é o ufólogo que estuda, analisa, pesquisa e divulga casos ufológicos, sem estar filiado ou mesmo sem estar cadastrado em instituição ufológica”; o segundo “compila assuntos ufológicos exclusivamente por televisão, jornais, revista e *web*. Sua principal característica é o fato de nunca sair de sua casa para investigar eventos ufológicos” (p. 10).



Muito já se foi debatido sobre essa junção, especialmente depois da *virada espacial* ocorrida nos anos de 1970. Trabalhos foram produzidos com óticas, métodos e objetivos diferentes. Já vimos trabalhos que espacializam as narrativas por meio de técnicas de geoprocessamento.

Então, esse é o meio que arranjam para aproximar um conjunto de situações fragmentadas num mesmo mecanismo maquinal: geógrafo analista de poesia, que penetra no terreno das escrituras para aquisição de dados, informações, conhecimentos, e para dialogar espacialmente com a ufologia. Não é verdade que os geógrafos acessam a literatura para dialogar e produzirem conhecimento? Não é assim mesmo que Freud fez com sua vertente de ciência? Ele buscou luz na literatura e elementos para elucidar determinada forma de resposta a certos casos clínicos, pois não localizava referências na medicina. A ampliação da maioria do conhecimento da psiquiatria se deu também por aí<sup>6</sup>. Em nossa ocasião, acessaremos uma literatura voltada para a ufologia. O “artefato” material que temos em nossos arquivos e biblioteca particular é *O Fenômeno UFO*, de Johannes von Buttlar, publicado pela editora Círculo do Livro S. A., cujo título do original é: “*Das UFO-Phanomem*”, de 1978, considerando que “Na década de 1970, as chamadas ‘abduções de OVNIs’ estavam na vanguarda das atenções<sup>7</sup>” (Petrescu *et al.*, 2017, p. 86, tradução nossa).

Aqui, em nosso programa há uma palavra de ordem: experimentar. Não há modelos a serem seguidos nem procedimentos a serem implantados; fórmulas prontas são abolidas das casualidades. Há, sim, alguma simpática crítica para explodir possibilidades. Se gostamos de algumas contribuições, pegamos um pedaço daqui, e englobamos um trecho dali. Os suportes podem vir de qualquer lugar que possa nos ajudar conforme a situação que vai se sucedendo. Entretanto, acreditamos na nossa capacidade criadora de argumentação diante da problemática que arranjam, já que o terreno se demonstra bastante instável.

---

<sup>6</sup> Lemos isso em algum lugar, mas não lembramos onde seria. Se o meu texto passa por uma banca avaliativa, vão pedir para referenciar o que acabo de pôr na escrita.

<sup>7</sup> Em inglês: “*In the 1970s, the so-called “UFO abductions” were at the forefront of attention.*”

Esse diálogo que estamos tentando realizar abre brechas para nos colocarmos como mediadores de criação/idealização de significações espaciais. A mediação se dá entre o texto de valor ufológico e nós, leitores geógrafos, na confecção de novos sentidos geográficos. A escassez de referências acadêmicas que nos deem suporte com estabilidade referencial comparativa tende a torná-las menos aceitas na academia. Entretanto, na substância das explicações aqui apresentadas para fins de construção de sentido de espacialidades, estaremos compondo referências para pesquisas futuras nessa nova proposição de leitura dialógica.

Nossa programação pode ser conflituosa ao longo da escrita. É claro que isso não impede a revisão de ideias, mesmo que tudo isso pareça loucura e muitos possam achar um caso clínico, suscetível a uma temporada no sanatório. Ante qualquer crítica (se houver), gostaríamos singelamente de “fundar um novo campo” dentro dos estudos espaciais: Estudos textuais da ufologia na Geografia. A partir daqui, abrimos espaço para quem quiser se aproximar da ufologia geograficamente. Na verdade, ninguém precisa de meu aval; apenas é uma espécie de encorajamento.

Mas, a partir destas primeiras considerações nos vemos envolvido num grande problema, uma grande confusão, uma questão um tanto delicada de relações complexas. A nossa literatura [livro; texto; escritura; documento; artefato] não é uma obra artística. E é justamente nesse ponto que vivemos um grande drama de tirar muitas noites de sonos. Se não é arte, podemos chamar um tal produto textual de Literatura? Esse livro que temos em nossas mãos não é uma poesia; não é romance; não é conto, mas poderia muito bem ser um conto! É uma ficção? O fato de ser ou não ser uma ficção<sup>8</sup> é também uma problemática que não se resolverá aqui. Essa questão de ficção é muito relativa: “Nem toda literatura é do gênero ou do tipo ‘ficção’, mas há ficcionalidade em

---

<sup>8</sup> Sobre essa questão de ficção, “A filosofia, o direito, a teoria política, funcionam por metáforas tal como os poemas, e, portanto, são tão ficcionais quanto os poemas. Como as metáforas são essencialmente ‘desembasadas’, simples substituições de uma série de signos por outra, a linguagem tende a trair a sua própria natureza fictícia e arbitrária, exatamente naqueles pontos em que se propõe a ser mais intensamente persuasiva” (Eagleton, 2006, p. 2018).

toda literatura. Seria preciso encontrar uma palavra diferente de ‘ficção’” (Derrida, 2014, p. 73).

Mas a documentação que temos em nossas mãos trata desse assunto espacial do qual já estamos falando desde os primeiros parágrafos. Há muito que as pessoas vêm relatando avistamentos e experiências bastantes singulares. Segundo Nicholas Peter Spanos, falecido professor de psicologia e diretor do Laboratório de Hipnose Experimental na Carleton University em Ottawa, Canadá:

Muitas pessoas simplesmente relatam ter visto luzes ou objetos no céu que parecem incomuns ou que fazem movimentos incomuns e que interpretam como OVNIs. Outros, porém, relatam experiências mais elaboradas que incluem ver uma espaçonave de perto; contato visual, verbal, físico ou telepático com habitantes de OVNIs; rapto por habitantes de OVNIs<sup>9</sup> (Spanos *et al.*, 1993, p. 625, tradução nossa).

Esse livro, *O Fenômeno UFO*, é um relato (o livro contém um amontoado de *relatos, experiências e acontecimentos*), como o autor afirma no primeiro parágrafo da escrita do seu livro.

Somente após vencer pesados escrúpulos e depois de sérias e profundas reflexões é que resolvi redigir este relato sobre os motivos que se ocultam por trás do mundialmente conhecido fenômeno dos objetos voadores não identificados (Buttler, 1978, p. 9)<sup>10</sup>.

O livro todo é uma acumulação de *episódios* e *relatos* organizados e redigidos pelo autor na forma de livro, vencendo seus próprios escrúpulos e, talvez, um acanhamento diante da sociedade, devido ao polêmico assunto, porque “[...] foi só no início da década de 1950 que a chamada “hipótese extraterrestre” (isto é, que os OVNIs, ou “discos voadores”, eram naves espaciais alienígenas) se tornou a explicação dominante na América do Norte”<sup>11</sup> (Cook, 2007, p. 3, tradução nossa). O autor continua mais a frente: “Existem inúmeros

---

<sup>9</sup> Em inglês: “Many individuals simply report seeing lights or objects in the sky that appear to be unusual or that make unusual movements and which they interpret as UFOs. Others, however, report more elaborate experiences that include seeing a spacecraft close up; visual, verbal, physical, or telepathic contact with UFO inhabitants; abduction by UFO inhabitants.”

<sup>10</sup> Nas citações diretas sobre o livro de Buttler, usarei o ano da publicação original (1978).

<sup>11</sup> Em inglês: “[...] it was not until the early 1950s that the so-called “extraterrestrial hypothesis” (i.e., that UFOs, or “flying saucers,” were alien spacecraft) became the dominant explanation in North America.”

relatos oriundos de todas as partes do globo terrestre que falam das confrontações com objetos voadores desconhecidos” (Buttlar, 1978, p. 9). O autor sinaliza que 15 milhões de pessoas já viram OVNI no planeta. Contudo, esse dado de 15 milhões de pessoas com seus avistamentos e experiências tem seu número reduzido por escassos estudos científicos e publicados em renomadas revistas científicas, mais especificamente na teoria política. Segundo Alexander Wendt & Raymond Duvall (2008, p. 610, tradução nossa), “desde 1947, mais de 100.000 OVNI foram relatados em todo o mundo, muitos deles por militares.”<sup>12</sup> Aqui há de se levar em conta que se trata de um contraponto entre estudos que não se unem em suas categorias de análise; por isso há a discrepância. Os próprios autores em nota de rodapé dizem o seguinte: “Na literatura, 100.000 é um número estilizado, pois não existe um banco de dados completo<sup>13</sup>” (Wendt; Duvall, 2008, p. 629, tradução nossa).

Johannes von Buttlar ainda sugere o seguinte:

Independentemente da maneira como o queiramos encarar, semelhante fenômeno merece atenção. E, visto que todo escritor deveria se conscientizar de que a sua missão consiste em buscar a verdade, achei por bem aceitar o desafio (Buttlar, 1978, p. 90).

Talvez este seja, agora, um desafio nosso. Não um desafio da verdade, mas, sim, um desafio de mesclar situações autônomas que de alguma forma, deem liga num mesmo caldeirão: “o difícil é fazer com que todos os elementos de um conjunto não homogêneo conspiram, fazê-los funcionar juntos” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 43).

Aliás, trata-se de um desafio de um diálogo completamente fora do rol de encaixe das formalidades científicas, mas, ainda assim, minimamente dentro do ambiente epistemológico geográfico possível de análise. Seremos apenas um agenciador que tenta uma ruptura para conectar outras *linhas de fugas*. Se não formos bem-sucedidos em nossa tentativa (diálogo), pelos menos apresentaremos aos leitores este texto que esteve perdido no tempo, e isso,

---

<sup>12</sup> Em inglês: “[...] since 1947 over 100,000 UFOs have been reported worldwide, many by militaries.”

<sup>13</sup> Em inglês: “In the literature, 100,000 is a stylized figure since there is no complete database.”

talvez modestamente, já seria um grande ato. Mas não será todo o livro que utilizaremos para uma conexão em nosso programa, será apenas uma parcela do volume. O livro contém muitas informações, vários conteúdos. São dezesseis tópicos de relatos de situações capturadas em várias partes do globo em diferentes épocas, já que

[...] em meados da década de 1960, relatos supostamente verdadeiros de pessoas que alegavam ter sido abduzidas por OVNI's alienígenas começaram a aparecer (por exemplo, Fuller, 1966). Algumas dessas contas ganharam grande notoriedade<sup>14</sup> (Spanos; Burgess; Burgess, 2008, p. 437, tradução nossa).

No livro há uma fragmentação generalizada. Seria um programa muito ousado colocar em pauta todo conteúdo do livro num projeto geográfico. Não ousamos tanto. É claro que todo o seu conteúdo é passível de uma análise textual geográfica; no entanto, aqui a apreciação é reduzida, se assim podemos chamar, a apenas um “capítulo”. “O contato fantástico, vivido por Antônio Villas Boas”, que está entre as páginas 97-116 do livro, é o substrato para escavarmos uma brandura no diálogo entre Geografia, texto e ufologia.

Para iniciarmos os trabalhos, faremos um levantamento sobre o que os poucos artigos científicos têm comentado sobre a situação geral dos OVNI's. Em um segundo movimento de escrita faremos uma discussão para atestarmos de que forma devemos tratar nosso *objeto de pesquisa* em sentidos semânticos. Em seguida, faremos uma discussão imbricada relacionada à metodologia de *ataque* geográfico ao artefato ufológico.

Após isso, de fato, acontece o ataque geográfico ao produto textual, exibindo todo o seu conteúdo e sua conexão espacial. Daí, a possibilidade de coligação com as categorias geográficas no próximo item. No próximo movimento de escrita, tentaremos arrastar uma realidade palpável para demonstrar uma outra maneira do geógrafo se aproximar da ufologia, no que concerne à produção do espaço e, conseqüentemente, ao pensamento que paira na superfície terrestre.

---

<sup>14</sup> Em inglês: “[...] by the mid-1960s purportedly true accounts of people who claimed to have been abducted by UFO aliens began to appear (e.g., Fuller, 1966). Some of these accounts gained a great deal of notoriety.”

## CAPÍTULO 1

### Ufologia e ciência: distanciamentos

O que a ciência em geral tem comentado sobre todo o aparato dos OVNIs? O que os artigos científicos, instituídos em revistas científicas têm comentado sobre esse assunto?

Segundo o psicólogo clínico Thierry Lamote, apoiado no livro de Jean-Claude Maleval, *Amazing mystifications of authoritarian psychotherapy* (2012), a popularização do termo OVNI se deu em 1938 quando o famoso programa de rádio de Orson Welles disse para dois milhões de norte-americanos que a Terra estava sendo invadida por marcianos. Mais adiante, ele menciona o livro de Cyril Le, *Tallem Les Sectes Ufologiques*, o qual apresenta que Kenneth Arnolda, um piloto norte-americano, diz se deparar com nove discos voadores se movendo a mais de 200 km por hora (Lamote, 2015).

Já em outro documento, é dito que o termo UFO foi criado oficialmente depois desses eventos marcantes citados no parágrafo anterior.

O termo "UFO" (ou "UFOB") foi criado oficialmente em 1953 pela Força Aérea dos Estados Unidos (USAF) para ser usado como um termo único para todos esses relatórios. Na sua forma inicial, a USAF declarou que um "OVNI" é "qualquer objeto no ar que através do desempenho, características aerodinâmicas ou características incomuns não esteja em conformidade com qualquer aeronave ou tipo de foguete atualmente conhecido ou que não possa ser identificado positivamente"<sup>15</sup> (Petrescu *et al.*, 2017, p. 80, tradução nossa).

O termo UFO teve uma abrangência muito grande ao longo do tempo, o que implica vários significados, desde objetos, foguetes, e situações meteorológicas, mas que não tem conformidades com experiências já

---

<sup>15</sup> Em Inglês: "The term 'UFO' (or 'UFOB') was officially created in 1953 by the United States Air Force (USAF) in order to be used as a single term for all such reports. In its initial form, the USAF has stated that a 'UFOB' is 'any object in the air that through performance, aerodynamic characteristics or unusual features does not conform to any aircraft or rocket type currently known or which can't be positively identified'."

formalizadas ou experimentadas pela humanidade. Em sua pesquisa “Turismo e Ufologia: Ufo turismo” (Brasília-DF, 2006), Ana Rita Sabbag Amaral Batista, dentro de limites propostos estabelecidos entre áreas distintas do conhecimento, faz um ótimo levantamento e traz dados históricos a respeito da ufologia. A pesquisadora levanta que há escassez de documentos por parte dos estudos acadêmicos universitários e dados como científicos. Neste trabalho, é observado que a ufologia é entendida por três correntes independentes de pensamentos que geram, ente si, grande desarmonia: ufologia científica, ufologia mística e ufologia holística. Em muitos casos, a ufologia mística e holística se assemelha à religião e, por isso, se distanciam da ufologia científica. No entanto, “por um lado, muitos ufólogos insistem em distanciar a sua prática do rótulo de religião, já que a ciência é considerada o modelo para a busca e estudo de OVNI e ETs”<sup>16</sup> (Almeida, 2018, p. 1, tradução nossa).

O estudo da ufologia tem por meta principal o estudo de relatos, registros visuais, evidências físicas e demais fenômenos relacionados aos objetos voadores não identificados em qualquer ponto do globo terrestre de suas supostas ocorrências. Para ser considerado “ufólogo”, basta adquirir conhecimento pautado na experiência própria ou na busca por dados (relatos, lendas, “causos”, fotografias, vídeos, reportagens, livros, revistas etc.) sobre seres e objetos não identificáveis. Joseph Blake, em um estudo sociológico, comenta o que se entende por ufologia.

Por ufologia entendemos o estudo de objetos voadores não identificados como elementos de um esquema teórico-conceitual independente. Esta é uma forma indireta de se referir à ufologia como uma “ciência”, necessária pelo fato de o seu estatuto como “ciência” ser questionado. No entanto, a ufologia desenvolveu-se como um corpo distinto de dados estudados por investigadores distintamente “credenciados”, alguns deles afiliados a organizações dedicadas ao estudo de OVNI. A ufologia também está em processo de desenvolvimento de esquemas teóricos distintos e apropriados à sua base de dados<sup>17</sup> (Blake, 1979, p. 315, tradução nossa).

---

<sup>16</sup> Em inglês: “On the one hand, many UFOlogists insist to distance their practice from the label of religion, as science is considered as the model for the search and study of UFOs and E.Ts.”

<sup>17</sup> Em inglês: “By ufology we mean the study of unidentified flying objects as elements in an independent theoretical-conceptual scheme. This is a roundabout way of referring to ufology as a 'science', necessitated by the fact that its status as a 'science' is questioned. Yet, ufology has developed as a distinct body of data studied by distinctly 'credentialled' investigators, some of

A ufologia foi se constituindo como uma forma de conhecimento fora dos portões das instituições de ensino acadêmico/científico, tendo que se organizar de forma independente, porque seus pesquisadores estavam fora do rol de credenciamento legalizado. Se a ufologia é um saber que não se entremeia pelas instituições de ensino superior, conseqüentemente não é considerada ciência (pelo menos, não no Brasil).

Há certos motivos para o total descaso da acadêmica científica para os questionamentos dos OVNIs. Na teoria política, Alexander Wendt e Raymond Duvall (2008), no artigo *Sovereignty and the UFO*, que, em tradução livre seria “Soberania e OVNI”, dizem que: “Ufologia é considerada uma pseudociência que ameaça os fundamentos da autoridade científica, e os poucos cientistas que demonstraram interesse público nos OVNIs fizeram-no a um custo considerável<sup>18</sup>” (Wendt; Duvall, 2008, p. 610, tradução nossa).

O que percebemos, então, é que o saber acadêmico, em seus vários níveis, tem desprezado o contexto dos OVNIs e “embora a questão da existência alienígena tenha fascinado os humanos durante séculos, o estudo científico dos OVNIs é uma área de pesquisa relativamente nova<sup>19</sup>” (Runnels, 2019, p. 14, tradução nossa). Praticamente não houve incentivo de órgãos científicos e os Estados praticamente ignoraram o fato geral.

[...] nem a comunidade científica nem os Estados fizeram esforços sérios para os identificar, permanecendo a grande maioria completamente não investigada. A ciência dos OVNIs é minúscula e profundamente marginalizada. Embora muitos cientistas pensem, em particular, que os OVNIs merecem ser estudados, não há oportunidades ou incentivos para fazê-lo. Com quase nenhuma variação significativa, os Estados - todos os mais de 190 deles - também têm se mostrado notavelmente desinteressados. Alguns se dedicaram ao estudo de casos individuais, mas com ainda menos exceções, essas investigações não foram nem objetivas nem sistemáticas, e nenhum Estado realmente procurou OVNIs para descobrir padrões maiores<sup>20</sup> (Wendt; Duvall, 2008, p. 610, tradução nossa).

---

*them affiliated with organizations devoted to the study of UFOs. Ufology is also in the process of developing distinct theoretical schema appropriate to its data base.”*

<sup>18</sup> Em inglês: “*Ufology is decried as a pseudo-science that threatens the foundations of scientific authority, and the few scientists who have taken a public interest in UFOs have done so at considerable cost.*”

<sup>19</sup> Em inglês: “*While the question of alien existence has fascinated humans for centuries, the scientific study of UFOs is a fairly new area of research.*”

<sup>20</sup> Em inglês: “*[...] neither the scientific community nor states have made serious efforts to identify them, the vast majority remaining completely uninvestigated. The science of UFOs is*



Houve um descaso generalizado em relação ao fenômeno do OVNI, tanto pela ciência em geral como pelos Estados. E ainda há o fato de muitos cientistas fazerem esforços para deslegitimar os relatos e todo conhecimento vindo da ufologia. Em uma revista internacional de política e política espacial, a *Astropolitics*, que, em tradução livre seria *Astropolítica*, Adam Dodd comenta porque o conhecimento da ufologia é segregado.

O trabalho que os cientistas fazem para segregar discursivamente os OVNI da investigação científica, e para desencorajar o interesse público e profissional nos OVNI como fenômenos anômalos, pode ser visto como algo mais grandioso do que um mero trabalho facial ou de limites; representa uma espécie de “**trabalho de fronteira terrestre**” coletivo que, em última análise, assegura um excepcionalismo antropocêntrico, baseado na Terra, típico do humanismo clássico, mas cada vez mais incompatível com a emergência do pós-humanismo e com o que foi recentemente denominado “**a viragem não-humana**”. Tal como este excepcionalismo antropocêntrico exigiu trabalho para ser estabelecido, também exige trabalho para ser mantido<sup>21</sup> (Dodd, 2018, p. 92, tradução nossa, ênfases nossas).

A ciência em geral se esforçou para segregar o conhecimento da ufologia porque se baseia no antropocentrismo, que atesta um trabalho de fronteira terrestre, onde o que realmente importa é o que está vinculado com a superfície terrestre, a geografia dos humanos, negando o que tem se denominado por “viragem não-humana.” Isso endossa as fronteiras ontológicas e epistemológicas.

Greg Eghigian, professor de História da universidade estadual da Pensilvânia, explorando a história da Ufologia no artigo “*Making UFOs make sense: Ufology, science, and the history of their mutual mistrust*” (tradução livre: “*Fazendo com que os OVNI façam sentido: Ufologia, ciência e a história*

---

*minuscule and deeply marginalized. Although many scientists think privately that UFOs deserve study, there are no opportunities or incentives to do it. With almost no meaningful variation, states—all 190+ of them—have been notably uninterested as well. A few have gone through the motions of studying individual cases, but with even fewer exceptions these inquiries have been neither objective nor systematic, and no state has actually looked for UFOs to discover larger patterns.”*

<sup>21</sup> Em inglês: “*The work that scientists do to discursively segregate UFOs from scientific inquiry, and to discourage public and professional interest in UFOs as anomalous phenomena, can be seen as something grander than mere facework or boundary-work; it represents a kind of collective “terrestrial boundary-work” that ultimately ensures an anthropocentric, Earth-based exceptionalism typical of classical humanism, but increasingly incompatible with the emergence of posthumanism and what has recently been termed “the nonhuman turn.”. Just as this anthropocentric exceptionalism required work to establish, so too does it require work to maintain.”*

de sua desconfiança mútua”), levanta a relação complexa e conflituosa com a ciência:

A relativa curiosidade e abertura do público à noção de visitação extraterrestre tem historicamente contrastado fortemente com as opiniões dos cientistas. Em geral, os pesquisadores acadêmicos rejeitaram categoricamente a ufologia, a “pseudoarqueologia” e as alegações de contato com alienígenas como equivocadas, irracionais e perigosas (Stoczkowski, 2007). Os cientistas naturais, em particular, têm-se contentado em deixar a discussão sobre o assunto para outros, marginalizando as conversas sobre visitantes de outros planetas como um assunto indigno de consideração profissional séria. Este silêncio e silenciamento foram apelidados por Schetsche e Engelbrecht (2008) de uma forma de “estigmatização social” a serviço da ortodoxia acadêmica<sup>22</sup> (Eghigian, 2017, p. 613, tradução nossa).

Alguns cientistas têm tratado a Ufologia como pseudoarqueologia, afastando-se dela afirmando até ser ela imprudente, perigosa, e indigna de elaboração de estudos rígidos e sérios. Como os cientistas, via de regra, deixam o assunto para outros, conferindo uma “estigmatização social”, temos um artefato em mãos que já está flutuando nas geografias do mundo há mais de quarenta anos.

Ryan J. Cook, professor assistente visitante do Departamento de Antropologia de Loyola University Chicago, em artigo intitulado “*Trust No One: UFOs, Anthropology, and Problems of Knowledge*”, levanta que há outras fronteiras quando se trata de OVNI: as ontológicas e epistemológicas.

Ao abordar o assunto dos OVNI de qualquer ângulo que escolhermos, logo nos encontraremos diante de fronteiras ontológicas e epistemológicas muito poderosas. Os fenômenos são “reais” ou não? Em que sentido? Como podemos saber algo sobre eles de forma definitiva, ou mesmo substancial? Até que ponto acreditar em OVNI está interligado com vê-los? Pensando neles? Estas questões subsidiárias também não desapareceram, apesar de quase seis décadas de investigação<sup>23</sup> (Cook, 2007, p. 1, tradução nossa).

---

<sup>22</sup> Em inglês: “*The public’s relative curiosity about and openness to the notion of extraterrestrial visitation historically has stood in stark contrast to the views of scientists. By and large, academic researchers have categorically dismissed ufology, “pseudoarcheology,” and claims of alien contact as wrongheaded, irrational, and dangerous (Stoczkowski, 2007). Natural scientists in particular have been mostly content leaving discussion about the matter to others, marginalizing talk of visitors from other planets as a subject unworthy of serious professional consideration. This silence and silencing has been dubbed by Schetsche and Engelbrecht (2008) a form of “social stigmatization” in the service of scholarly orthodoxy.*”

<sup>23</sup> Em inglês: “*In pursuing the subject of UFOs from whatever angle we choose, we soon find ourselves up against very powerful ontological and epistemological boundaries. Are the phenomena “real” or not? In what sense? How can we know anything about them definitively,*

Há muitas dúvidas que têm frustrado a humanidade por várias décadas. Os fenômenos de OVNIs são reais? Devemos acreditar quando se aludem a eles? De que maneira se pode ter alguma certeza sobre eles? Estas são Incertezas que parecem que vão pairar sob um fluxo bastante instável no conhecimento público e institucional do saber.

Em artigo intitulado “*Faculty perceptions of unidentified aerial phenomena*” (tradução livre: “Percepções do corpo docente sobre fenômenos aéreos não identificados”) de Marissa E. Yingling, Charlton W. Yingling e Bethany A. Bell, resultante de uma pesquisa qualitativa com professores e pesquisadores, foi demonstrado que os participantes consideraram importante a avaliação acadêmica das informações sobre OVNIS e a confecção de mais pesquisas acadêmicas sobre este tópico (Yingling *et al.*, 2023).

O sociólogo e geógrafo<sup>24</sup> Edgar Wunder, do Departamento de Geografia Social do Instituto Geográfico da Universidade de Heidelberg, no artigo “*UFO-Sichtungserfahrungen aus der Perspektive der Sozialwissenschaften. Literatur-Überblick, aktueller Forschungsstand, offene Fragen*”, que, em tradução livre, quer dizer “Experiências de avistamento de OVNIs na perspectiva das ciências sociais. Visão geral da literatura, estado atual da pesquisa, questões abertas” diz que a ciência não pode mais se abster das questões gerais dos OVNIs.

[...] muitas vezes, no discurso público, é dado como certo que os avistamentos de OVNIs não são totalmente “normais”. Pode-se presumir que essa suposição se baseia no fato de que as experiências de avistamento de OVNIs implicitamente questionam a validade dos padrões de interpretação que são capazes de consenso em uma sociedade, que as experiências correspondentes são, portanto, avaliadas como comportamento desviante e que o “desviante” não é considerado “normal” [...] A ciência, como o sistema central de legitimação das sociedades modernas e seus padrões de interpretação baseados no “conhecimento”, não pode ficar alheia a isso, pois isso colocaria em questão sua reivindicação e função para a sociedade. Por esse motivo, é provável que os cientistas se sintam particularmente desafiados e motivados a reforçar esses preconceitos, a cultivá-los em seus próprios meios sociais e a desenvolver e postular justificativas teóricas sobre o motivo

---

*or even substantially? To what degree is believing in UFOs intertwined with seeing them? With thinking about them? These subsidiary questions too have not gone away despite nearly six decades of investigation.”*

<sup>24</sup> Edgar Wunder é um dos únicos geógrafos a fazer algum tipo de experimentação e reflexão diante do aparato da Ufologia.

pelo qual as pessoas com experiências de avistamento de óvnis - de qualquer forma - são consideradas “desviantes”<sup>25</sup> (Wunder, 2006, p. 166, tradução nossa).

Há um discurso por parte dos cientistas que se esforçam em reforçar algum tipo de preconceito com o fenômeno UFO. Isso se explica porque, mesmo que haja algo por trás dos fenômenos, a ciência não dispõe seu corpo de pesquisadores ativamente se debruçando neste tipo de estudo. Essa força dos fenômenos então poria em xeque a própria utilidade da ciência. Dessa maneira, portanto, seria melhor empurrar para as margens do que se atentar aos fenômenos em si. Sem embargo, a ciência em geral não pode ficar desprovida de envolvimento com a ufologia.

Há de se levar em conta que há uma insciência bastante fortificada por parte de várias instâncias devido a fatores que podem levar a perturbação e ao caos. As evidências geralmente são ignoradas pelas grandes corporações de conhecimento e a academia em geral; no entanto, a procura por vida inteligente fora da geografia do nosso mundo recebe investimentos da ciência.

(...) o conhecimento sobre OVNI é “conhecimento fora do lugar” e pode ser considerado uma forma de “poluição de informação, situando-se nos limites do que é organizacionalmente cognoscível e não cognoscível”. Embora as evidências de OVNI imediatos sejam estrategicamente ignoradas, recursos consideráveis são dedicados à busca de evidências de vida e inteligência extraterrestres nos reinos distantes do microscópico, do espaço profundo e do tempo profundo. De forma reveladora, estes são domínios em que tal descoberta seria menos perturbadora para a ordem antropocêntrica contemporânea. Neste sentido, o conhecimento sobre OVNI é um conhecimento perigoso, porque “admiti-lo no domínio do que é 'conhecido' pode minar os princípios organizacionais de uma sociedade ou organização”, enquanto “não admitir tal informação também

---

<sup>25</sup> Do alemão: “[...] wird im öffentlichen Diskurs oft mit großer Selbstverständlichkeit davon ausgegangen, UFO-Sichter seien nicht ganz „normal“. Man kann vermuten, dass jene Unterstellung darin begründet liegt, dass UFO-Sichtungserfahrungen implizit die Geltung der in einer Gesellschaft konsensfähigen Deutungsmuster in Frage stellen, entsprechendes Erleben deshalb als abweichendes Verhalten gewertet und das „Abweichende“ [...]. Die Wissenschaft als das zentrale, auf „Wissen“ bezogene Legitimationssystem moderner Gesellschaften und ihrer Deutungsmuster kann hier nicht unbeteiligt bleiben, weil dies ihren Anspruch und ihre Funktion für die Gesellschaft in Frage stellen würde. Deshalb dürften sich gerade Wissenschaftler besonders herausgefordert und motiviert fühlen, entsprechende Vorurteile zu bekräftigen, in ihren eigenen sozialen Milieus zu kultivieren und theoretische Begründungen zu entwickeln und zu postulieren, warum Menschen mit UFO-Sichtungserfahrungen - in welcher Weise auch immer - als „abweichend“ [...]”

pode ter efeitos deletérios sobre as instituições, diretamente ou tornando-os propensos a críticas de outras partes da sociedade que eles ‘deveriam’ saber<sup>26</sup> (Dodd, 2018, p. 92, tradução nossa).

Astrobiologia, Astronomia, Física e Geociências, têm em suas pautas descobrir evidências de vida pulsando fora da geografia terrestre no tempo e espaço profundo. Talvez a descoberta de vida fora seja menos perturbadora para os homens do que a descoberta de visitantes extraterrenos em nosso planeta. Além do mais, se as nossas instituições não possuem qualquer conhecimento sobre OVNIs, mas, de alguma forma, se alguém trazer evidências, esse fato pode gerar desconfiança em vários setores da sociedade e efeitos deletérios, propiciando um caos planetário.

Devido a todas essas situações que foram colocadas até o momento, há uma deslegitimação por parte dos fenômenos que ainda não se podem ser completamente entendidos, e as pessoas que se envolvem com algum tipo de estudo desse naipe, também não são dignas de crédito científico. Justamente por isso, estudos como este talvez possam ser julgados como devaneios e loucuras.

### **Problemática nuclear**

Porque desejamos aplicar tantos esforços no texto de Johannes von Buttlar? Em primeiro lugar, tem-se que se trata de um texto específico sobre um tema que nos agrada muito e sobre o qual gostaríamos de ousar geograficamente, para demonstrar que é possível analisar outros textos que estão fora do ambiente da poesia, do romance, da crônica, dos relatos de viagens, ou da literatura em geral como vertente da arte, em sentido literal. E, em segundo, porque a substância textual refere-se a um caso que paira

---

<sup>26</sup> Em inglês: “(...) knowledge about UFOs is “knowledge out of place,” and can be considered a form of “information pollution, lying on the boundaries of what is organizationally knowable and not knowable.” While the evidence for immediate UFOs is strategically ignored, considerable resources are devoted to searching for evidence of extraterrestrial life and intelligence in the distant realms of the microscopic, deep space, and deep time. Tellingly, these are domains in which such a discovery would be least disruptive to the contemporary anthropocentric order. In this sense, knowledge of UFOs is dangerous knowledge, because “admitting it to the realm of what is ‘known’ may undermine the organizational principles of a society or organization,” while “not admitting such information may also have deleterious effects on institutions, either directly or by making them prone to criticism from other parts of society that they ‘ought’ to have known.”

dentro das especulações territoriais do Estado brasileiro. Thierry Lamote citando Cyril Le Tallec diz que no Brasil, a partir de agosto de 1947, iniciaram-se relatos de aventuras ligadas a uma “abdução extraterrestre” (Lamote, 2015). Breno Leonardo Martins diz o seguinte em sua tese em psicologia social “*Na trilha dos alienígenas: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências ufológicas e paranormais*”: “o Brasil é conhecido na mídia e na ufologia internacionais por suas copiosas e estranhas experiências, crenças e organizações grupais associadas a alienígenas e óvnis [sic]” (2015, p. 39). No globo todo, os anos de 1946-47 foram muito importantes para todo conhecimento dos OVNIs.

Relatos em 1946/1947 de objetos voadores estranhos, semelhantes a discos e foguetes, sinalizaram o início de sete décadas de alegações da existência de objetos voadores não identificados (OVNIs) vindos do espaço, encontros com alienígenas e “antigos astronautas”<sup>27</sup> (Eghigian, 2017, p. 612, tradução nossa).

Devido às ocorrências arroladas desde os anos citados, as “linhas de fugas” vêm registrando os eventos extraordinários. Von Buttlar ronda o mundo, resgata esses relatos, e estaciona em algumas páginas em nosso terreno nacional. Sem nenhuma explicação, o texto simplesmente surge no livro.

A ideia de eleger tal texto para um diálogo geográfico é a de refletir sobre um conhecimento espacial que não encontramos com frequência no cotidiano e que também escapa dos círculos de sabedoria da academia científica. Esse conhecimento, abandonado em benefício de uma Geografia operacional veiculada ao pragmatismo, no âmbito de transformação do espaço em um campo de lutas, claro que de extrema importância, deixa escapar muito do que acontece em nosso mundo. Pelo nosso lado, somos mais felizes ao tentar admitir que constituímos o componente de uma *máquina de guerra anárquica* que se esquia dos parâmetros de uma estratificação única de pensar o mundo sem multiplicidades. E, justamente por isso, destacamos essas arriscadas e hipotéticas questões.

---

<sup>27</sup>Em inglês: “*Reports in 1946/1947 of odd, disk-, and rocket-like flying objects signaled the beginning of seven decades of claims of the existence of unidentified flying objects (UFOs) from space, encounters with aliens, and ‘ancient astronauts’.*”

A nossa problemática geral flutua aqui:

- *Como um singular texto opera geograficamente?*

E, para colocar uma oscilação mesmo maior:

- *Até que ponto e em que medida devemos considerar o espaço como categoria conceitual que opera em um texto que trata de um evento extraordinário?*

A *espacialidade* em nosso programa é um conceito-chave para entendermos as reflexões que vão se sucedendo conforme os problemas textuais de uma Geografia que se debruça junto a um diálogo com a ufologia, “(...) conjuntural o papel das espacialidades como questionadoras do espaço geográfico ou como sua condição embrionária” (Colucci; Souto, 2011, p. 117). O conceito de espacialidade vem se demonstrado em progressão.

O trânsito conceitual do espaço para a espacialidade é um dos desenvolvimentos mais significativos do pensamento geográfico recente. Tanto o espaço quanto a espacialidade são conceitos históricos que se referem à relação entre pessoas e coisas, incluindo outras pessoas, na superfície da Terra<sup>28</sup> (Kobayashi, 2016, p. 1, tradução nossa).

Assim, deve-se levar em consideração a conceituação de espacialidade, uma condição de correlação entre o humano e qualquer objeto, isto é, “as espacialidades são relações indevidas de produção da existência dentro de um macro sistema que determina a existência humana [...]” (Colucci; Souto, 2011, p. 117). A espacialidade é contestadora, ela nos dá uma ideia de movimento contínuo. Os pesquisadores Dorren Massey e Milton Keynes nos amparam muito em nossos intuitos. A respeito de seus diversos tipos de ponto de vista, uma dessas proposições nos cai muito bem, pois podemos refletir novas relações. Tem-se, assim, um projeto de abertura a novas políticas para pensar o espaço e as espacialidades, pensando a “[...] esfera da justaposição potencial de diferentes narrativas, do potencial forjar de novas relações, a espacialidade é

---

<sup>28</sup> Em inglês: “*The conceptual transit from space to spatiality is one of the most significant developments in recent geographical thought. Both space and spatiality are historical concepts that refer to the relationship between people and things, including other people, on the Earth’s surface.*”

também uma fonte de produção de *novas* trajetórias, de *novas* histórias (Massey; Keynes, 2004, p. 18).

Talvez seja uma história nova para o leitor desses nossos propósitos, assim como foi para mim quando conheci esse atraente texto. Tratava-se de uma narrativa nova e diferente em meio a todas as vivências do meu próprio conglomerado social e as múltiplas experiências atestadas por mim, cumprindo em mim mesmo uma nova trajetória, porque abria brecha para pensar outras questões, principalmente as espaciais, pois, “a espacialidade é a condição, a forma, o devir do humano, concretizado através e como relação humana. Em outras palavras, a mudança é do espaço relativo para a espacialidade relacional”<sup>29</sup> (Kobayashi, 2016, p. 6, tradução nossa).

A nossa proposta espacial inclui guerrear e perder a batalha em alguns momentos para a epistemologia da Geografia com sua visão majoritária e unilateral de pensar o mundo, salvos alguns pontos de estranhamento no fazer científico: “Hoje, as pessoas que estudam OVNI ou vida alienígena tendem a ser vistas com sobrancelhas levantadas tanto pelos acadêmicos quanto pelo público em geral”<sup>30</sup> (Runnels, 2019, p. 20, tradução nossa).

A importância crucial no texto, núcleo de nosso estudo, reside em trazer à tona elementos que transcendem a realidade por nós vivida, refundada na experiência única e mítica do enunciador das narrativas. Isso é parâmetro para confrontarmos o texto com suplementos técnicos e teóricos da Geografia enquanto ciência. E, quando não acharmos esses suportes, seremos nós mesmos os parâmetros para avaliar e forjar ferramentas para as determinações que poderão surgir porque estaremos diante de um grande problema de método e suporte teórico. E, nesse caso, tentaremos regular um nivelamento junto ao texto.

---

<sup>29</sup> Em inglês: “*Spatiality is the condition, the form, the becoming of human, concretized through and as human relationship. In other words, the shift is from relative space to relational spatiality.*”

<sup>30</sup> Em inglês: “*Today, people who study UFOs or alien life tend to be regarded with raised eyebrows from both academics and the general public.*”



Ora, descobrir territórios desconhecidos, textos desconhecidos, também é papel do pesquisador. É isso que nos mantêm geógrafos: o *geograficamente desconhecido*, conforme as insinuações de John K. Wright posicionadas lá no início da nossa escrita como epígrafe. E por que, como geógrafo, não estudar os OVNI, assim como a ciência estuda todo o resto?

Os humanos estão sozinhos no universo? Durante séculos, as pessoas teorizaram a existência de outros seres em nossa galáxia ou em outros lugares distantes. A ideia de extraterrestres parece ser mais popular na mídia e na cultura pop do que entre os cientistas, já que a comunidade científica moderna permanece geralmente afastada da pesquisa de OVNI. Mas o conceito de vida extraterrestre não é recente. O historiador Alexander C. T. Geppert explica que “a questão de saber se os humanos são únicos no universo não se originou no século XX, mas remonta aos filósofos gregos.” Tanto os estudiosos como o público em geral têm debatido a existência de extraterrestres durante séculos, mas a ideia só se tornou um tema quente de controvérsia nos últimos 70 anos. Esta controvérsia começou com o envolvimento do governo na investigação de OVNI<sup>31</sup> (Runnels, 2019, p. 20, tradução nossa).

Alguns poucos governos deram atenção ao contexto do fenômeno UFO. Se os cientistas, de um modo geral, rejeitaram todo o aparato, como nos colocamos em meio a tudo isso, tanto em termos de conversação junto aos pares quanto em relação ao método de pesquisa?

O grande problema a ser debatido diz respeito à forma pela qual encaramos tal texto para produzir uma análise científica, uma vez que muito do produto foge daquilo que pode ser encarado como realidade palpável. Certamente teremos um grande desafio pela frente.

---

<sup>31</sup> Em inglês: “*Are humans alone in the universe? For centuries, people have theorized the existence of other beings in our galaxy or in others far away. The idea of extraterrestrials seems to be more popular in media and pop culture than with scientists, as the modern scientific community remains generally removed from UFO research. But the concept of extraterrestrial life is not a recent one. Historian Alexander C. T. Geppert explains that “the question of whether humans are unique in the universe did not originate in the twentieth century, but rather stretches back to Greek philosophers.” Both scholars and the general public have debated the existence of extraterrestrials for centuries, but the idea only became a hot topic for controversy within the past 70 years. This controversy began with the government’s involvement in UFO research.*”

## CAPÍTULO 2

### De que forma devemos tratar nosso artefato?

O documento (nosso sujeito)<sup>32</sup>, não constituindo uma poesia, romance, conto, crônica, um relato de viagem, nem mesmo uma ficção de alguma forma literária, pode ser considerado *Literatura*? Tentaremos dar alguma luz a esta dúvida, mas deixaremos em aberto algum tipo de conclusão. Além disso, conclusões a respeito dessa problemática deixaremos para os especialistas do ramo da literatura e outros que possam dar outras contribuições. Se descobrimos que o artefato que temos em mãos não é uma literatura, encontraremos algumas justificativas bastante plausíveis para que possa ser empregado para um diálogo com a Geografia.

É preciso, para nós da Geografia, realizar uma pausa para refletir sobre esse debate um tanto delicado, já que essa problemática foge de nossa *jurisdição de conhecimento*, de nosso encaixe e teoria científica. Como que em uma aventura em território desconhecido, adentramos então na região da *teoria literária*, uma vez que esse arriscado mergulho no escuro possa nos salvar de uma ruína total sobre questões delicadas para alguém fora da área. Não é nossa praia, literalmente, mas, mesmo assim, nos arriscamos a surfar.

---

<sup>32</sup> A ideia de sujeito é colocada por Marc Brosseau que diz: “Um diálogo só se estabelece bem entre dois sujeitos” (2007, p. 87). Essa averiguação do autor sobre o sujeito se dá porque um diálogo só se pode ser efetivado por duas esferas autônomas: “A ideia de diálogo parece surgir de uma constatação: eu, enquanto geógrafo (no interior das ciências humanas), e o romance (no interior da literatura) constituímos duas esferas autônomas, duas totalidades, até mesmo dois sujeitos (Brosseau, 2007, p. 89).

Terry Eagleton, em seu livro *Teoria Literária: uma introdução* (2006), empreende uma pergunta um tanto clichê para iniciar o seu trabalho: *O que é literatura?* Em um primeiro ato o autor ilustra, quem sabe, um pensamento popular, ligado ao ficcional:

Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita "imaginativa", no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede (Eagleton, 2006, p. 1).

O autor vai dizer que as noções de fatos e ficção são inúteis para o entendimento do que é literatura. É curioso ver que Jonathan Culler, no livro *“Teoria Literária: uma introdução”* (1999), empreende um projeto teórico, impulsionado pela mesma pergunta de Terry Eagleton: o que é literatura? Talvez muitos estudiosos ligados a teoria literária empreendem o mesmo questionamento. Muito da proposta do teórico Culler é demonstrar que as características de discursos diferenciados têm alguma semelhança, “qualidades muitas vezes pensadas como sendo literárias demonstram ser cruciais também para os discursos e práticas não-literários” (Culler, 1999, p. 26-27). O mesmo autor diz ainda que vários discursos textuais carregam, em suas organizações, narrativas com os mesmos modelos:

Se os mesmos modelos do que faz sentido e do que conta como uma história caracterizam tanto as narrativas literárias quanto as históricas, então distinguir entre elas não parece ser uma questão teórica urgente. Iguamente, os teóricos passaram a insistir na importância, nos textos não-literários quer sejam os relatos de Freud de seus casos psicanalíticos ou obras de argumento filosófico -, de recursos retóricos tais como a metáfora, que foram considerados cruciais para a literatura, mas frequentemente, puramente ornamentais em outros tipos de discursos. Ao mostrar como as figuras retóricas conformam o pensamento também em outros discursos, os teóricos demonstram uma literariedade poderosa em ação em textos supostamente não-literários, complicando dessa forma a distinção entre o literário e o não-literário (Culler, 1999, p. 27).

A questão de *literariedade* fica estendida a muitos discursos, pois utilizam também de metáforas. As metáforas em textos literários são primordiais e se fazem presentes ornamentalmente nos relatos clínicos e textos

filosóficos. Inclusive, muitas obras que são literárias se parecem muito com obras que não são literárias.

[...] as obras de literatura vêm em todos os formatos e tamanhos e a maioria delas parece ter mais em comum com obras que não são geralmente chamadas de literatura do que com algumas outras obras reconhecidas como literatura (Culler, 1999, p. 28).

De fato, muita coisa considerada não literatura se parece com literatura e vice e versa. É tudo muito ambíguo no âmbito dessa discussão, pois envolve termos como História, história, estória, literatura e ficção, conforme apontamentos de Culler.

Essa pergunta “o que é literatura?”, surge novamente com Jacques Derrida no livro “*Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*” que é uma conversa, uma espécie de entrevista efetuada por Derek Attridge, registrada na Califórnia em 1989. Em tom de confissão, Derrida relata que, quando iniciou a leitura de literaturas na adolescência, a pergunta lhe surgiu despretensiosamente. Ele nos informa que também esse é o título de um livro do filósofo Jean Paul Sartre e pelo que se entende, esse livro é um levantamento teórico “puro”, ancorado na Filosofia. Derrida confessa que:

[...] ainda temos dificuldade de definir a questão da literatura, dissociando-a da questão da verdade, da essência da linguagem, da essência simplesmente. A literatura “é” o lugar ou a experiência dessa “dificuldade” que também se tem com a essência da linguagem, com a verdade e com a essência, com a linguagem da essência em geral (Derrida, 2014, p. 71).

É uma batalha muito difícil de se ganhar quando o assunto é definir literatura, pois Derrida vai afirmar e usa a palavra “lugar” para referenciar que essa estranha instituição acolhe um jogo confuso entre circunstâncias autônomas que são: questão de verdade; essência da linguagem; essência em geral. É quase que um jogo com muitas possibilidades de estratégias.

Remexendo nos arquivos da memória, uma vez deparei-me com uma situação que fez repensar a questão literária. Fora algo que surgiu assim, do nada, talvez como Derrida, mas em outro enquadramento, e se tornou um caso paradoxal. Um professor universitário de Física, no estado de São Paulo, me

perguntou certa vez no que eu empregava esforços para uma pesquisa acadêmica, e eu disse: Geografia e literatura. Quando outro professor, seu colega, se juntou à conversa, ele disse espantado a esse terceiro: esse cara trabalha com Geografia e literatura; o outro, sem espanto algum, respondeu que isso já existia na literatura<sup>33</sup>. Conclusão: geógrafo pode mesclar Geografia e literatura, e isso é encontrado na literatura. Culler comenta esse tipo de situação.

Mesmo hoje, um cientista que diz "a literatura sobre evolução é imensa" quer dizer não que muitos poemas e romances tratam do assunto, mas que se escreveu muito sobre ele (Culler, 1999, p. 28).

Essa ligação é encontrada em diversos âmbitos e muito já foi registrado sobre Geografia e Literatura. Esse fora o sentido que um dos professores quis empregar na ocasião. Certo dia, em um telejornal, a apresentadora disse que a questão da *depressão* foi muito discutida na literatura especializada. Nós também somos "literatura especializada", uma vez que tratamos de um assunto específico. Pode ser que algum dia haja alguma uma crítica sobre nós em algum lugar, discorrendo a seguinte afirmativa: *literatura especializada no encontro entre Geografia e literatura analisa texto supostamente não literário*. Paradoxal isso, não?

Culler levanta um questionamento sobre o qual gostaríamos de refletir um pouco. Ousemos alguns tensionamentos em relação à obra e ao público, já que algumas situações são próprias da literatura.

A obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito (um público que toma forma através das decisões da obra sobre o que deve ser explicado e o que se supõe que o público saiba). As obras literárias se referem a indivíduos imaginários e não históricos (Culler, 1999, p. 37).

O público também toma forma quando algum livro de Rogério Haesbaert ou Ruy Moreira é lançado: todos querem saber quais as novas teorias ou novos

---

<sup>33</sup> Roberto Acízelo de Souza, em "Teoria da literatura" (2007), explica detalhadamente esse tipo de convergência que a palavra literatura alcança: "bibliografia sobre determinado campo especializado do conhecimento (donde expressões do tipo "literatura médica", "literatura jurídica", "literatura sociológica", etc.)" (Souza, 2007, p. 44).

estudos de casos que apresentem alguma novidade. É claro que destinam-se a um público bem pequenininho e específico: o da Geografia. Profissionais e estudantes leem os livros, incorporam os temas, as teorias, e aplicam os métodos em seus estudos de casos.

Não há jeito, todo livro de alguma forma exerce uma influência. Os livros são direcionados a esse público específico, supondo o que eles já sabem. Esse método para público não se aplica somente à obra literária, mas à maioria dos livros, ou a todo livro. Existirá uma *Ciência do Livro*, ou uma *Filosofia do Livro*?<sup>34</sup>

Suponhamos algo: reduzamos todas as potencialidades dos livros dividindo-os entre os ficcionais e os não ficcionais. Pelo lado da ficção, teríamos personagens imaginários, mundos fantasiosos, e eventos fantasiosos constituindo um conjunto de situações que se renega da realidade, não havendo sujeitos históricos. A ficção, no entanto, poderia estar ancorada em nosso mundo e ser bem realista. Mesmo que alguém evoque o nome de uma personalidade existente, pode não estar transmitindo a realidade. “Isso é central para o que é literatura: a obra literária pode ridicularizar, parodiar qualquer ortodoxia, crença, valor, imaginar alguma ficção diferente e monstruosa” (Culler, 199, p. 46).

A teoria elaborada por Eagleaton é um tanto imbricada em comparação à escrita de Culler, e a questão da resposta do que é literatura não chega a ser respondida de forma a dizer que literatura é isso ou é aquilo. Isso decorre do fato que depende de muitos contextos:

Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros (Eagleaton, 2006, p. 24).

---

<sup>34</sup> O livro é um território, já diziam Deleuze e Guatarri. Há, nos autores, uma discussão bastante convidativa em relação ao livro.

O jogo que se demonstra é mais complexo do que imaginávamos, pois, para alguns, um tal texto pode ser considerado literatura e, para outros, não. Isso depende das variações do juízo de valor de cada contexto específico de determinada sociedade, e de suas variações no tempo.

Jacques Derrida também argumenta que alguns elementos são indispensáveis para saber se um texto pode ser entendido como literatura porque algumas práticas são intrínsecas à performance literária e, no entanto, nenhum critério fixo pode dar garantia de dizer é isso ou aquilo: “nenhum critério interno pode garantir a ‘literariedade’ essencial de um texto. Não há nenhuma essência ou existência garantida da literatura” (Derrida, 2014, p. 115). Ademais, o autor apresenta que literatura:

[...] é uma instituição que consiste em transgredir e transformar, portanto em produzir sua lei constitucional; ou, melhor dizendo, em produzir formas discursivas, “obras” e “acontecimentos”, nos quais a própria possibilidade de uma constituição fundamental se encontra, no mínimo “ficcionalmente”, contestada, ameaçada, desconstruída, apresentada em sua própria precariedade (Derrida, 2014, p. 114).

Nada de garantia para afirmar que literatura é exatamente uma coisa ou outra. No entanto, sua forma escrita nos leva a entender que tal fenômeno textual (Derrida trata como uma instituição) deva apresentar necessariamente alguns aspectos para emanar sua correspondência como literatura: uma ficcionalidade atestada, desconstruindo e construindo algo próprio de si, sua própria lei.

Dizer que literatura é justamente isso ou aquilo é complicado, e isso é ampliado a um nível bastante problemático, porque não somos do campo específico da área de Letras. Somos amantes das letras impressas no papel, no livro, no romance e na poesia, nas letras contidas nas músicas e em uma gama de outros textos escritos.

Para buscar uma resposta significativa sobre duas problemáticas: O que é literatura? E se o livro “*O Fenômeno UFO*”, de Johannes von Buttlar é literatura, teríamos de estudar mais anos e adentrar especificamente na acadêmica de Letras, mas aí já estaríamos mudando o nosso foco e isso não seria algo que venha ao caso.

Nosso estudo criou uma problemática que não chegamos a resolver de um todo. E, para não ficarmos mais embolados do que já estamos, vamos tentar fechar nossa espinhosa relação de raciocínios. Pensemos nessa situação: uma aproximação espacial com a ufologia por meio de um **documento textual**. Mesmo o livro “*O Fenômeno UFO*”, de Johannes von Buttlar constituindo uma literatura especializada sobre fenômenos e objetos não identificáveis, ele não pode ser considerado literatura. Será que resolveu algo? Estacionamos em um espaço do impasse? Eagleaton, achamos nós, pode nos salvar de um desastre total.

Mas qualquer teoria da história ou linguagem concebida como uma simples evolução linear não leva em devida conta a emaranhada complexidade dos signos, de que já falamos, o movimento de avanço e recuo, de presença e ausência, o aspecto frontal e lateral da linguagem em seus processos concretos. A esse emaranhado complexo, o pós-estruturalismo chama de “texto” (Eagleaton, 2006, p. 198).

As considerações pós-estruturalistas, nos socorreu. Afundávamos até o pescoço na lama, seguramos em uma linha muito fina e, no entanto, bastante consistente, escapamos por esse fio. Há um emaranhado de constelações de *acontecimentos* flutuando no espaço e no tempo; o pós-estruturalismo nos diz que esses amontoados de *acontecimentos* são parte do âmbito complexo que é o mundo com seus infinitos signos, e tudo isso é *texto*. Por isso resolvemos tratar a parcela do livro de Buttlar que cabe a nós, simplesmente como *texto*. Não há outra saída mais plausível e resoluta para assegurar a coerência de nosso trabalho.

### **Qual metodologia a aplicar nesse estudo singular?**

Para o nosso mecanismo todo ser considerado científico, para o nosso estudo ser atestado com a cláusula “científica”, tem de haver incorporação de uma metodologia, ou no mínimo uma discussão reflexiva, além de algum tipo de questionamento.

E qual a metodologia de aproximação poderia se aplicar neste singular texto? Qual via de entrada geográfica se daria por uma literatura especializada não literária? Estas questões imbricadas a um nível extremo traduzem-se em algo para se puxar os cabelos e reconsiderar se devemos continuar. Neste ponto



temos algo de teimosia, ou mesmo forçoso. Talvez por essa questão, a maioria dos especialistas em Geografia que se apegam à literatura ou outros textos para uma conexão, não se atrevem a dialogar com sujeitos difíceis de conversar.

Cláudio Benito Oliveira Ferraz, propõe um “método” bastante interessante em *“Literatura e espaço: aproximações possíveis entre discursos artístico e científico”* (2011), publicado no livro *“Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice-versa”*, uma organização de Adáuto de Oliveira Souza.

O autor do texto realiza um levantamento das aproximações que a Geografia vem fazendo com a literatura de forma generalizada ao longo dos anos e depois sugere procedimentos para ultrapassar antigas formulações de aproximações. O autor indica que se busque dados a respeito do autor, “informações sobre o processo criativo do autor; local em que foi elaborada e motivos de elaboração; presença do autor na obra” (Ferraz, 2011, p. 20). Uma gama de procedimentos e coletas de dados e informações sobre o artista (no nosso caso, o autor), que possibilitariam a implementação do diálogo entre as distintas áreas.

Samarone Carvalho Marinho em *“Geografia e Literatura: esboço crítico compreensivo a um campo de estudo em discussão”*, publicado no livro *“Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções”* (2016), organização de Júlio César Suzuki, Angelita Pereira de Lima e Eguimar Felício Chaveiro, também sugere algum tipo de semelhança nos posicionamentos frente ao encontro entre Geografia e literatura junto aos procedimentos de Ferraz.

No artigo em questão, o foco do autor é posicionar um debate sobre o legado da perspectiva cultural-humanista que se refere à aproximação com a literatura. Marinho diz que Geografia com a perspectiva cultural e humanista, calca esforços sobre a *representação* do espaço na literatura, uma preocupação da “espaciologia” (Marinho, 2016, p. 275)<sup>35</sup>: o “espaço geográfico surge como

---

<sup>35</sup> Gostamos muito do termo, mesmo que ele seja tratado com ironia no texto de Marinho.

algo dado” (*ibid.*, p. 278). Ele também reclama a falta de atenção em “evidenciar a conexão do texto com o contexto da produção” (*ibid.*, p. 284).

Há uma procura para ultrapassar a perspectiva cultural humanista, em busca de uma perspectiva ontológica com a literatura para propiciar “o estudo das determinações geográficas coparticipativas às realizações humanas: as artísticas algumas delas” (Marinho, 2016, p. 288). O intuito maior desse especialista é perceber como o homem está posicionado no mundo, e como sua experiência objetiva é capaz de produzir determinada literatura.

Isto nos remete à complexidade dessa perspectiva, haja vista que ela tem no Ser (homem) e no existir (espaço), numa conjugação dialética, o princípio norteador para a investigação de relações e processos que consubstanciam as realizações humanas (suas objetivações) no espaço de existência, e, deste, essas mesmas realizações recebem uma contrapartida necessária à objetivação: a síntese-sempre-provisória que é a criação (a criação artística, uma delas) que está a meio caminho do mundo da vida (*realidade empírica*) e a meio caminho do mundo da criação (*mundo poetante*). Esta criação, por sua vez, remete à presença do ato humano que, em sua geograficidade participativa, anuncia a sua realização ao espaço total da vida (Marinho, 2016, p. 317).

Para exemplificação de suas propostas, Marinho menciona o estudo de caso de sua tese referente ao poeta Ferreira Gullar, enfocando uma superação do conceito de geograficidade de Eric Dardel, como é colocado bem antes em seu texto. O trajeto de vida e os lugares habitados pelo poeta são dados de suma importância nessa metodologia.

Na senda da compreensão analítica a tentativa de sair do domínio do possível se deu por meio da análise compreensiva da geograficidade do poeta em sua relação com um específico espaço de existência - Buenos Aires -, e o que dela, da relação, resulta/resultou: a realização relativa do sujeito por meio do *subjetivo objetivado* - a poesia (Marinho, 2016, p. 317).

É claro que para chegar até esse ato analítico, essa prova ontológica, o autor muito teve de discutir sobre “espaço da existência e homem situado”; “a geograficidade e o ato humano”; “vida e existência histórico-geográfica”; dar certos puxõezinhos de orelha na galera humanista e cultural, já que o documento é uma crítica expositiva. O texto de Samarone Carvalho Marinho é belíssimo e contém um debate bastante denso. É bem difícil encontrar textos que “recomendam” outros caminhos no encontro da Geografia com a literatura.

E, dentro daquilo que foi pesquisado até o momento da escrita, os textos que apresentam alguma tomada histórica desse encontro, suas pertinências, críticas e comentários sobre algumas linhas de pensamento, uma metodologia e a prova concreta (mata a cobra e mostra o pau), nesse campo de discussão, são apenas quatro: esse de Marinho; um de Collot (com menor impacto grau no âmbito da metodologia e sem dispor de uma prova concreta); outro de Brosseau e o de Ferraz. É bom esclarecer que estamos falando de textos em português.

E, retornando a Ferraz (2011), ele esquematiza suas propostas em um quadro sintetizador na página 20. O seu procedimento tem outros artifícios que ajudam no diálogo: “A questão é fundar a leitura nas condições em que o leitor se coloca no mundo”. Interpretando a obra, o leitor geógrafo tem de se atentar ao “momento em que está sendo lida; objetivos da leitura, orientação e localização do leitor a partir das imagens dos personagens e das ações”, e a demanda contextual, “em que foi elaborada e o contexto em que está sendo interpretada - o inconsciente textual”; coletar e relacionar “as imagens da narrativa literária e a qualificação das mesmas em paisagens pela interpretação geográfica - a dominante imagética”, não mantendo um enfoque no texto, mas se abrindo para uma tríade conceitual: o “importante não é se restringir ao texto, mas perceber a relação imagem-palavra-mundo”.

É claro que para chegar a tudo isso, Ferraz dá também umas cutucadas nas perspectivas culturais e humanistas. Seu texto também é bem admirável. Gostamos muito da ideia de um comparativo entre o texto literário e a realidade em que o leitor está inserido, localização e orientação.

Então, sem quebrar muito a cabeça e buscar outras coisas (metodologias/aproximações) perante as grandiosidades das condutas dos textos de Ferraz e Marinho, podemos conectar a aplicabilidade dos procedimentos em nosso estudo de caso. Estamos confortavelmente amparados pois existem metodologias e basta submetê-las aos procedimentos que foram atestados e aprovados pela academia científica brasileira. Já temos, pois, a indicação (fórmula).

Mas não é bem assim que ocorre em nossa situação; não estamos andando em terreno confortável. Surge, então, o grande problema para o nosso estudo, uma vez que este, talvez, seja polêmico e dê o que falar, ou, talvez, nem interesse a ninguém.

O volume que temos em nossas mãos foi achado nos blocos das universidades públicas. Vários livros estavam em cima de uma mesa a serem doados para quem se interessasse. Havia diversos livros, mas o que nos chamou atenção foi justamente esse, por causa do seu tema polêmico e porque somos interessados no assunto. Não temos maiores informações sobre o autor a não ser aquilo que está colocado na obra, que é bem pouco. Não há ajuda de outras literaturas e não temos informações adicionais de jornais impressos, vídeos, reportagens, cartas. Mas, se as teorias metodológicas justamente insistem nesses pontos, abordando questões de ordem do dia e de todo o trabalho a ser realizado, como proceder então?

Não temos maiores informações na internet e, até a finalização total das ideias deste livro, nos restringimos a adotar qualquer informação a respeito do autor<sup>36</sup>. Mas porque essa atitude? Estaríamos indicando um *contra-método* e forçando um enfrentamento com as proposições dos autores discutidos?

Não! Essa rejeição por dados e contexto do autor se justifica também no singular conteúdo de nosso documento. Nada tem a ver com o autor da obra, a não ser o seu interesse em explanar pelo mundo afora, os fenômenos estranhos que tem acontecido; é um texto que está dentro de um livro de relatos.

E justamente isso tirou muitas noites de sono, porque a Geografia, no âmbito científico, mesmo que minimamente, e mesmo antes de se tornar ciência, sempre considerou a literatura existente como um livro de relatos de (sobre) situações fantásticas. Por isso a tarefa que propomos é difícil, porque o livro em questão não parte da intimidade para fora, para o mundo como a

---

<sup>36</sup> Essa atitude também se justifica porque, no momento da escrita desse livro, estamos isolados em meio a uma propriedade no Pantanal. Não há televisão e nem internet. Será que há alguma convenção entre a Geografia, que impede a análise de um geógrafo diante de um livro que não tenha um instrumental adequado para a busca de dados complementares/auxiliares?

poesia ou o romance; é exatamente o contrário, de fora para dentro, como um relato de viagens. Inclusive as literaturas de viagens são justificáveis por um encontro com a Geografia.

Façamos de conta umas suposições, finjamos: o nosso produto poderia ser um livro encontrado numa cabana em um lugar isolado, em que o autor foi riscado da capa ou de qualquer lugar do livro. Ou, mais próximo de acontecer, descobrimos um livro, de um autor que não se tem referência, não se tem notícias pelas redondezas, não se sabe dele em nenhum site. Tencionando um pouco mais, de alguém de uma candura extrema: como esses pensadores que defendem uma colisão entre dados do artista (autor) com a obra e com algum lugar de determinação territorial, se posicionariam frente a essa situação?

Acreditamos que não somente os nomes em questão, mas que uma gama de sujeitos diria primeiro que esse livro de Buttlar não é literatura e, em decorrência, não vale para a Geografia. Mas digamos que seja literatura (e se esse livro fosse literatura?) talvez eles diriam que uma leitura geográfica dessa obra não faz o menor sentido, ou não vale a pena. Se fosse o caso, então esse grande encontro, essa grande coisa, esse jargão, esse sintagma, essa junção de termos batidos, Geografia e literatura, deveria mudar. E como dizer sem ser áspero, sem ser arrogante, sendo mais humilde? Há um medo íntimo de tornar-se igual àqueles que propõem outros artifícios e detonam procedimentos que ainda são justificáveis. Então, não é toda literatura que merece empreendimento espacial, e poderia se mudar o contexto para *Geografia e literaturas que valem a pena*. Mas digamos que a literatura valha a pena, mas não se tem informação do autor e seu processo criativo, como se posicionariam pesquisadores que tem no seio de seus métodos a relação com o fora do texto?

O que enxergamos nas teorias é que elas sugerem que as literaturas têm de ser submetidas a um comparativo e/ou associação com a realidade do aqui vivido através de processos de ligação territorial do autor, diga-se de passagem, um dos contextos da produção literária<sup>37</sup>. Então seria o caso de mudar outra

---

<sup>37</sup> Michel Collot levantando toda essa conjuntura (Geografia e literatura), comenta André Ferrée dizendo que ele foi um dos precursores da Geografia Literária, encontrando em Marcel Proust arsenal para uma construção intelectual (La Géographie de Marcel Proust). O autor defende a ideia de um carregamento de características físicas de uma dada região que se reflete nos

vez o jargão: *Geografia e literatura de um autor analisável*. Será que estamos certos em afirmar que a junção Geografia e literatura, não é toda a literatura (texto) que se vai se achando pela frente, mas sim aquela que pode ser analisada pela Geografia? Mais uma vez o contexto deveria ser mudado: *Geografia e literatura específica*.

Será que a Literatura não pode falar por si mesma? E não estamos querendo entrar na discussão da morte do autor<sup>38</sup>, e isso bem que poderia nos ajudar. Às vezes, fica parecendo que esse encontro entre Geografia e literatura sempre é confortável quando se tem a literatura exata nas mãos. Vejamos, por exemplo, a justificativa de Ferraz para o “mata a cobra e mostra o pau”:

A opção por esse livro [Nostromo] se deve às características singulares da história ali presente a partir da tradição de seu autor em focar, por meio de romances de aventuras, as tramas sofridas por determinados seres humanos no encontro do projeto civilizatório ocidental frente aos hábitos e costumes de povos e culturas localizados nos recantos mais afastados do planeta, tomando sempre como referência de centro do mundo a Inglaterra de fins do século XIX e início do XX (Ferraz, 2011, p. 33).

Trata-se de literaturas confortáveis para serem aplicadas em suas específicas aproximações/metodologias. Isso não é um ataque, mas reflexões humildes para explorarmos possibilidades. Não rejeitamos esses procedimentos, mas acreditamos que a literatura pode falar por si mesma, e ficamos em dúvida se devemos entrar na discussão da *Morte do Autor* para solidificar nossas discussões. Assim, nos amparamos na *Teoria Literária* para nos salvar de outro desastre total e inevitável no que tange às nossas simpáticas críticas, em relação aos procedimentos geográficos de diálogo e análise, perante à

---

textos escritos. “Porém critica o determinismo simplório que levou alguns a fazer da literatura «um produto do solo e do clima” (Collot, 2012, p. 22). Esse determinismo ainda ocorre até os dias atuais. Gervásio Hermínio Gomes Júnior em “Geografia e Literatura: ensaio sobre o lugar em Patativa do Assaré” (2016, p. 187) chega à seguinte conclusão: “A fórmula parece simples, mas há constantemente um mal-entendido comum em se achar a Literatura despreendida da terra”.

<sup>38</sup> Essa questão da morte do autor é uma discussão surgida nos anos 1970, e tem ponta no estruturalismo com Roland Barthes e Maurice Blanchot, e no pós-estruturalismo, com vários autores, mas especialmente Michel Foucault. Os autores Ivo Venerotti e Rafael Ottati fazem o resgate desse debate em dois artigos que têm a mesma semelhança de conteúdo: “A morte do autor: reflexões acerca de ‘Place and the Novelist’” de Douglas Poccock (2014) e “O autor e o lugar em ‘Place and the Novelist’, de Douglas Poccock (2016).

literatura em relação à confrontação com os dados do autor e suas territorialidades.

A biografia do autor é, afinal de contas, apenas um outro texto, ao qual não é preciso atribuir nenhum privilégio especial: também esse texto pode ser desconstruído. É a linguagem que fala na literatura, em toda a sua complexa pluralidade "polissêmica" (Eagleton, 2006, p. 208).

Quando vemos trabalhos que querem relacionar os dados autorais de um tal escritor, vemos que os produtos das obras, e muitas de suas narrativas, não equivalem em si. Seria o caso de mudar mais uma vez o grande contexto: *Geografia e escritor*, uma vez que os dados biográficos importam tanto, e eles são um texto à parte dos textos que escrevem; na verdade, isso existe muito na Geografia. E, para dizer mais, isso é ótimo: texto e contexto se fundindo em análises. No entanto, não é nosso foco aqui, não temos como utilizar destas proposições. Será que estamos sendo ásperos? Nem por isso nossa humilde crítica diminui a admiração por estes pesquisadores. Porém, as aproximações anteriormente citadas não cabem aqui, e isso é uma pena. Que medo! Será que tem como proferir uma crítica simpaticamente?

Pesquisar é sempre uma ótima ocupação, porque a gente se depara com publicações bastante interessantes mundo afora. Pauli Tapani Karjalainen no seu artigo "*Lugar em Urwind: uma visão geográfica humanista*" [*PLACE IN URWIND: A HUMANISTIC GEOGRAPHICAL VIEW* - tradução de Werther Holzer], propaga a ideia de três possibilidades de leituras das literaturas pelos geógrafos (metodologias geográficas): mimética, hermenêutica e textual. O autor vai dizer que essas duas primeiras concepções são sempre formas de se relacionar com o fora da literatura.

Tanto na leitura mimética quanto na hermenêutica, um tipo do esquema geográfico *a priori* é, pelo menos implicitamente, projetado sobre o trabalho literário. Ou seja, quando o trabalho é analisado geograficamente, seus mundos possíveis são refletidos em um contexto metalinguístico, o conteúdo essencial destes, nesse caso particular, é composto pelas sugestões de lugar que o geógrafo teorizou de antemão. Isto resulta em uma ideia instrumental da literatura. Como Brosseau (1994, p. 347) escreveu: "a maior parte dos relatos dos geógrafos consideram a linguagem poética e as formas em termos estritamente transitivos que descansam em uma concepção instrumental da literatura cuja importância deve, conseqüentemente, ser encontrada fora dali". Os geógrafos apenas jogam suas redes conceituais nas águas da literatura e

capturam apenas o que estão preparados para aceitar. Esta espécie de instrumentalismo, em uma análise conclusiva, serve sempre à sua própria causa (Karjalainen, 2012, p. 12).

As maneiras de aproximação entre Geografia e literatura ainda recaem muito no que está fora do texto; por isso as literaturas analisadas têm de se ajustar à equiparação entre realidade e ficcionalidade. Ainda se captura, na literatura, apenas aquilo que se está preparado para aceitar. Para dar um exemplo disso, gostaríamos de fazer um corte bem rapidamente e colocar um poema do poeta Lobivar Matos, escritor perdido no espaço e no tempo, mas que vem sendo resgatado.

### **Sexo**

*Menino-galo,  
que entra no galinheiro  
e “gala” toda galinha  
carijó, que encontra  
chocando.*

*Menino-bode,  
que corre atrás de cabra no morro  
e deixa os bodes espirrando de raiva.*

*Menino-bezerro,  
Que laça-bezerra.  
que amansa  
novilha no  
curral.*

*Menino-cachorro  
que leva cadela para o  
mato e volta, mão no  
bolso, assobiando  
disfarçando, xingando a  
cadela.*

*Menino-menino  
que brinca com  
a prima de marido e  
mulher  
no quarto escuro, debaixo da cama.*

*Menino-meleca  
que vai apanhar  
veludinho depois  
Volta afobado  
gaguejando  
que o homem do mato  
correu atrás dele,  
quis fazer besteira  
também com menino  
meleca  
com o menino safado.*

(Matos, 1936, p. 71-72)



Esse poema é do livro *Sarobá: poemas* (Matos, 1936) de Lobivar Matos (Lolito), com quem trabalhamos em nossa dissertação de mestrado, a qual não entrou no rol de análise deste livro. Neste sentido, fica uma pequena sensação de fracasso, já que tivemos de empenhar uma fragmentação generalizada nas duas obras que analisamos do poeta, pois ainda fora analisada a obra *Areôtorare: Poemas Boróros*, de 1935. Não conseguimos refletir geograficamente essa poesia. Outras teorias nem a considerariam; a análise textual fragmentada não é vista na investigação geográfica, porque o objetivo é sempre um projeto contextual com objetivo de identificar algo dominante no texto, ou o próprio texto nem seria algo valorizado na análise, já que a obra seria algo determinado pelas suas emergências inspiradoras (a Geografia do escritor). Ainda convidamos os geógrafos a refletirem sobre esse poema e sobre essas problemáticas todas. Aqui “fechamos nosso corte”.

Algumas das leituras geográficas de textos nos remetem à instrumentalização. Talvez nem nós estivemos livres de ter tentado emplacar, em algum momento, leituras geográficas dessa natureza. Mas a instrumentalização não é algo ruim, não. Isso é muito bom, pois mostra a quantidade de possibilidades (arsenal) frente à literatura quando a Geografia busca novas formas de empreendimentos, onde, por exemplo, a arte pode ser inserida. Gostaria de deixar claro que não é o caso de Ferraz ou Marinho.

Mas, e outras literaturas que são menos confortáveis a um diálogo com a Geografia? E outros textos? Nossa humilde posição não quer renegar outras posições críticas nem procedimentos analíticos. Aliás, somos fãs desses autores que atingiram um nível de conhecimento e uma linguagem que um dia, particularmente, seria difícil alcançarmos. Porém, ficamos assistindo muitos especialistas falando que não querem extinguir as formas de análises geográficas em literatura, com uma humildade incrível, e acolhem olhares díspares, discursos e linguagens outras. Por outro lado, existe uma parcela de pesquisadores que se esforça para excluir outras formas de olhares (análises) e possibilidades de ver e viver o mundo. Numa sociedade com uma multiplicidade imensa de sujeitos e relações que se estendem à escala de estratos infinitos, não aceitar o diferencial e as multiplicidades é continuar a negar a existência

de grupos, indivíduos e linguagens que estão fora dos padrões e normas estipuladas.

Jörn Seemann, geógrafo que está dentro desse âmbito da aproximação com a arte e a literatura, no artigo “Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas” nos iluminou um pouco. Na maioria de seus escritos, o geógrafo agrupa discussões de publicações internacionais. Apoiado nesses autores, o autor chega a uma conclusão: “O texto literário gera textos acadêmicos que, por sua vez, também merecem ser investigados” (Seemann, 2014, p. 93).

A Geografia analisa textos literários e sua produção científica é ampliada. Essa produção pode ser analisada também geograficamente. Se esses textos igualmente fazem jus a uma empreitada geográfica, não há porque rejeitar esforços analíticos espaciais em outros tipos de textos. Aqui Culler nos ajuda novamente: “Mas tanto as obras literárias quanto as não literárias podem ser estudadas juntas e de modos semelhantes” (Culler, 1999, p. 26).

Se tanto textos literários quanto não literários podem ter caminhos iguais nas análises e, especialmente no nosso caso, as geográficas, não enxergamos empecilho algum no fato geral de nossa escrita. Encontramos, ainda no texto de Seemann, outra prerrogativa que nos enriquece e nos ajuda.

Angharad Saunders (2010) sugeriu tratar as geografias literárias como geografias textuais ou dos textos, englobando não apenas os romances, mas também obras de não ficção: Saunders afirma que “não é mais meramente o ficcional que incita o interesse geográfico, mas também, cada vez mais, a riqueza do não ficcional através de que a palavra escrita opera. Isso é mais do que um reconhecimento de que textos fazem parte do mundo social” (Saunders, 2010, p. 437 *apud* Seemann, 2014, p. 93).

A concepção de geografias textuais ou de geografias dos textos é uma ideia que nos agrada imensamente, já que o documento de nosso esforço maior é justamente isso: ele faz parte de uma parcela do mundo social, mesmo que distante dos geógrafos e dos críticos literários. Não é um texto que se encaixa em algumas formas de ficção<sup>39</sup>, mas é um texto que toma parte no mundo. A

---

<sup>39</sup> Essa questão ficcional ainda vai dar pano para muita manga. Teríamos de escrever outro livro para dar conta da complexidade dos problemas que arranjamos.

justificativa é muito plausível, pois tanto o ficcional quanto o não ficcional operam a palavras de maneiras específicas. Essa percepção se reconhece em todas essas gamas variadas de textos como participantes do mundo social, de tal maneira que tanto textos de Lobivar Matos, no âmbito da poesia, como textos de Johannes von Buttlar, na esfera da explanação de relatos de fenômenos ainda desconhecidos, importam, sim, à Geografia.

O artigo de Pauli Tapani Karjalainen nos ajuda imensamente, ainda, por causa da leitura textual em Geografia. O autor indica três palavras-chave para a realização dessa leitura: *significado produzido/deferido; intertextual; dança dos significados* (Karjalainen, 2012, p. 11).

No modo textual de ler, o texto e o leitor vivem numa simbiose. Quando eu leio o texto, eu leio ao mesmo tempo sobre o meu próprio ser, onde meu ser é constituído no próprio processo de leitura. Portanto o que é importante não é o trabalho com as fontes mais ou menos estáveis de referência, mas o texto como um campo semiótico de complexos associativos de significação, em que o significado continuamente toma novas formas. A interação entre o leitor e o texto é essencial: o significado não está contido no texto, mas é criado por esta confrontação. Berman (1988, p. 176) diz que: “o significado não é descoberto no texto, mas é efetuado pela sua leitura”. O leitor vagueia sobre o texto, e também sobre o contexto, porque não há nenhum texto sem contexto referente a outros textos. Conexões intertextuais, ou o movimento de associações criativas entre os textos, aqui está uma característica essencial do trabalho artístico (Karjalainen, 2012, p. 12).

Ficamos bastante tocados com estes procedimentos, porque de alguma forma desde sempre fizemos isso. Creio que será bem difícil encontrar referências “estáveis” a serem contempladas na nossa interferência geográfica sobre a discussão do livro “O Fenômeno UFO” de Johannes von Buttlar. É por isso que a leitura geográfica desse texto específico se revela no sentido de conceber uma conexão a partir de nossa capacidade criadora<sup>40</sup>, considerando o contexto da narrativa.

---

<sup>40</sup> Jones Dari Göetttert, inconscientemente já evocou isso em um trabalho aplicado na obra de Manoel de Barros sem se preocupar com o carregamento de alguma referência: “E não é o que Manoel de Barros fez com o espaço: é o que nós entendemos *do* espaço a partir da leitura de “Livro de pré-coisas” (Göetttert, 2011, p. 174). O problema dessas ousadias é que talvez nunca as revistas científicas, principalmente as mais renomadas em Geografia, aceitem esse tipo de atitude: um trabalho com ausência de referências, já que isso é um elemento fundamental no final do texto, e tem revistas que exigem que 50% das referências sejam de outras revistas

E como executaremos o diálogo geográfico com um produto textual sobre uns acontecimentos fantásticos? Os nossos procedimentos são bastante modestos: reportaremos na íntegra o conteúdo textual, mas parceladamente; sempre que o espaçamento entre linhas for simples, teremos o conteúdo do livro de Buttlar. Assim sendo, os parágrafos do livro serão inseridos parceladamente. Logo após os segmentos textuais, conectamos o *geoexame*, que é nossa interferência geográfica (parágrafos autorais). Em primeiro lugar consideraremos as noções espaciais e, depois, se houver outra concepção por trás, no mínimo comentaremos. É claro que não somos capazes de refletir sobre todos os aspectos, mas nos comprometemos a, no mínimo, questionar e tencionar tudo aquilo que for possível no texto. Trata-se, portanto de uma *“Geografia do Texto”*.

---

científicas, gerando um certo aprisionamento, talvez impedindo criatividade. E é justamente por isso, que textos como o de Jones e o meu já nascem para ser livros ou capítulos de livros.

## CAPÍTULO 3

### E o que seria o Geoexame?

Amarramos duas palavras, “Geo” como uma simplificação de Geografia, com “exame”, para estabelecer o nosso padrão de procedimento frente ao texto. Nosso trabalho é diferenciado porque todo o conteúdo textual será disponibilizado aqui por dois motivos: primeiro, porque como não é um assunto muito conhecido, nem o Livro de Buttlar, nem o caso de Villas Boas. Mas, seria um modo de resgatar um conteúdo perdido no tempo. Isso é significativo para que outras pessoas possam conhecer esse fato. Segundo, porque nossa estratégia de reprodução do conteúdo e de sua análise se assemelham àquilo que se chama de “*Literatura Comentada*”, ou, no caso, “*Texto Comentado Espacialmente*”!

Examinaremos tudo o que o texto pode oferecer, porém com ferramentas de uma Geografia mais humana. Aqui, o propósito maior é tencionar elementos de âmbitos totalmente diversos: multiplicidades entre *Geografia, texto e ufologia*. Será que conseguimos gerar um produto coerente? Não custa nada tentar. Mapearemos tudo o que encontrarmos no nosso documento. Atacaremos geograficamente, e sem nenhum pudor, a máquina textual, desmontando seus componentes linguísticos que operam em redação, remontando as peças a partir de nossa maneira de construir uma máquina de escrita num estilo de geógrafo comprometido com outros devires.

É a partir daqui que a nossa tarefa fica mais árdua, já que temos de transpassar (computar) o conteúdo textual do livro na íntegra para o executor de redação (editor de texto) e conectar a interferência espacial tencionando elementos da ufologia que estão no texto, com algum conhecimento da Geografia.

## **Espaço-análise [geoexame] textual em “O contato fantástico vivido por Antônio Villas Boas”**

Cuidado com o disco voador (W/Brasil, 1992).

Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos (Foucault, 2015, p. 430).

Tanto no direito como nas ciências sociais, o testemunho tem um peso epistêmico considerável na determinação dos fatos. Embora por vezes errado, dada a sua importância na sociedade, o testemunho só é rejeitado se existirem fortes razões para o fazer<sup>41</sup> (Wendt; Duvall, 2008, p. 615, tradução nossa).

As rupturas são necessárias para o conhecimento científico geográfico. Como então fazemos isso? Provavelmente tendo novas ideias de disposição com aquilo que nos comprometemos a conectar. Dessa forma, todo material textual do caso descrito no livro de von Buttlar será evocado aqui. As partículas textuais do livro tratam-se, então, de memórias que foram acionadas por um especialista em medicina.

É importante notar que as memórias de abdução raramente emergem sem ajuda. Aqueles que descobrem que podem ser abduzidos geralmente procuram ajuda por uma série de razões - ansiedades vagas, fobias específicas, pesadelos, memórias fragmentárias e perturbadoras, ou o que parece ser um episódio inexplicável de "perda de tempo" (Hopkins, 1981). Geralmente é somente após consulta com um psicoterapeuta ou algum tipo de investigador de OVNI que essas pessoas conseguem articular uma memória específica de terem sido abduzidas por alienígenas<sup>42</sup> (Newman; Baumeister, 1996, p. 101, tradução nossa).

---

<sup>41</sup> Em inglês: *“In both law and social science, testimony has considerable epistemic weight in determining the facts. While sometimes wrong, given its importance in society, testimony is rejected only if there are strong reasons to do so.”*

<sup>42</sup> Em inglês: *“It is important to note that abduction memories rarely emerge unaided. Those who learn that they might be abductees commonly seek out help for any of a number of*

A memória do paciente foi acionada e não está ligada com algum tipo de ignorância ou posição social. Numa pesquisa sobre relatos de OVNI, Spanos *et al.* diz o seguinte: “Em suma, relatar experiências de OVNI não estava associado à marginalidade social ou intelectual<sup>43</sup>” (Spanos, 1993, p. 625, tradução nossa).

Além dos posicionamentos, o fator temporal das mudanças de disposição das variações situacionais será empreendido para que, de fato, as noções de espaço e espacialidade sejam plenamente compreendidas. O nosso diálogo é a prática de uma captação do *espaço vivido* de um sujeito com história única: “Exatamente como o “tempo vivido” biográfico de alguém nunca seria completamente conhecível, assim também o mesmo se aplicaria ao espaço vivido (igualmente biográfico)” (Soja, 2013, p. 144). Para seguir com a ideia apresentada neste livro, serão apresentadas passagens do livro de von Bullar. O peso epistêmico do relato de Villas Boas no texto inicia-se assim:

### **O contato fantástico, vivido por Antônio Villas Boas**

Na tarde de 22 de fevereiro de 1958, Antônio Villas Boas prestou o seguinte depoimento, na cidade do Rio de Janeiro, no consultório médico do Dr. Fontes e na presença do jornalista João Martins, testemunha:

Meu nome é Antônio Villas Boas, tenho 23 anos, sou agricultor, vivo com minha família numa fazenda de nossa propriedade, situada nas imediações de São Francisco de Sales, estado de Minas Gerais, perto dos limites do estado de São Paulo. Tenho dois irmãos e três irmãs, todos eles morando na vizinhança; outros dois irmãos meus já faleceram. Todos os homens da família trabalham na fazenda, cujas terras abrangem campos extensos e muitas plantações a serem cuidadas. Para lavrar a terra temos um trator com motor a diesel, marca Internacional, com o qual trabalhamos em duas turmas, uma diurna, outra noturna, na época do plantio. De dia trabalham os nossos empregados; de noite, costumo trabalhar sozinho ou, às vezes junto com meus irmãos. Sou solteiro, tenho boa saúde, trabalho duro, faço um curso por correspondência e estudo sempre que posso. Para mim foi um sacrifício viajar até o Rio, pois estão precisando de mim lá na

---

*reasons-vague anxieties, specific phobias, bad dreams, fragmentary and disturbing memories, or what seems like an inexplicable episode of "missing time" (Hopkins, 1981). It is usually only after consultation with a psychotherapist or some sort of UFO investigator that these people can articulate a specific memory of being abducted by aliens.”*

<sup>43</sup> Em inglês: “In short, reporting UFO experiences was not associated with either social or intellectual marginality.”

fazenda. No entanto, considere-me meu dever relatar os acontecimentos extraordinários nos quais fui envolvido. Farei de bom grado tudo quanto os senhores acharem que devo fazer e também me prontifico a depor perante autoridades civis e militares.

A circunstância fica muito bem elucidada e as localizações igualmente ficam muito bem esclarecidas no início do texto: três sujeitos (Antônio Villas Boas, um médico e um jornalista) encontram-se agrupados em um certo ponto do Rio de Janeiro, há mais de sessenta anos, dentro de um consultório médico. Seria uma situação bastante confortável retirar desses primários momentos uma geografia *atestada*, que se esforçaria a uma análise voltada às localizações práticas dos acontecimentos dos eventos e dos sujeitos, interconectando ao exame regional. Um relato proferido em uma grande cidade do litoral brasileiro.

Entretanto, o relato é direcionado a outra localização. Os fenômenos em si aconteceram em outra determinada situação regional, onde é invocado o nome da cidade São Francisco de Sales, que fica no extremo sudoeste do estado de Minas Gerais, na divisa com São Paulo.

Pesquisas que tem por objetivo confeccionar mapas partindo da leitura de textos já se propagam no mundo acadêmico. O trabalho de Georg Wink (2015) *“Espaços ficcionalizados em Desterro, de Luis S. Krausz: um ensaio em geografia literária”*, tem por objetivo espacializar, através de métodos de geoprocessamento, o enredo de uma obra específica:

O método implica, bem resumidamente, analisar, através da produção de mapas, questões relevantes à relação entre texto e espaço, como as várias formas de referenciar espaços geográficos (indicar, suprimir, anonimizar, transformar) e as funções narrativas atribuídas aos espaços ficcionalizados (Wink, 2015, p. 49).

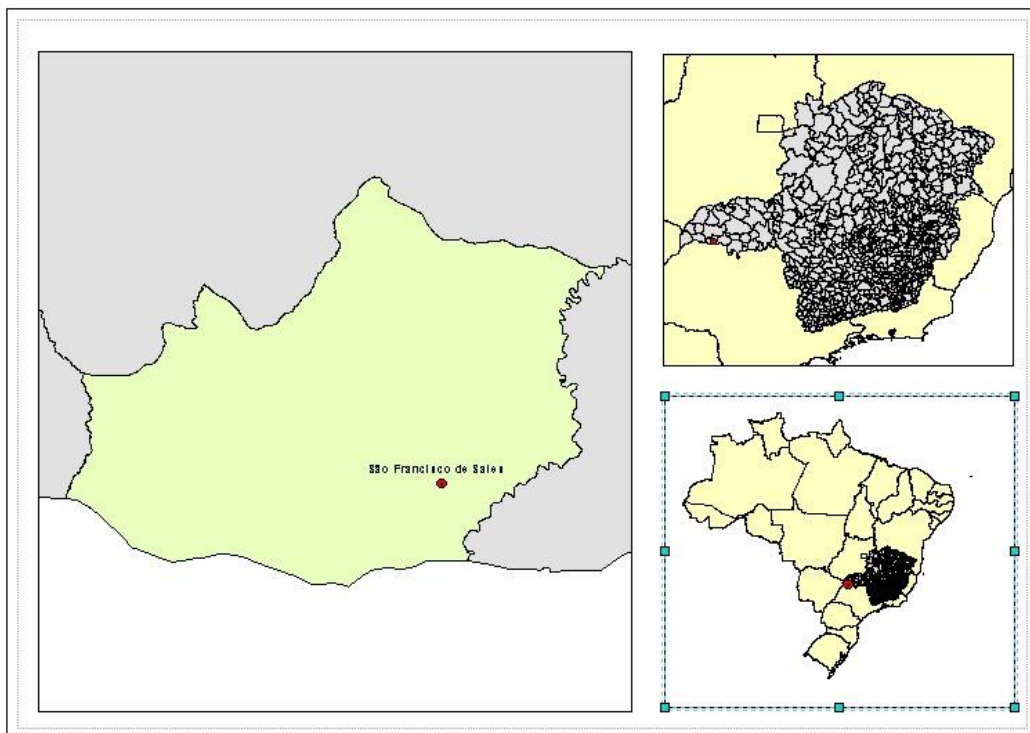
Já o trabalho de Walter Luiz Jardim Rodrigues e Viviane Corrêa Santos (2016) *“Mapeamento geoliterário: uma proposta metodológica para os estudos geográficos”*, tem como intenção: “comparar com a atual organização espacial da cidade a partir do uso das geotecnologias para espacializar, identificar, analisar e representar o espaço através de mapas temáticos gerados a partir do mapeamento geoliterário”.



Citamos esses trabalhos porque eles nos iluminam. Gostamos muito da ideia de confeccionar mapas, a partir de uma Literatura, uma vez que o narrador e suas inúmeras instâncias podem dar visualizações sobre algum terreno que só ele possa dar.

A Geografia vai em busca dessa parcela textual, registrando no mapa da Figura 1 o lugar que concerne a sua posição na superfície terrestre, objetivando um demonstrativo e comparativo no conceito regional. Como geógrafos temos de referenciar esses dados.

**Figura 1** - Localização do Município de São Francisco de Sales.



Sistema de Coordenadas UTM. Datum: Sirgas 2000. Zona 22S.  
Fonte: IBGE, 2024. Org. Ibanhez.

No caso, haveria uma justificativa muito plausível na aproximação geográfica com o nosso específico texto, um fragmento bastante importante em nosso trabalho: a localização regional, ou mesmo, a local. Suga-se tais informações do texto, ratificando seu contexto espacial, e aumentando o poderio de discussão da condição geográfica.

Tudo que esteja no texto nos ajuda, como é caso das localizações de fenômenos acontecendo em suas regionalidades. Como trabalho geográfico, essa é a primeira tarefa.

Agora, pensemos nos elementos mais complexos e conflitantes das partículas textuais. O primeiro parágrafo do texto posiciona a situação. Não é a fala do contribuinte, mas é um pequeno trecho léxico construído pelo autor da obra para preparar o terreno para o leitor; é a máquina de expressão do autor do livro, o seu momento.

É no segundo parágrafo que se inicia a explanação. Os conteúdos linguísticos que saem da boca do sujeito são, agora, o centro das atenções. O mecanismo da consciência (mente/cérebro) que registra os fatos aciona órgãos que vão *desterritorializar* a fala. O plano da narrativa muda de valor e, agora, é a máquina de fala do sujeito nominado. E mesmo a enunciação proferida pelo indivíduo com seu nome próprio que, de fato, só ocorre no segundo parágrafo, só se pode ser entendido por meio dos agentes coletivos. Neste sentido, utilizaremos alguns fragmentos da teoria de Gilles Deleuze e Felix Guattari para compor um quadro que, de alguma forma, dê alguma estabilidade às nossas suposições.

Não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação (por "agentes coletivos" não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades). Ora, o nome próprio não designa um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. O nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade. O nome próprio é o sujeito de um puro infinitivo compreendido como tal num campo de intensidade (Deleuze; Guattari, 1995, p. 49).

Se jamais existe enunciado individual, Villas Boas deve ser incorporado em uma categoria única de refletir o mundo, e o conceito de "agentes coletivos" proposto por Deleuze e Guattari deve ser extrapolado. No caso, além de multiplicidades específicas, os agentes coletivos devem ser, sim, neste caso, considerados como povos e/ou sociedades. Isso ficará mais claro adiante, porque o campo de intensidade do sujeito, sua geografia vivida será bastante comprometida, ele será representante dos povos da Terra.

A narração se dá pelo personagem principal (coloquemos assim), o que, em teoria literária é conhecido como "'autodiegético' (quando não só está dentro da história, como também é o seu personagem principal)" (Eagleaton,

2006, p. 159). Será que tal conceito pode ser aplicado aqui nesse estudo, uma vez que não é um texto literário? Deixemos flutuar assim, vamos levando.

É claro que estamos exagerando demasiadamente ao comparar a situação do nosso texto com literatura. No entanto, de alguma forma torna-se bem justificável. Sob o suporte da própria teoria literária já apreendemos que, tanto os textos literários como os não-literários podem ser refletidos de maneiras parecidas, pois suas qualificações se assemelham em muitos aspectos. O nosso tipo de escrita, em geral, é também uma forma de tencionar e suscitar discussões no âmbito da Geografia científica que se aproxima de textos e, por isso, surgem tais embates e provocações para gerar “novas” linhas de pensamentos.

Villas Boas vai narrar a si próprio em acontecimentos que veremos mais adiante, o que é, no mínimo, fora do comum. Ele mesmo fala em “acontecimentos extraordinários”. Eghigian (2017) apresenta que:

O fenômeno dos OVNI's e do contato com alienígenas começou e permaneceu fundamentado em experiências humanas pessoais, especificamente experiências consideradas extraordinárias pelas próprias testemunhas (Clarke, 2013). Os registros de arquivo fornecem inúmeros exemplos de indivíduos que encontraram algo fora do comum nos céus (Eghigian, 2017, p. 616, tradução nossa)<sup>44</sup>.

A condição de máquina de fala colocada no texto é uma experiência denotada por um ator que, diante das situações vividas em seu espaço inicial, considera o fato geral extraordinário. Esse espaço inicial é o seu lugar.

Na narrativa, a palavra *lugar* não é citada. No entanto, em nosso entendimento, enxergamos sua evocação inconscientemente e a aproximamos com a categoria conceitual, uma vez que são detalhadas as especificações do domínio de sua (sobre)vivência e bem-estar, isto é, de sua territorialidade. Yfu-Tuan, geógrafo humanista que durante décadas já vem antecipando essas discussões, apresenta que:

---

<sup>44</sup> Em inglês: “*The UFO and alien contact phenomenon began with and has remained grounded in personal human experiences, specifically experiences deemed extraordinary by witnesses themselves (Clarke, 2013). Archival records provide countless examples of individuals who encountered something out of the ordinary in the skies.*”

Seres humanos são corpo e mente. O corpo é equipado com os sentidos do paladar, tato, olfato, audição e visão. Por meio deles fazemos contato com o ambiente e, com o tempo, tornamo-nos fortemente ligados a ele. A esse ambiente familiar chamamos de lar - um lugar íntimo que é necessário para nossa sobrevivência e bem-estar. Por outro lado, também temos a mente: com ela somos capazes de perambular imaginativamente em outros mundos e realidades. Nesse sentido, portanto, podemos considerar nosso corpo como “lugar” e nossa mente como “espaço”. Quando pensamos, estamos fora do corpo, fora do lugar e, de fato, fora dos nossos sentidos (Tuan, 2014, p. 9).

Villas Boas está em uma sala fechada acompanhado de outros sujeitos. No entanto, sua narrativa, sua enunciação, está jorrando suas imagens da memória que perambulou outra realidade: se o nosso corpo é lugar e nossa mente é espaço há um encontro do espaço com lugar. Seu corpo (lugar) está acessando a memória (espaço) da realidade do seu domínio físico de conforto. Ora, vejamos bem, o espaço que é o acesso mental remete à territorialidade de seu dia a dia, seu lugar. Assim, o espaço encontra o lugar.

A situação ambiental da sala (clínica) é costurada por um sacrifício espacial. A figura principal (Villas Boas) tem ligações territoriais afetivas e trabalhistas com outra área, seu habitat, sua geografia vivida no cotidiano: campos extensos e plantações a serem cuidadas em coordenadas geográficas específicas.

Há uma descrição cartográfica muito bem organizada na fala de Villas Boas em relação à localização da fazenda de sua família que não é mensurável, mas traz sua dinâmica temporal: no período de plantio, duas turmas diárias, empregados de dia e proprietários à noite revezando o uso do maquinário com fins de produção agrícola.

De fato, não sabemos o posicionamento de sua fazenda no mapa, porque essas informações não foram colocadas no texto. Tentamos utilizar de muitos artifícios para conseguir uma localização precisa; no entanto falhamos. Mas não se pode deixar de aludir a essa categoria, lugar, e mesmo, se referir ao local.

O local (enquanto o que é próprio do lugar) aparece como ponto de convergência, gerador e receptor dos ciclos (modelos econômicos e padrões culturais), que compõem o espaço global (como o que é próprio do mundo). O local está relacionado ao cotidiano, à vivência, à maior interação entre os sujeitos (e suas particularidades como: habitat, fenótipo, forma-apropriação dos recursos, crenças e costumes) com outros indivíduos e grupos (Colucci; Souto, 2011, p. 116, tradução nossa).

Mesmo a atração territorial de dada área, o lugar de procedência, não impede a desterritorialização do sujeito, constituindo uma reterritorialização de comprometimento de relatos de algo comprometedor diante de uma crença universal. O consultório é o local de fala e vetor de ligação temporal que carrega o espaço, e o presente da sala vai acomodar futuros relatos do passado. Fica no espaço físico da sala a obrigação de não “abafar” o caso (enunciar), e, se for necessário, explanar diante de outros (autoridades; militares) sua experiência, jorrar sua máquina de fala.

As lembranças são imóveis e tanto mais sólidas e quanto mais bem espacializadas. Localizar uma lembrança no tempo não é uma preocupação de biógrafo e quase corresponde exclusivamente a uma espécie de história externa, a uma história para uso externo, para comunicar aos outros (Bachelard, 1978, p. 203).

Pode-se pensar em uma arqueologia de imagens remontadas em relatos (regiões de lembranças) com finalidade de comunicação. O consultório do especialista em medicina transformara-se em espaço de declarações. A propriedade de sua família, que também era seu aconchego íntimo, sua toca, agora é o centro do mundo.

Tudo começou na noite de 5 de outubro de 1957. Naquela noite, tivemos visita, razão pela qual fomos dormir somente pelas 23 horas, bem depois da hora de costume. Eu estava no meu quarto, em companhia do meu irmão João. Fazia bastante calor naquela noite e, por isso, abri a janela, que dá para o terreiro, quando lá vi uma luz brilhante, que iluminava todo ambiente. Era uma luz bem mais clara do que a do luar e não consegui distinguir sua procedência. Mas evidentemente, deveria ser refletida do alto, bem em cima, pois me deu a impressão de holofotes dirigidos para baixo e iluminando a nossa fazenda toda. Porém lá no céu, eu não pude distinguir coisa alguma. Chamei meu irmão, para ele também ver aquela luz; mas, pacato e comodista como ele só, não se incomodou e achou melhor dormirmos. Em seguida, fechei as venezianas e fomos dormir. No entanto, aquela luz não me saía da cabeça e nem me deixava pregar os olhos, de modo que, sentindo uma curiosidade imensa, tornei a levantar-me e a abrir

as venezianas, para ver o que se passava lá fora. A luz continuava inalterada, no mesmo lugar. Fiquei de olhar fixo naquela luz quando, de repente, se deslocou para perto da minha janela. Assustado, bati as venezianas, com tamanho barulho que acordei o meu irmão que já tinha adormecido. Dentro do quarto escuro, ele e eu acompanhamos a luz que entrava pelas venezianas: vimo-la deslocar-se em direção ao telhado, por onde penetrou, então, pelas frestas entre as telhas. Por fim, a luz desapareceu e não voltou mais.

Depois de situado o laço territorial de Villas Boas e o contexto de sua vida, é nesse parágrafo que o consultório começa a receber os relatos de eventos perturbadores. Nisso, as situações espaciais diminuem de escala; há uma geometrização muito bem calculada e pormenorizada na máquina de expressão do sujeito. Se, em um primeiro momento a porção da regionalidade de sua localidade foi explicitada, agora o objetivo da fala do contribuinte é relatar as experiências vivenciadas nessa pequena porção de sua territorialidade. Trata-se, também, de uma temporalidade específica neste momento: dia 5 de novembro de 1957, que é demarcada com suas durações: 23 horas em diante. Propriamente dito, de fato, é nesse último subitem (parágrafo) que começa a trama no qual foi envolvido.

A propriedade, na data proclamada, foi espaço do trabalho, do suor, de maquinários agindo sobre o terreno lavrando a terra. Mas, o tempo renovou o espaço, e às 23 horas o espaço é de repouso. A casa, como diria Bachelard “é nosso canto do mundo” (1978, p. 200). Esse canto do mundo, no caso de Villas Boas, agora é parte de uma ambientação bastante misteriosa. O plano principal dos acontecimentos é repartido em dois setores espaciais: a casa, a intimidade do quarto; e a imensidão do externo, lá fora, o terreiro. A janela é olho que vê o externo. Os ventos entraram por ela, uma vez que foi aberta, abalando a proteção íntima. A janela é o vetor de ligação dicotômica entre interior e externalidade. A imensidão externa fora iluminada por uma luz desconhecida. A luz incompreensível que toma o vasto terreno convida o sujeito à exploração visual em busca da sua procedência. O olhar do quarto íntimo se projeta no terreiro imenso e a relação que se dá com o sujeito é de um espaço de espanto do desconhecido. Tudo fica muito sinistro. Fica um contraponto ambiental: a imensidão iluminada (o lá fora); contra o aposento escuro (o aqui dentro).

O espaço de curiosidade é anunciado e sentido, ou seja, é algo curioso que mexe com os ânimos. Neste instante, o ambiente do quarto foi repartido em duas subespacialidades pelos irmãos: espanto (atenção) e indiferença (sonolência). A oposição radicalizada no clima dos sujeitos, atenção por parte de um e descaso por parte do outro, teve curta duração. O espaço sofreu uma alteração: o descaso fora somado a uma tentativa de relaxamento. Nessa situação, o vetor de ligação com o externo foi encerrado bruscamente: um setor ficou isolado de outro, o que pouco perdura. A curiosidade iria movimentar um dos corpos em estado de repouso. Houve novamente a abertura do vetor de ligação com o externo, mas ainda ocorria uma dicotomia entre sonolência e atenção. Em determinado momento, a estranha luz saiu de sua inércia e foi explorar as paredes e o teto, penetrando na intimidade dos sujeitos. O espanto fora reforçado (o vetor de ligação com o externo novamente aberto, foi encerrado por um golpe de susto), não havia mais ninguém dormindo, o espaço era de alerta. Mas, a luz curiosa, depois de um mapeamento sobre as intimidades, sumiu e não voltou, deixando um vácuo no ar.

Nove dias depois do primeiro acontecimento, outro evento ainda mais enigmático e confuso voltou a ocorrer. Agora, entretanto, todos os movimentos, tanto daquilo que é desconhecido como dos sujeitos humanos ocorreram na imensidão do externo. Não há mais proteção íntima que separa os envolvidos. Todos estão posicionados na terra lavrada que acabara de ser trabalhada.

Em 14 de outubro houve o segundo incidente. Deve ter ocorrido entre 21h30m e 22 horas; não posso precisar a hora exata, pois estava sem relógio. Trabalhei com o trator em companhia de um outro dos meus irmãos. De repente, avistamos uma luz muito clara, penetrante, a ponto de fazer doer a vista. Quando a vimos pela primeira vez, despontou grande e redonda, como uma roda de carroça, na ponta norte do campo, cuja terra lavramos; era de um vermelho claro e iluminou uma grande área. Distinguimos alguma coisa dentro daquela luz, mas não posso precisar o que era, pois fiquei com a vista totalmente ofuscada. Pedi a meu irmão que me acompanhasse até lá, para ver de perto o que havia. Mas ele se negou a me acompanhar. Então, fui sozinho.

Depois dos incógnitos eventos, a vida voltou ao normal. No entanto, depois de um intervalo temporal, em questão de dias, outro acontecimento ainda mais surpreendente preencheu a atmosfera pacata e rural da vida na

fazenda. Temporalidade e duração foram demarcadas no espaço, e a luz espantosa mostrou suas caras novamente. Mas agora não se projetou mais oblíqua, de cima para baixo; se posicionou em perfil, no lado norte da propriedade, com medidas de uma roda de carroça, com claridade violenta, a ponto de se tornar o espaço ofuscado, abrangendo uma grande área. Dois sujeitos e uma luz vermelha (clara) em lados oposto no terreno; um dos sujeitos se negou à exploração espacial, o outro não se intimidou.

Quando me aproximei da luz, ela se deslocou repentina e ultravelozmente para a ponta sul do campo, onde ficou novamente parada. Corri atrás da luz, que, então, tornou a voltar para onde estava antes. Tornei a correr atrás da luz, mas ela fugiu de mim, repetindo essa sua manobra umas vinte vezes e não permitindo que eu chegasse perto dela. Então desisti de pegá-la e voltei para junto de meu irmão. Por uns poucos minutos, a luz ficou imóvel, à distância; ela parecia emitir raios intermitentes, em todas as direções, que me fizeram pensar nos raios do sol poente. Em seguida, desapareceu tão repentinamente, que tive a impressão de ter sido apagada. No entanto, não tenho certeza absoluta de as coisas, realmente, se terem passado dessa maneira, pois não sei mais se durante todo o tempo mantive meu olhar fixo na luz. Talvez tenha desviado por algum instante, ocasião em que ela poderia ter subido de repente.

Sem ser intimidado, o sujeito principal deslocou-se no terreno, em direção à terra que foi lavrada (norte da propriedade) em busca de respostas do que não se sabe, do grande enigma. A luz também se deslocou (ultravelozmente) com a aproximação do sujeito para o lado oposto, para o sul, procurando acomodar uma territorialidade que seja oposta à do sujeito humano. Esses movimentos nos remetem às desterritorializações, e reterritorializações *instáveis*, a um espaço de repetições comportamentais de deslocamentos, perseguições e linhas de fugas: “As territorialidades são, pois, atravessadas, de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização” (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 69). Num jogo declarado perdido, Villas Boas se reterritorializa em seu ponto inicial, junto de seu irmão. Então, provavelmente, o objeto votou ao seu posicionamento inicial. Não dá para ter certeza, mas parece ser uma territorialização definitiva e oposta ao humano. As investidas e as fugas deixaram um (des)norteamento espacial na percepção do sujeito. O objeto não identificável repele luzes continuamente em todas as direções,



parecendo querer demonstrar toda a sua potência. E, após a sua exibição, o espaço se vê remediado do fenômeno da luz que se desloca, se expande e dissipa-se. Essa segunda eventualidade causa certo desconforto sobre o sujeito e, mais uma vez, a percepção ambiental deixa dúvidas se a luz se apagou, ou movimentou-se para cima a uma velocidade inacreditável.

Esse último evento vivido pelo enunciador da narrativa, foi, no mínimo, estranho. São acontecimentos que podem provocar certo desconforto no leitor cético; no entanto, essa ocorrência é a pontinha de um iceberg. Na sequência temporal, a situação se agrava e não há como evitar um encontro fatal.

No dia seguinte, 15 de outubro, trabalhei sozinho com o trator. Era uma noite fria e o céu noturno, claro, estava salpicado de estrelas. Precisamente à 1 hora vi uma estrela vermelha, de aparência igual à de uma daquelas grandes estrelas bem claras. No entanto, percebi logo que não se tratava de uma estrela, pois aumentou progressivamente de tamanho e parecia se aproximar de mim. Dentro de alguns instantes, tornou-se um objeto brilhante, da forma de um ovo, que se dirigiu a mim a uma velocidade incrível. Sua aproximação era tão veloz que já estava sobre o trator antes de eu poder pensar no que deveria fazer. De repente o objeto ficou parado e desceu até uns cinquenta metros acima da minha cabeça. O trator e o campo ficaram iluminados, como mergulhados em plena luz do dia. A luz dos faróis do meu trator completamente ofuscada por aquele brilho penetrante, vermelho claro. Senti um medo horrível, pois não podia fazer ideia do que seria aquilo. Eu queria fugir com aquele trator, mas, em comparação com a velocidade daquele objeto, sua marcha era lenta demais e foram inúteis todos os meus esforços para acelerá-lo. Da mesma forma, pular do trator e tratar de fugir a pé, correndo na terra recém-lavrada, tampouco me teria adiantado qualquer coisa; ademais, desse jeito, eu me teria arriscado a fraturar uma perna.

A partir daqui temos muitas dificuldades para operar a análise espacial textual, se levarmos em considerações as teorias da Geografia. Aqui não há Geografia teórica que nos ajude a pensar a situação que se qualifica na sequência da narrativa. Não há referências estáveis para amparar o encontro entre Geografia e texto.

Os relatos de abduções por OVNIs geralmente começam com a visão de um disco voador ou de uma nave espacial, embora os abduzidos às vezes se lembrem apenas de terem percebido uma luz brilhante. Tais detalhes estão frequentemente ausentes, no entanto, e é bastante comum que o episódio de abdução comece com o aparecimento de seres estranhos, que se presume serem alienígenas extraterrestres. Normalmente, as

vítimas ficam paralisadas ou imobilizadas neste ponto (muitas vezes em seus carros ou casas) e depois levadas para a nave alienígena. Ocasionalmente, as pessoas se lembram de terem sido carregadas a bordo ou de outra forma transportadas para lá, mas é mais comum que os abduzidos não consigam se lembrar de como foram parar dentro do OVNI<sup>45</sup> (Newman; Baumeister, 1996, p. 101, tradução nossa).

Enquanto até certo momento podíamos aludir à Geografia Agrária ou até mesmo a uma Geografia Econômica, aqui não há nada em que escorar. Até o fato de Villas Boas encontrar com o grandioso objeto voador não identificável, no que tange às situações científicas da área humana, como nós poderíamos pensar esse fato em relação a uma perspectiva geográfica? Milton Santos, com essa declaração, talvez possa nos ajudar a pensar tal indagação:

A ação não se dá sem que haja um objeto; e, quando exercida, acaba por se redefinir como ação e por redefinir o objeto. Por isso os eventos estão no próprio coração da interpretação geográfica dos fenômenos sociais (Santos, 2006, p. 61).

Será que podemos chamar esse evento relatado pela figura principal de nossos comentários de fenômeno social? Bom, isso se torna mais difícil de responder, e jogamos tudo nas palavras de Milton Santos coligando com o nosso objetivo: uma ação partindo de um objeto (objeto brilhante) implicando em um evento; no entanto, esse evento é dificultoso a uma passível intervenção de análise geográfica.

O nosso diálogo se dá desconstruindo os eventos e remontando nossa maneira geográfica de narrar, como estávamos aplicando nas análises das parcelas textuais da narrativa de Villas Boas até o momento. No entanto, a análise espacial, partindo desse ponto, implica em uma Geografia que não se vê todo dia. Nosso intuito não é provar algo de verdade, pois as considerações espaciais se dão percorrendo (reconhecendo, ponderando) o território do texto. As narrativas (eventos) colocadas no texto são unicamente o nosso parâmetro

---

<sup>45</sup> Em Inglês: “*UFO abduction accounts often start with the sight of a flying saucer or spaceship, although abductees sometimes remember only being aware of a bright light. Such details are frequently absent, however, and it is quite common for the abduction episode to begin with the appearance of strange beings, who are presumed to be extraterrestrial aliens. Typically, the victims are paralyzed or otherwise immobilized at this point (often in their cars or homes) and then taken onto the aliens' craft. Occasionally, people remember being carried on board or otherwise transported there, but more commonly abductees cannot recall how they ended up inside the UFO.*”

de críticas e argumentos geográficos/espaciais. Se o texto trata de um tema delicado, isso implica, em vários sentidos, um assunto caro não só para a ciência, mas para toda a humanidade. Então, as nossas ideias de arranjo são: como nos aproximamos da Ufologia através de um texto? Não é comprovação de uma verdade; é diálogo.

Se nos primeiros episódios havia um grande intervalo de dias, esse terceiro acontecimento é na “rabetá” do outro, só que agora muito mais extraordinário. O relator dá as características ambientais que estão qualificando a sua situação espacial à hora indicada. Em uma noite bastante agradável, o sujeito solitariamente em sua máquina a diesel identifica uma estrela bastante clara que se movimenta no céu. O espaço geográfico alavanca-se para uma estratificação um tanto provocativa para os moldes de nossa ciência da terra: a escala do infinito. Há um rompimento do espaço terrestre geográfico.

O sujeito faz uma ligação visual com o espaço cósmico e tudo isso agora é o espaço geográfico: o desconhecido, com sua poeira cósmica e seus buracos negros, suas reações químicas. Toda contemplação é o enquadramento paisagístico do espaço de um universo em expansão do qual o sujeito é participante. O sujeito agora direciona a sua atenção para cima. Seu alcance vai até o infinito e não tem como desligar-se dele. O espaço atingiu a universalidade que pouco se conhece, e nem a camada de gás que assegura a vida na terra é capaz de criar um tipo de barreira. A paisagem é, agora, o todo terrestre e o cósmico que se fundem em um só a partir do olhar do sujeito. Como diria Bachelard, “o macrocosmo e o microcosmo são correlativos” (1978, p. 307).

O homem percebe uma estrela que cresce e aproxima-se, deslocando-se com uma velocidade incrível. Esses dois pontos, sujeito racional, terrestremente localizado na área rural especificada, e a estrela que se movimenta no infinito, são as coordenadas que poderiam se colocar em um mapa, abrangendo um ponto na superfície da terra e outro ponto no infinito do universo.

É claro que esse mapa é bem diferenciado dos convencionais, pois não há como sugerir um norte, pois essa indicação só funciona na estratificação terráquea.

Villas Boas existiu e chegou muito perto de um objeto extraordinariamente incrível. Este fato, agora, faz parte da história, mesmo que ele só tenha vivido e sentido e que não o possa provar. Não podemos praticar juízo de valor e, talvez, nem ligássemos se alguém nos contasse cara a cara. Mas, como somos geógrafos, temos como parâmetro maior o *texto*, e esse relato está documentado no livro de von Bullar.

Villas Boas projetou o seu olhar e o seu pensamento no infinito do universo (macrocosmo), ultrapassando as barreiras da superfície terrestre do seu microcosmo. Esse fato exige que avancemos em configurações de especulações de ideias para sermos compreendidos. Teremos de ir além.

O fato de Villas Boas contemplar toda essa paisagem cósmica, revela um rompimento já bastante frequente. A humanidade sempre se projetou no céu e no universo através dos saberes indígenas e de tantos outros povos. O que é o Sol para as sociedades humanas? Para algumas delas é um Deus. Vejamos, por exemplo, alguma reflexão filosófica específica sobre o Sol:

O sol [sic] é antes de tudo o grande Luminar do Mundo. Os matemáticos farão dele uma massa atraente. A luz é, no alto, o princípio da centralização. Tem um valor tão grande na hierarquia das imagens! O mundo, para a imaginação, gravita em torno de um *valor* (Bachelard, 1978, p. 308).

Todos os dias acordamos, porque, mesmo sem querer, ao nos levantarmos, o sol bate na cara, e ele é um indicador muito forte se dermos conta que a vida na terra só é possível sob sua vigilância. E é ele que, de alguma forma, rege muitas de nossas condutas: ninguém é louco de sair entre o meio-dia e três da tarde na borda alagada do extremo oeste do Brasil, sem uma cobertura na cabeça. Quão importante é o macrocosmo para a vida na terra!

Mas não é estrela, e Villas Boas consegue perceber, afinal, que se trata de um objeto em formato de um ovo brilhante, porque em questões de milésimos de segundos se movimentou do infinito, lá em cima, para mais ou menos cinquenta metros de distância acima dele. A percepção espaço-temporal

do sujeito fica confusa. O deslocamento temporal no espaço da estrela supera qualquer coisa já vista e penetra o ambiente terráqueo. Trata-se de algo que não se conhece, que se desterritorializa do infinito e se reterritorializa no espaço geográfico que era só dos humanos. Estratificações de valores distintos estão muito próximas agora.

(...) a máquina abstrata atravessava todas as estratificações, desenvolvia-se por si só no plano de consistência, cujo diagrama constituía, a mesma máquina trabalhando igualmente o astrofísico e o microfísico, o natural e o artificial, e pilotando fluxos de desterritorialização absoluta (a matéria não-formada não era de modo algum um caos qualquer, é claro) (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 70).

O espaço geográfico ampliado a uma esfera universal é reduzido sob as circunstâncias velozes da aproximação com o objeto desconhecido. Uma vez que Villas Boas se auto referencia em meio a todo o universo com o céu lotado de estrelas, o espaço geográfico é medido agora pelos estratos: sujeito no terreno arado em cima do trator em um ponto da Terra, e a distância do corpo estranho em formato de ovo que está parado no ar a uns cinquenta metros de forma oblíqua.

Se a geografia tem por objetivo o entendimento dos fenômenos que se constroem objeto, ações e relações de sujeitos que se dão no meio que os envolvem na superfície da terra, o diálogo se pauta a partir do entendimento que prováveis objetos desconhecidos possam estar “passeando” tanto nos vários níveis de entendimento de espaço como no subconsciente de nossa sociedade. “O espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido. Nesse sentido não há significações independentes dos objetos” (Santos, 2006, p. 56).

A relação ambiental fica confusa: maquinário, sujeito e terra arada ficam, mesmo à noite, mergulhados sob uma luz forte como se fosse dia. As luzes projetadas pelo objeto não identificável ofuscam as luzes do farol da máquina humana; o espaço é de temor, não se tem ideia do que seja aquilo e aquela situação. O medo impede qualquer reação do sujeito.

Como se dá o espaço agora? “O espaço dos geógrafos leva em conta todos os objetos existentes numa extensão contínua, todos sem exceção. Sem isso,

aliás, cada objeto não faz sentido” (Santos, 2006, p. 46). Justamente essa citação de Milton Santos nos sustenta, porque, em nossa análise, há um objeto novo para a sociedade sendo encarado de frente, e não há como ignorá-lo, porque é um objeto existente, pelo menos, no texto. Sou o tipo de geógrafo que acessa os textos para construir estudos espaciais. Se nele (texto) há um objeto estranho para a nossa compreensão, não posso ignorá-lo, agora ele faz parte do possível. Como outros geógrafos que lidam com textos, encarariam isso?

O espaço é tomado por aquelas sensações estranhas da vida: “se ficar o bicho come...” É um espaço de incerteza. Acelerar o trator com sua marcha lenta não causaria um grande deslocamento no terreno frente aquela velocidade incrível. Abandonar o trator e percorrer a pé, numa corrida, o terreno irregular adiantaria pouca coisa; haveria um risco de fratura e seus movimentos estariam prejudicados; um complicador no espaço do desconhecido.

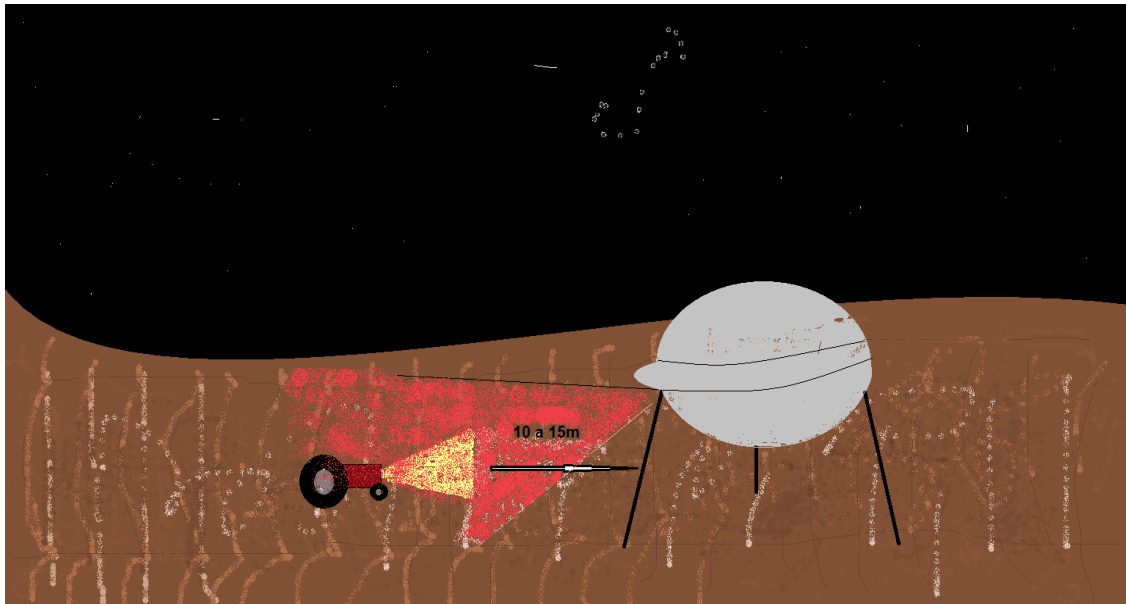
Enquanto fiquei lá, uns dois minutos, hesitante, sem saber o que fazer, a luz tornou a se deslocar e parou a uns 10 a 15 metros à frente do meu trator, para, então, lentamente pousar no solo. Aproximou-se de mim, mais e mais até que consegui distinguir que se tratava de uma máquina fora do comum, quase redonda, com pequenas luzes vermelhas dispostas em toda a sua circunferência. À minha frente, havia um enorme farol vermelho, que ofuscou minha vista quando o objeto desceu. Agora distinguia nitidamente os contornos da máquina; ela era parecida com um ovo alongado, apresentando três picos, um no meio e um de cada lado; eram picos metálicos, de ponta fina e base larga, não pude distinguir a sua cor, por causa da forte luz vermelha em que estavam mergulhados. Em cima havia algo girando a alta velocidade, que, por sua vez, emitia uma luz vermelha, fluorescente.

Aqui mensuraremos os dados coletados no texto, representando-os em uma topografia da paisagem relatada, tentando apresentar os movimentos no espaço com sua configuração espetacular.

Esse momento da narrativa implica em espacialidades duplicadas e repartidas. O tempo congela o espaço em dois minutos. Essa duração implica em uma espacialidade da indecisão, pois Villas Boas não sabe o que fazer diante daquele momento único; o objeto voador apresenta a sua forma, perfurando as territorialidades humanas, congelando-as em mais ou menos 120 segundos. A máquina territorializa com sua forma e com sua luz vermelha e ofuscante. É

esse momento congelado no espaço, o instante de choque de realidades completamente diferenciadas em suas grandezas.

**Figura 2** - Objeto voador pousa no terreno arado e ofusca o farol do trator.



Fonte: Ibanhez, 2024.

Esses segundos congelados operam só em Villas Boas; trata-se de uma espacialidade somente dele, e ele assiste a paisagem que tem um elemento movimentando-se. O objeto desconhecido e sua luz deslocam-se na atmosfera alguns metros à frente da máquina rural, e o sujeito assiste ao pouso do desconhecido objeto no terreno arado que ofusca o farol do seu trator (Figura 2). O espaço é figurado por um encontro estranho e demonstra uma natureza de multiplicidades organizadas em seus estratos: a máquina rural sob o comando do sujeito representante dos humanos agora cara a cara com a máquina desconhecida, com algo girando em sua centralidade velozmente, trazendo todo um conjunto de enigmas.

No instante em que a máquina desacelerou para pousar, as rotações da peça giratória diminuíram e a luz se tornou - assim me parecia - verde. Naquele momento, a peça giratória era como um prato ou uma cúpula achatada; não sei se realmente era assim ou apenas me impressionou como sendo assim, enquanto estava em movimento. Aliás aquela peça giratória jamais parou, por um segundo sequer, mantendo-se em rotação permanente, mesmo depois do objeto voador encontrar-se no solo. Porém, a maioria desses detalhes só notei um pouco mais tarde, porque, logo de início, fiquei nervoso demais para percebê-los. E quando, alguns metros acima do solo, a parte de baixo se abriu e dele saíram três suportes metálicos, perdi os últimos resquícios do meu

autocontrole. Evidentemente, estava descendo o trem de pouso, para suportar o peso do objeto na aterrissagem.

Há um detalhamento das especificações da máquina extraordinária, um estado de exploração visual sobre algo que não se reconhece em meio à raça humana: peça giratória como uma cúpula ou um prato achatado. Essa peça central seria, talvez, a responsável pela movimentação em qualquer ambiente, suas acelerações e reduções. O objeto lançou seu trem de pouso e aterrissou no terreno que foi trabalhado pelos funcionários e, até poucos momentos antes, recebia as últimas demãos de gradeamento.

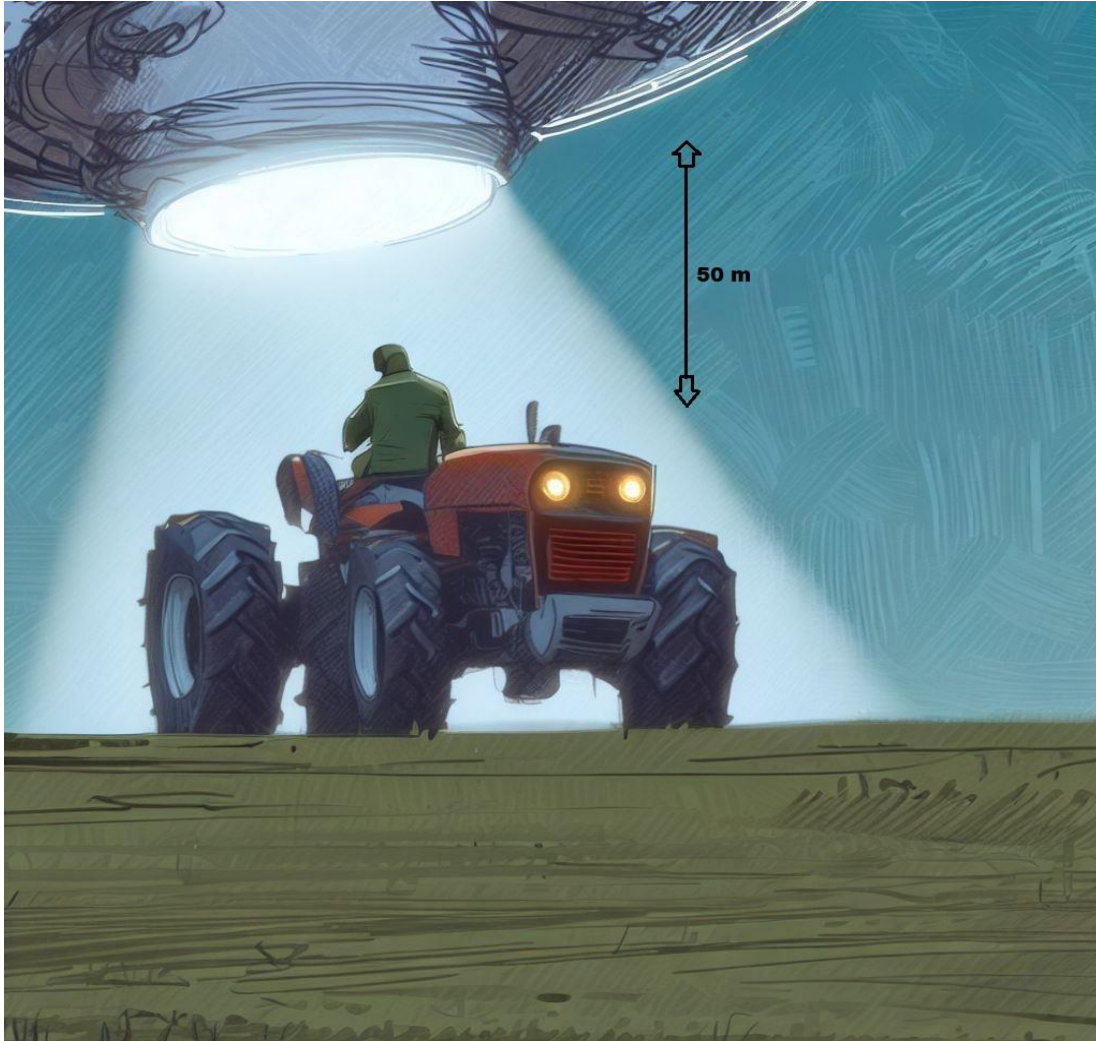
Enquanto Villas Boas permanecia congelado em seu tempo, em sua espacialidade nervosa e de perda do autocontrole, já flutuavam, no tempo humano, cinco espacialidades da máquina extraordinária: [1] sua aparição lá em cima, no infinito do universo; [2] sua descida até mais ou menos 50 metros (Figura 3); [3] o deslocamento em forma de triângulo retângulo a 10-15 metros de Villas Boas; [4] uma aproximação maior sem medidas (distância); [5] a abertura do trem de pouso a alguns metros do solo e sua aterrissagem. Tem-se, assim, movimentações espaciais ocorrendo durante cerca de dois minutos.

Mas eu não estava disposto a esperar para ver do que se tratava. Durante esse tempo todo, o trator estava com o motor ligado, então, pus o pé no acelerador, desviei-o do objeto voador e tentei escapar, mas após avançar alguns metros, o motor parou e os faróis se apagaram. Eu não sabia por quê, pois o motor estava ligado e os faróis estavam acessos. Dei partida, mas o motor não pegou. Em vista disso, pulei do trator que estava atrás do objeto, e me meti a correr.

No momento em que a nave pousou, Villas Boas não esperou mais para ver o que ela tinha a apresentar. O estado de repouso (congelamento) do corpo humano e da máquina rural perduraram um pouco (dois minutos), e houve o deslocamento para uma fuga. Mas a evasão com o trator, que não deixou de estar ligado em nenhum momento, durou apenas alguns segundos e metros no terreno arado. Surgiu, então, um espaço de forças ocultas que desligaram a máquina rural misteriosamente e a territorialidade maquinal terrestre foi abandonada.



**Figura 3** - Objeto voador a mais ou menos 50 metros.



Fonte: Ibanhez, 2024.

O trator foi um vetor micro territorial de proteção e movimentação até aquele momento, mas agora fora deixado para trás, não fazia mais sentido ficar ali. A fuga se deu a pé, mesmo sabendo do risco de fratura no terreno irregular. Enquanto o espaço estava circulado de novidades e medo, as sequências de subespacialidades humanas se deram assim, depois do tempo e espaço congelados à contemplação: [1] saída do estado de inércia e aceleração do motor rural (microterritório de proteção e movimento); [2] desterritorialização impulsionada pelo medo; [3] máquina rural em movimento; [4] paralisia do maquinal rural; [5] desterritorialização (abandono) da máquina rural; [6] linha de fuga, corrida corporal, “a espacialidade não configura essencialmente atributos físico-sociais para a consolidação de um novo território” (Colucci; Souto, 2011, p. 117).

Porém, um minúsculo ser estranho, que mal chegava à altura dos meus ombros, pegou no meu braço. Desesperado, apliquei-lhe um golpe, que o fez perder o equilíbrio, largar o meu braço e cair para trás. Novamente, tentei correr, quando, instantaneamente, três outros seres alienígenas pegaram-me por trás e pelos lados, segurando meus braços e minhas pernas e levantando-me do solo, sem que eu pudesse esboçar sequer o menor gesto. Tentei me livrar deles, mas me seguraram firme e não me deixaram escapar. Aí, então eu gritei por socorro, maldisse-os e exigi que me soltassem. Meus sequestradores devem ter ficado espantados ou curiosos com os gritos, pois, enquanto me levavam para o objeto voador, toda vez que abria a boca, me olhavam na cara, sem no entanto, afrouxar a garra com que me prendiam. Tirei essa conclusão da sua atitude para comigo e, com isso, fiquei um pouco aliviado.

Levando em conta que essa não é uma situação habitual, aquilo que mais temíamos aconteceu. Houve o choque de duas realidades carregadas com suas articulações e estratificações no terreno arado. Sem mais nem menos Villas Boas apresenta os seres alienígenas em sua fala. Se a máquina alienígena já era espetacularmente medonha, o encontro com seres sabe-se lá de onde, é de não acreditar. O encontro espacial é marcado pelos representantes dos homens e seres desconhecidos vindos de qualquer ponto do universo. Houve uma desterritorialização da nave de um ponto desconhecido em meio a infinidade do universo e uma reterritorialização no espaço geográfico humano muito rapidamente. Villas Boas carrega nas costas todo o peso do mundo e da humanidade em descobrir que não estamos sozinhos no universo.

Assim como Villas Boas abandonou a sua máquina, batendo em retirada, os alienígenas desterritorializaram a sua para desvendar o território novo e realizar o rapto. Há o contato físico entre os “sujeitos” alienígenas e o humano constituindo, assim, um espaço de sequestro, gritos e enfrentamento. E, de alguma forma, o momento espacial é de alívio, estabelecendo uma dúvida sobre o porquê desse alívio:

Uma vez a bordo do OVNI, os abduzidos normalmente se encontram em uma sala estranha e bem iluminada, muitas vezes cheia de máquinas complicadas. O que parece ser algum tipo de exame físico então começa. Frequentemente, os abduzidos são amarrados e estendidos sobre uma mesa ou cama. Às vezes são despídos, mas quase sempre são submetidos a procedimentos dolorosos de natureza ostensivamente médica. São feitos cortes, muitas vezes é retirado sangue e vários orifícios do corpo são sondados e até mesmo violados.

Agulhas e restrições físicas podem estar envolvidas. Os órgãos genitais recebem atenção especial e relatos de atividades sexuais entre os alienígenas e suas vítimas tornaram-se cada vez mais comuns nos últimos anos. Os alienígenas que realizam os exames são severos e profissionais, e outros ficam por perto e observam. Os examinadores e outros ocupantes da nave quase nunca se parecem com pessoas normais, mas geralmente têm aparência humanoide. Ao longo da experiência, os abduzidos sentem-se impotentes e controlados externamente<sup>46</sup> (Newman; Baumeister, 1996, p. 101, tradução nossa).

Por que Villas Boas se sente aliviado em um espaço tão confuso de relações extraordinárias em que ele é sequestrado? No momento do rapto, a única arma que funciona é, então, soltar gritos, uma vez que nem a sua força corporal faz diferença diante do poder dos alienígenas.

[...] a linguagem surge como a nova forma de expressão, ou melhor, o conjunto dos traços formais que definem a nova expressão em todo o estrato. Mas, assim como os traços formais só existem nas formas e nas matérias formadas que interrompem sua continuidade e distribuem seus efeitos, os traços formais de expressão só existem nas diversas línguas formais e implicam uma ou mais substâncias formáveis. A substância é, primeiramente, a substância vocal que aciona diversos elementos orgânicos, não apenas a laringe, mas a boca e os lábios, toda a motricidade da face, o rosto inteiro (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 76).

Há dois estratos que agora se colidem em suas grandezas, e um domina o outro. O efeito de poder (força) sobre o sujeito humano leva-o a tentar uma saída inconsciente, sua única arma: gritos. Como são estratificações que acabam de se chocar e não se conhecem, os gritos trazem algum tipo de impacto aos alienígenas, uma vez que aquilo, os sons emitidos pela boca humana, não é participante do âmbito alienígena e causa estranheza. A substância vocal, motiva um certo desconforto porque isso não existia para

---

<sup>46</sup> Em inglês: "Once on board the UFO, abductees typically find themselves in a strange, brightly lighted room, often filled with complicated machinery. What appears to be a physical examination of some sort then commences. Often, abductees are fastened to and stretched out on a table or bed. Sometimes they are undressed, but almost always they are subjected to painful procedures of an ostensibly medical nature. Cuts are made, blood is often drawn, and various orifices of the body are probed and even violated. Needles and physical restraints might be involved. Genitals receive special attention, and reports of sexual activities between the aliens and their victims have become increasingly common in recent years. The aliens who perform the examinations are grim and businesslike, and others stand around and watch. The examiners and other occupants of the craft almost never look quite like normal people, but they are generally humanoid in appearance.' Throughout the experience, abductees feel powerless and externally controlled."

eles, porque as expressões de Villas Boas são particularmente uma espécie de desterritorialização específica humana. Talvez os sons emitidos pelo humano causem um certo desconforto a algum órgão alienígena específico, não há como ter certeza.

*Os signos vocais têm uma linearidade temporal, e é essa sobrelinearidade que estabelece sua desterritorialização específica, sua diferença face à linearidade genética. Com efeito, esta é, antes de mais nada, espacial, mesmo se seus segmentos são construídos e reproduzidos sucessivamente; tanto que não exige qualquer sobrecodificação efetiva nesse nível, mas somente fenômenos de ajuntamento, regulações locais e interações parciais (a sobrecodificação só intervirá no nível de integrações implicando ordens de grandeza diferentes) (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 77).*

É claro que a linearidade genética não participa dos alienígenas, porque pula para posterior reflexão; são grandezas diferentes, estratos que não se comunicam, e os gritos são essa linearidade que irrompe com algum tipo de interferência nos seres vindos do infinito sideral cósmico. Essa sobrecodificação que atinge os alienígenas tem uma resposta rápida, tanto que causa um espanto, curiosidade ou desconforto. Isso vai trazer algum alívio em Villas Boas, já que ele entendeu que, pelo menos, seus gritos são capazes de causar algum tipo de impacto nos raptos, uma vez que a força humana não causou nenhum tipo de dano nos corpos alheios.

Contudo, mais positivamente, deve-se constatar que essa imanência de uma tradução universal à linguagem faz com que os epistratos e os paraestratos, na ordem das superposições, difusões, comunicações, ladeamentos, procedam de modo completamente diferente do que nos outros estratos: todos os movimentos humanos, mesmo os mais violentos, implicam traduções (Deleuze; Guatarri, 1995, p. 78).

Villas Boas percebeu que os outros agentes do fato todo, de alguma forma entenderam a sua linguagem, porque de alguma forma traduziram os gestos e a sonorização anormais para eles. São estratos que, de alguma maneira, conversaram minimamente. Por isso, a substância vocal foi espacial, porque a interação com os outros seres criou essa decodificação que aparentemente não foi decodificada num primeiro momento, mas que, talvez, em instantes posteriores, os outros sujeitos, de alguma forma, conseguiram traduzir. É claro que o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari se inclina

para outro plano da consistência, mas, nós, em becos sem saídas para dialogar com alguém, fazemos a conexão.

Carregaram-me até a máquina, que estava pousada a uns 10 metros acima do solo, sobre os suportes metálicos já descritos. Na parte traseira do objeto voador havia uma porta, que se abria de cima para baixo, e, assim, serviu de rampa. Na sua ponta havia uma escada de metal, do mesmo metal prateado da máquina, e que descia até o solo. Os meus sequestradores alienígenas tiveram dificuldades em me fazer subir aquela escada, que só dava para duas pessoas, uma ao lado da outra, e, além do mais não era firme, mas, sim, móvel, balançando fortemente a cada uma das minhas tentativas de me livrar dos meus captores. De cada lado havia um corrimão, da espessura de um cabo de vassoura, no qual me agarrei, para não ser levado para cima, o que fez com que eles tivessem de parar, a fim de tirar as minhas mãos daquela peça. No entanto, também o corrimão era móvel, e quando desci por aquela escada, tive a impressão de ser de elos de corrente.

Há um espaço maior e espacialidades que são contribuintes para o fato todo. O espaço majoritário é o de deslocamento forçado do corpo humano e de medo (espaço do rapto). As espacialidades são sequências conforme as durações temporais. Sem perder um minuto do tempo terrestre, os alienígenas deslocaram-se no arado e logo posicionaram-se na traseira daquela máquina voadora incrível que estava suspensa no ar, a 10 metros da superfície, ancorada em suportes de metal, levando, em suas garras, o representante dos humanos. A máquina dá acesso ao seu interior com um tipo de porta/escada/corrimão. Villas Boas aproveitou das condições dessa estrutura para problematizar sua entrada forçada em outro ambiente. A particular territorialidade (máquina espetacular) invasora vinda sabe-se lá de onde, infiltrada em ambiente humano em momentos sequenciais, recebera a “amostra” humana para seus propósitos.

Por fim, conseguiram me levar para o interior do objeto, onde me deixaram em um pequeno recinto quadrado. A luz brilhante do teto metálico refletia-se nas paredes de metal polido; era emitida por numerosas lâmpadas quadradas, embutidas debaixo do teto, ao redor da sala.

Houve o deslocamento forçado de Villas Boas, a sobreposição por parte dos seres distintos em relação ao sujeito humano, da terra arada para o ambiente desconhecido e fechado do objeto. É configurado assim um objeto voador extraordinário vindo de qualquer ponto do universo que infiltrou a

atmosfera terrestre, concretizando a sua reterritorialidade invasora. O planeta Terra recebeu o objeto estranho e seus sujeitos sem nenhum tipo de barreira ou obstáculo. O sujeito humano foi raptado por esses seres no mínimo diferentes dos humanos. Villas Boas agora estava no interior do objeto em uma sala quadrada de cor metálica com numerosas luzes.

Agora dava-se início a uns dos maiores problemas de nossa análise geográfica: qual é a reflexão espacial que nos auxilia na infiltração do ambiente de uma máquina espetacular desterritorializada de algum ponto do universo que, reterritorializada na superfície terrestre, agora abarcava, em seu interior, estratificações de grandezas específicas e contraditórias: humano e alienígena?<sup>47</sup>

O texto é o nosso parâmetro de diálogo. Como propomos a analisar todas as parcelas da narrativa textual, devemos deliberar criticamente, partindo de nossas concepções de espaço: um amontoado de fatos, acontecendo em um dado ambiente, tendo sequências temporais de ações. Se a propriedade de Villas Boas é de fácil localização em um mapa regional e possível cartografar os espaços íntimos<sup>48</sup> de sua moradia e os movimentos dos acontecimentos e suas sequências temporais, pulamos para o seu terreno arado em meio a imensidão externa do lá fora; no entanto a sequência espacial é de difícil análise. Impulsionamos uma topografia em série dos movimentos das máquinas e seus sujeitos. Mas agora o espaço é fechado em uma territorialidade alienígena. Villas Boas é, neste momento, um estrangeiro e um microambiente estrangeiro.

Villas Boas ficara em pé, no chão. A porta de entrada, junto com a escada recolhida, levantou e se fechou. O mesmo recinto estava iluminando como se fosse pela luz do dia, mas mesmo sob essa luz brilhante, não se percebia o lugar da porta, que, depois de fechada, ficou totalmente integrada à parede. Um dos cinco seres presentes apontou a mão para uma porta aberta

---

<sup>47</sup> “O espaço geográfico é muito mais do que simples oferta de caminhos, ainda que também seja isso” (Santos, 2006, p. 58).

<sup>48</sup> Felipe Cabañas da Silva em “Geografia e poesia lírica: considerações sobre a poética do espaço, de Gaston Bachelard” (2015) faz o seguinte questionamento, colocando a problemática da intimidade para a Geografia, “Mas não deveríamos também considerar um problema que as análises geográficas se esgotem no espaço social e só raramente adentrem os espaços íntimos?”.

e o fez compreender que deveria segui-lo para aquele recinto contíguo, obedecendo, já que não havia outro jeito.

Aqui há um emaranhado de configurações espaciais. Villas Boas agora estava no ambiente da máquina extraordinária que ele vira sobrevoando sua cabeça. Afrouxaram as amarras, mas não o soltaram; neste momento, ele estava de pé e possivelmente resignado. O ambiente é fechado contra a externalidade do lá fora. A iluminação é bastante densa e a tecnologia alienígena não abre brechas à percepção humana, para que se visualize os limites da porta que se integra totalmente à parede metálica. Villas Boas, depois de mapear visualmente o ambiente, constatou que são cinco seres de uma mesma espécie alienígena. Um deles vai dar início a uma configuração espacial de submissão. É esse o espaço maior: o da submissão. Se a espacialidade inicial é de reconhecimento do ambiente e dos outros sujeitos, o espaço que se instala em todo o perímetro da máquina é o da submissão. A espacialidade seguinte é de direcionamento do posicionamento de Villas Boas em outro recinto próximo.

Prosseguimos então para aquele recinto, que era maior do que o outro e semi-oval. Lá, as paredes brilhavam como as da sala anterior. Creio que me encontrava bem no setor central da máquina, pois no meio havia uma coluna redonda, aparentemente maciça, mas estreita no meio. Dificilmente aquela coluna estaria ali apenas a título de enfeite. A meu ver, ela suportava o teto. Os únicos móveis existentes eram uma mesa de desenho esquisita e várias cadeiras giratórias, parecidas com as nossas cadeiras de balcão de bar. Todos os objetos eram de metal. A mesa, era firmemente fincado na base; nas cadeiras tinham um só pé no centro, que, na mesa, era firmemente fincado na base; nas cadeiras, os pé era ligado a três reforços laterais salientes, por um anel móvel e embutido no piso. Assim, as cadeiras tinham movimentos livre para todos os lados.

Imediatamente houve o deslocamento de todos os sujeitos, transposição de instância e reconfigurações de espacialidades. Villas Boas pareceu ter certeza de estar no centro da máquina, constatando ela ser o maior recinto e ter uma coluna central, constando também objetos nesse outro ambiente (mesa e cadeiras), descrevendo-os minuciosamente. O capturado fez um mapeamento visual do novo ambiente, uma espacialização de reconhecimento do novo território alienígena, a sala semioval.

Os seres alienígenas continuaram a me segurar e, evidentemente, conversavam a meu respeito. Quando digo conversavam é bom frisar que aquilo o que deles ouvi não teve sequer a menor semelhança com sons humanos. Tampouco, posso imitar sua fala. De repente, pareciam ter chegado a uma decisão. Todos os cinco começaram a me despir. Eu me defendi o melhor que pude, gritei, xinguei. Eles pararam, me olharam e tentaram fazer-me compreender que queriam passar por gente educada. No entanto, mesmo assim, continuaram a me despir, até que fiquei completamente nu; e, apesar dos meus violentos protestos, debatendo-me fortemente durante todo aquele processo, não chegaram a me machucar nem a rasgar qualquer peça de minha roupa.

Sem estar um segundo sequer livre das garras dos raptos alienígenas, o sujeito humano constata um tipo de fala desses sujeitos que não pode ser reduplicado por sons humanos. constituindo uma espacialidade da decisão e concretização do ato de despir e a renúncia pelo lado de Villas Boas, além dos gritos e xingamentos. Os sujeitos adversos tomaram cuidado para não rasgar nenhuma peça ou machucar o humano, dando a entender, a partir dos protestos, que eram “educados”. Um novo fato estava ocorrendo nessa nova ambientação.

Por fim, lá estava eu, completamente pelado e com um medo horrível, pois não sabia nada o que fariam em seguida. Um dos meus sequestradores aproximou-se de mim, segurando algo que me parecia uma espécie de esponja, com a qual passou um líquido em todo o meu corpo. Era uma esponja bem macia, não uma daquelas esponjas comuns, e o líquido era bem claro e inodoro. Porém mais viscoso do que a água. Primeiro, pensei que fosse um óleo, mas não pode ter sido, porque a pele não ficou oleosa, nem gordurosa; quando passaram aquele líquido no meu corpo, senti um frio intenso, pois, além de a noite estar fria, naqueles dois recintos, no interior da máquina, a temperatura era bastante baixa. Sofri por ficar despido, mas sofri ainda mais depois de terem me passado aquele líquido, e tremi como vara verde, de tanto frio que senti. No entanto, o líquido secou logo e, pouco mais tarde, já não senti mais nada.

Ao espaço do rapto fora adicionado ainda mais o sentimento do medo; não havia previsão do que aconteceria subsequentemente. Depois disso houve a movimentação de um dos corpos alienígenas e a aproximação do corpo humano. A espacialidade que se deu foi de aplicação de um produto viscoso, claro e inodoro, com um tipo de esponja. A reação do corpo humano diante daquela substância era a de sentir muito frio, devido às condições ambientais



da noite e dos recintos que mantinham uma temperatura baixa. A espacialidade era de sofrimento devido a essas condições ambientais, mas isso perdurou pouco e o corpo humano já não sentia mais o frio imenso, porque o líquido secou, gerando uma estabilização da tremulação corporal.

Então, três dos meus sequestradores me levaram para a porta, ao lado oposto daquela pela qual entrei no interior da máquina. Um deles tocou em algo, bem no centro da porta que, em seguida, se abriu para os dois lados, como uma porta de encaixar, de bar, feita de uma só folha, do piso ao teto. Em cima, havia uma espécie de inscrição com letreiros luminosos vermelhos; os efeitos da luz deixaram aqueles letreiros salientes, destacados da porta em 1 ou 2 centímetros. Eram totalmente diferentes de quaisquer dos símbolos ou caracteres que conheço; procurei gravá-los em minha memória, mas já os esqueci.

Neste momento ocorreu uma movimentação de todos agentes. Eles deslocaram-se na direção oposta à entrada, ainda no centro da máquina, e agora estavam posicionados diante de uma porta. Há símbolos incompreensivos ao entendimento humano em cima dessa porta e a espacialidade é de acionamento de um mecanismo. O ambiente é fechado, ficando cada vez mais difícil realizar um exame geográfico.

Em companhia de dois dos seres alienígenas, ingressei em uma pequena sala quadrada, iluminada como os demais recintos; a porta fechou-se atrás de mim. Quando olhei para lá, nada havia de porta, somente uma parede igual às outras.

Tratou-se, pois, de uma transposição ambiental interna. Se Villas Boas chegou por um lado e ficou centralizado na máquina, agora ele percorria o lado oposto ao qual adentrou. Em durações instantâneas, Villas Boas já estava em outro ambiente e, quando se virou, a espécie de porta se fechou em suas costas e não havia como identificar mais as divisas que seriam comuns à percepção humana.

De repente, a parede tornou a se abrir e pela porta entraram mais dois seres; levavam nas mãos dois tubos de borracha vermelha, bastante grossos, cada um medindo mais de 1 metro. Uma das pontas do tubo estava ligada a um recipiente de vidro em forma de taça; na outra ponta havia uma peça de embocadura, parecida com uma ventosa, que colocaram sobre a minha pele, debaixo do queixo, onde ainda tenho uma mancha escura, que ficou com cicatriz. Antes de o alienígena iniciar sua operação, comprimiu o tubo de borracha fortemente com a mão, como se dele quisesse expelir todo ar. Logo de início, não senti

dores, nem comichão, mas notei apenas que minha pele ficou machucada, ferida. Depois de me terem colocado o tubo de borracha, vi como a taça se encheu lentamente do meu sangue até a metade. Aí, então, pararam; retiraram o tubo de borracha e substituíram-no pelo outro. Sofri nova sangria; dessa vez, no outro lado do queixo. Os senhores podem verificar uma mancha escura, igual à que já lhes mostrei. Daquela vez, a taça ficou cheia até a borda. Terminada a sangria, os homens retiraram o tudo de borracha e também nesse lugar a minha pele ficou ferida, ardendo e me deixou com coceira. Depois disso, eles saíram, fecharam a porta e eu fiquei sozinho naquela sala.

A esse novo ambiente foram adicionados mais dois sujeitos alienígenas, agora munidos com um amontado de aparatos como tubos de borracha ligados a um recipiente. Iniciou-se a espacialidade de coleta de amostragem do sangue humano por seus métodos. Foram coletadas duas amostras e esta sala foi encerrada e o sujeito humano ficou circulado por todo aquele ambiente sozinho. Obviamente estes seres não poderiam voltar para suas pátrias geográficas sem levar uma amostra desse novo ambiente explorado, dessa terra nova que é o DNA humano. Neste trecho, a fala sai do ambiente da nave e volta rapidamente ao momento em que Villas Boas mostra, a seus interlocutores, marcas no queixo devido às ventosas na ponta dos tubos, e o espaço da sala médica recebe uma exibição de sequelas.

Por um bom tempo, ninguém se preocupou comigo e fiquei a sós por mais de meia hora. Naquela sala não havia móveis, exceto uma espécie de cama, sem cabeceira nem moldura. Como aquela cama era curva, com uma saliência bem no meio, não era muito cômoda, mas, pelo menos, era macia, como se fosse feito de espuma e coberta com uma fazenda grossa, cinzenta, também macia.

A sequência espacial foi de solidão, uma espacialidade congelada em pouco mais de trinta minutos. Villas Boas encontrou um único objeto parecido com uma cama e observou esse ambiente minúsculo da sala. Observa-se aqui, que uma análise espacial vem se tornando cada vez mais difícil. Tentamos vasculhar pelos periódicos brasileiros e alguns internacionais, se há algo que nos ajude a interpretar, ou dialogar com esse específico texto. No entanto, nossa busca tem falhado, porque estamos desprovidos de alguma teoria geográfica que nos ajude a pensar espaços internos. Uma geografia que se dedique a espaços internos é muito rara. A situação é muito particularizada; é

um ambiente fechado muito específico. Exatamente por isso vamos utilizando da técnica de refletir situações que vão se sucedendo sequencialmente.

Como me senti cansado depois de tudo o que passei, sentei-me naquela cama. No mesmo instante, senti um cheiro forte, estranho, que me causou náuseas; tive a impressão de inalar uma fumaça grossa, cortante, que me deixou quase asfixiado. Talvez fosse isso mesmo, pois, quando examinei a parede pela primeira vez, notei uma quantidade de pequenos tubos metálicos com uma das pontas tapadas embutidos na parede, à altura da minha cabeça. Semelhantes a um chuveiro, apresentavam múltiplos furinhos, pelos quais saiu uma fumaça cinzenta, que se dissolveu no ar. Daí o mau cheiro. Senti-me bastante mal e fiquei com ânsias de vômito; fui para o um canto da sala e vomitei. Em seguida, pude respirar sem dificuldades, porém continuei a me sentir mal com aquele cheiro.

Villas Boas estava atordoado. Seu corpo passou por algumas experiências bastante desagradáveis. Houve muita movimentação desde o choque com a máquina extraordinária e suas figuras peculiares; seria estranho se não estivesse cansado. Agora, nesse ponto, o espaço estava entrando momentaneamente em repouso; sua duração talvez seja medida em segundos. Há uma transmutação na figuração espacial. Se o repouso de Villas Boas é apenas uma passagem bastante rápida, todo ambiente é preenchido por algum tipo de gás neutralizante, emitido por tubos embutidos nas paredes metálicas. Naturalmente, a inércia acabou e a sequência espacial foi de movimentação, tendo como motor de partida a náusea. Não há como segurar mais nada no estômago. O espaço todo é preenchido pela sensação de mal-estar.

Fiquei bastante deprimido, o que será que eles pretendiam de mim?

Essa pequena sentença, é própria do espaço do relato, porque é direcionada aos interlocutores, mas se referindo ao fato ao qual ele foi envolvido. Levando em conta que é um depoimento, e sabe-se lá como isso foi parar em forma de texto no livro de Bullar, esse último item textual, essa pergunta soou em nós de forma estranha. Provavelmente contaríamos isso de outra maneira: *Fiquei bastante deprimido, eu não sabia o que eles queriam de mim*. Talvez devêssemos levar em consideração a astúcia do narrador, muitas horas meditando como deveria contar essa louca história. Essa interrogação deixou suspenso no ar da sala um tipo de arranjo ornamentado de narrar, algo

bem formal de se falar. Portanto, o relato, de alguma maneira, alterou a experiência original.

Para se tornar parte do folclore de OVNI e de contato com alienígenas, experiências pessoalmente significativas devem ser comunicadas e registradas por alguém com autoridade ou com acesso à mídia de massa. É através destas linhas de comunicação que “avistamentos” se tornam “relatórios” (Westrum, 1977). É importante reconhecer, no entanto, que o relato é um processo social translacional que altera necessariamente a experiência original. As testemunhas devem procurar palavras, desenhar esboços ou apresentar fotos ou filmes para comunicar de alguma forma o que aconteceu, enquanto aqueles que ouvem devem decidir sobre a melhor forma de obter informações das testemunhas e documentar as contribuições destas últimas. Assim, os relatos de OVNI são produtos de procedimentos que estão sujeitos a mudanças e envolvem escolhas sobre quais informações privilegiar<sup>49</sup> (Eghigian, 2017, p. 616).

A experiência relatada vai ter configurações que só possíveis ali no momento da fala; por isso, Villas Boas pôde escolher muito bem as palavras, quais ideias apresentar e quais sentenças iria utilizar em seu depoimento.

As sequências espaciais dos eventos vividos na casa, depois no terreno arado, e ultimamente nos ambientes internos da nave, foram encerradas com essa última pergunta. Desde os primeiros índices das variadas formas de contato, que se sucederam em intervalos de dias, até o espaço geral do rapto e a espacialidade do mal-estar, houve uma pausa. Enquanto a narrativa estava sempre focada nos eventos basicamente qualificados no eu interagindo com sujeitos e objetos (irmão; casa; máquina agrícola; máquina extraordinária; seres estranhos) agora, veremos, será outra.

Até aquela hora não fazia a menor ideia de como seria a aparência daqueles alienígenas. Os cinco usavam macacões bem colantes, de uma fazenda grossa, cinzenta, muito macia e, alguns pontos, colada com tiras pretas. Cobrindo a cabeça e o pescoço, usavam um capacete da

---

<sup>49</sup> Em inglês: “To become part of UFO and alien contact folklore, personally meaningful experiences have to be communicated to and recorded by someone in authority or with access to mass media. It is through these lines of communication that “sightings” become “reports” (Westrum, 1977). It is important to acknowledge, however, that reporting is a translational social process that necessarily alters the original experience. Witnesses must seek words, draw sketches, or present photos or film to somehow communicate what happened, while those listening have to decide on how best to elicit information from witnesses and to document the latter’s contributions. Thus, UFO reports are the products of procedures that are subject to change and involve making choices about what information to privilege.”

mesma cor, mas de material mais consistente. - não sei de que era -, reforçado para trás, com estreitas tiras de metal. Esse capacete cobria toda a cabeça, deixando à mostra somente os olhos, que pude distinguir através de algo parecido com um par de óculos redondos. Os homens estranhos fixaram-me com seus olhos claros, que me pareciam azuis. Acima dos olhos, o capacete tinha duas vezes a altura de uma testa normal. Provavelmente, sobre a cabeça, debaixo do capacete, usavam mais alguma coisa. A partir do meio da cabeça, descendo pelas costas e entrando no macacão, à altura das costelas, notei três tubos redondos de prata. Dos quais não sei dizer se eram de borracha ou de metal. O tubo central descia pela coluna vertebral; à esquerda e à direita desciam os dois outros tubos, até uns 10 centímetros abaixo das axilas. Não vi nenhuma depressão ou protuberância que indicasse uma ligação entre esses tubos e um recipiente ou instrumento escondido.

A paralisia na sequência dos fatos sobre o espaço é para exteriorizar (narrar) a aparência dos alienígenas. Contudo, a análise espacial daquilo que propomos fazer ficou praticamente impossível. A geografia do texto emperrou. Se a narrativa mudava de valor, havia uma descrição muito bem organizada de espaço e espacialidades, seus agentes de movimentos (sujeitos) e todos os objetos envolvidos. Agora, o foco é no corpo dos seres alienígenas.

Será por isso que a Geografia científica sempre escolhe muito bem as partículas das narrativas de certos textos analisados, seja literatura ou não, que vão fazer parte do corpo do texto científico do geógrafo?

Isso se explica (justifica) também porque num trabalho científico não há lugar físico no papel para entrar tanta coisa, e nem há porque repetir um romance todo. Artigos científicos têm no máximo trinta folhas e livros são mais extensos, a partir de sessenta páginas. Não é possível abstrair tudo da literatura ou de outros textos no texto acadêmico; não tem como, não há porque reduplicar o texto que está sendo tratado e dialogado no texto geográfico. Assim, algo se ajusta em nossa cabeça e conseguimos entender um fato lógico: justamente por isso são colhidos, nas narrativas, aquilo que vai ser demonstrativo para o diálogo com a Geografia. Talvez nós tenhamos exagerado ao transpor um texto na íntegra aqui em nosso livro.

Portanto, agora é um desafio muito grande terminar o que começamos: o geoexame do texto; passar o olho em todos os fragmentos textuais e dialogar noções geográficas e espaciais de cada parágrafo. Provavelmente falharemos

em um ou mais parágrafos. Villas Boas abriu essa brecha na topografia narrativa do texto para focar nos estranhos corpos alienígenas e poderemos falhar geograficamente como analistas de partículas de texto diante deste caso extraordinário.

Sempre houve, até antes da pergunta “o que será que eles pretendiam de mim?”, descrições topográficas muito bem ajustadas na narrativa de Villas Boas: ambientes internos e externos, objetos e sujeitos. Se, mesmo já dentro do ambiente da máquina podemos localizar os corpos e os objetos em um tal território, e conseguimos decodificar as espacialidades nas sequências de seus tempos estabelecidos, pois a descrição do ambiente e sua topografia interna é muito bem explícita na fala, as descrições minuciosas de tais corpos assumem temporalidades desvinculadas - geograficamente - da narrativa textual.

As mangas do macacão eram estreitas e compridas; os punhos continuavam em luvas grossas, de cinco dedos, da mesma cor, que, obviamente, dificultavam o movimento das mãos. Percebi como os homens mal conseguiam tocar com as pontas dos dedos a parte interna da mão. Contudo, isso não os impediu de me segurar com bastante firmeza e de manipular habilmente os tubos de borracha enquanto me fizeram a sangria.

Quanto aos seus macacões, creio que eram uma espécie de uniforme, pois todos os tripulantes usavam um escudo do tamanho de uma rodela de abacaxi, que se ligava a uma estreita cinta sem fivela através de uma tira de pano prateado ou metálico. Nenhum dos macacões tinha bolsos ou botões. As calças eram compridas e colantes e continuavam numa espécie de sapatos de tênis, sem, no entanto, mostrar onde terminava a calça e começava o sapato. Todavia, a sola dos sapatos deles era de 4 a 7 centímetros de espessura; era bem diferente da dos nossos sapatos. Nas pontas, os sapatos eram levemente encurvados para cima, mas não como a gente vê nas personagens dos contos de fadas. Os alienígenas se movimentavam hábil e rapidamente; só que o macacão parecia interferir um pouco nos movimentos do corpo, pois eles me impressionaram como figuras um tanto rígidas. Todos eles eram do meu tamanho, menos um, que não chegava à altura do meu queixo. Eram fisicamente fortes, mas não a ponto de me meterem medo; lá na minha terra, eu não teria dúvida em brigar com qualquer um deles.

Essa falha de análise nos remete a uma discussão muitíssima aprofundada sobre narrativa e descrição em Marc Brousseau, perito nas aproximações entre Geografia e literatura. No artigo “*L’espace littéraire en l’absence de description*”, em português “O espaço literário na ausência de

descrição”, uma tradução nossa, Marc Brosseau comenta que as passagens descritivas de uma literatura supostamente têm o maior número do conteúdo geográfico, uma vez que o pensamento intelectual sugere que o tempo é participante dos diálogos narrativos e o espaço intrínseco a descrição. Os diálogos narrativos são as trocas de falas entre personagens quando se usa o travessão, e a descrição por si só se explica em qualquer texto e ele é majoritariamente está no rol dos diálogos geográficos. No entanto, Brosseau nos mostra que essa fronteira não é assim tão rígida: “Em suma, é nas suas múltiplas relações de troca e tensão com as outras instâncias da narrativa que a descrição deriva seu poder semântico e cognitivo, seu poder organizador [...]”<sup>50</sup> (Brosseau, 2008, p. 423, tradução nossa). Voltemos, entretanto, à máquina de fala de nosso sujeito principal.

No meu entender, passou-se uma verdadeira eternidade, quando então um ruído na porta interrompeu as minhas meditações. Virei-me para lá e vi uma moça aproximando-se de mim. Lentamente, veio ao meu encontro. Estava totalmente nua, descalça - como eu. Fiquei perplexo e, aparentemente, ela achou divertida a expressão do meu rosto. Era muito formosa, completamente diferente das outras mulheres que conheço. Seus cabelos eram macios e louros, quase da cor de platina - como que esbranquiçados - e lhe caíam na nuca, com as pontas viradas para dentro. Usava o cabelo repartido ao meio e tinha grandes olhos azuis, amendoados. Seu nariz era reto. Os ossos das faces, muito altos, conferiam as suas feições uma aparência heterogênea, deixando o rosto bem mais largo do que o das índias sul-americanas e, com o queixo pontudo, ele ficava quase triangular. Tinha os lábios finos, pouco marcados e suas orelhas (que cheguei a ver mais tarde) eram exatamente como as das nossas mulheres terrestres. Tinha o corpo mais lindo que jamais vi em moça alguma, com os seios bem formados, firmes e altos, cintura fina. Os seus quadris eram largos, as coxas compridas, os pés pequenos, as mãos finas e as unhas normais. Ela era de estatura bem baixa, e sua cabeça mal chegava aos meus ombros.

Os eventos espaciais voltaram a ficar explícitos na fala de Villas Boas, com as durações temporais muito bem narradas e, precisamente por isso, voltamos ao geoexame. Na última conferência que conseguimos espacializar, o mal-estar foi um tributário muito grande do espaço e, depois de uma sensação

---

<sup>50</sup> Em francês: “*Bref, c’est dans ses multiples rapports d’échange et de tension avec les autres instances du récit que la description tire sa puissance sémantique et cognitive, son pouvoir organisateur (...)*”

deprimente, Villas Boas aproveitou para qualificar a aparência dos sujeitos estranhos na sua fala, porque coligou o tempo da narrativa com o tempo do fato vivido. O “eu” da narrativa afirmou que até aquele tempo não sabia das aparências dos outros sujeitos e, no seu entendimento, já havia se passado uma eternidade, e era bem possível até que o mal-estar e a náusea tinham passado. Quer dizer, a duração temporal do fato vivido, o último fato espacial vivido, durou um longo tempo, tendo ele permanecido sozinho e refletido sobre aparências outras. E é por isso que os relatos dos corpos alheios vão entrar nesse momento na narrativa.

Depois disso, imediatamente o espaço foi perturbado por um ruído, encerrando a espacialidade do mal-estar (talvez o corpo humano já estivesse melhorado) e a espacialidade da meditação. Esse ruído é da entrada de outro corpo alheio naquele recinto, mas agora é de uma moça alienígena com feições de terráquea. Um corpo em atenção, mas parado em um ponto do ambiente; um corpo nu, alheio, vindo em direção a um corpo estático. Villas Boas agora qualificava esse corpo como perfeito e nunca antes visto. Se houve uma geografia dos corpos alienígena, agora havia uma geografia desse novo corpo presente, mas esse, com aparência humana feminina.

Essa moça se aproximou de mim, em silêncio; fitou-me com seus olhos grandes, expressando expectativa, dizendo que estava esperando algo de mim. De repente, ela me abraçou e começou a esfregar seu rosto contra o meu, enquanto apertava o corpo contra o meu. Tinha a pele alvíssima das nossas mulheres loiras e os braços cheios de sardas. Senti somente o cheiro de seu corpo, tipicamente feminino, sem nenhum perfume na pele ou nos cabelos.

Incrivelmente um sujeito oposto, uma linda mulher alienígena com aparência humana, porém, com cabelos prateados, estava frente a frente com Villas Boas. Ela encarou o sujeito num flerte fatalmente impossível de se recusar. Ao que parece, a senhorita falava a língua de Villas Boas e expressava interesse no corpo dele. Mais que depressa houve uma transmutação espacial: a espacialidade nesse momento (tempo) era do choque de corpos estranhos; no entanto, com as mesmas características físicas humanas. Villas Boas endossava ainda mais os atributos da geografia corporal.



A porta tornou a se fechar. A sós com aquela moça, que não me deixou a menor dúvida quanto a seus desejos, fiquei muito excitado. Considerando a situação em que me encontrava, isso me parece um tanto improvável, mas creio que foi por causa do líquido que passaram no meu corpo. Devem tê-lo passado de propósito. Só sei que não consegui mais refrear meu apetite sexual. Jamais isso me acontecera. Enfim, acabei não pensando em mais nada, peguei moça e retribuí suas carícias. Era um ato normal e ela comportou-se como qualquer outra mulher, mesmo após várias repetições do ato. Depois, ela ficou cansada e respirou com dificuldade. Eu continuei em estado forte de excitação, mas ela recusou meu amor. Quando percebi sua recusa, fiquei desiludido. Pensei, era esse o papel que me coube desempenhar: o de um touro de raça, selecionado para promover um cruzamento experimental. Fiquei um tanto zangado, mas não mostrei emoção alguma, pois, apesar de tudo, tive uma experiência bastante agradável. Porém, eu não trocava uma das moças por ela, porque prefiro uma para conversar e que entenda o que a gente fale. Além disso, seu grunhido, em alguns momentos, deixou-me irritado. Tampouco ela sabia beijar, a não ser que as leves mordidas no meu queixo valessem por um beijo. Em todo caso, não tenho certeza de nada disso. Só achei esquisito que os cabelos de suas axilas e aqueles em outro lugar fossem vermelho-sangue.

O único ponto de entrada e saída que tinha sido aberto para entrada do corpo alheio foi encerrado. A ambientação ficou tensa, a um convite muito explícito para a cópula; a espacialidade foi de perturbação. O líquido impregnado no corpo alheio talvez começasse a fazer efeito e o apetite sexual humano foi aceso. Talvez todo espaço ficara bagunçado. Se o espaço mor no momento foi do rapto alienígena sobre o corpo humano em uma máquina extraordinária, ele foi dividido, por uma “traição”, um espaço da traição. Villas Boas traiu a sua espécie, a raça humana. Traiu sua pátria terráquea, a maior geografia dos seres humanos, traiu a geografia humana, não a ciência sistematizada e institucionalizada que tem o nome de Geografia Humana, em oposição a Geografia Física, traiu a natureza dos homens. Negou todas as relações com os objetos e seres colocados no planeta Terra, porque se apaixonou repentinamente pelos seus sequestradores, ou seja, sujeitos externos à realidade ao planeta Terra.

A literatura também pode nos ajudar, quando dissemos que poderíamos trazer contribuições de qualquer lugar. Em *A insustentável leveza do ser* de Milan Kundera, uma das personagens principais Sabina, demonstra que a traição a seduz: “Mas o que é trair? Trair é sair da ordem. Trair é sair da ordem e partir

para o desconhecido. Sabina não conhece nada mais belo que partir para o desconhecido” (Kundera, p. 79-80). Na verdade Villas Boas, partiu para o desconhecido sem saber que está partindo para essa experiência única; ele apenas foi. Mas sua traição fora involuntária, fora forçada por um líquido viscoso que agia nas moléculas do corpo humano, isto é, uma traição involuntária, dizemos repetidas vezes.

Mas esse espaço da traição e a espacialidade do sexo involuntário com um sujeito extraterrestre pendurou pouco. Depois do ato sexual mais extravagante que poderia ocorrer a um humano, o corpo alheio cansou e Villas Boas continuou bastante animado experimentando uma espacialidade da recusa e da desilusão. Villas Boas suplicou um amor estrangeiro, mas o que coube, como ele mesmo disse foi um “cruzamento experimental”. Seu papel em todo o programa alienígena era de ser um experimento, algo para a coleta de informações e dados. Ao fim desse período de reflexão, contido no documento textual no último parágrafo, Villas Boas ainda rodeia a geografia do sexo detalhando ainda mais o corpo alheio, implementando a fala com juízo de valor.

Pouco depois de nossos corpos se terem separado, a porta se abriu e um dos homens alienígenas chamou a moça. Antes de sair da sala, ela virou-se para mim, apontou, primeiro, para sua barriga, depois, com uma espécie de sorriso, para mim e, por último para o céu - acho que foi para o quadrante sul. Depois, ela saiu. Interpretei esse gesto como uma advertência, renunciando sua volta, quando, então, ela me levaria consigo, para onde quer que fosse. Até hoje estou tremendo de medo, ao pensar que, se e quando retornarem e me sequestrarem de novo, estarei definitivamente perdido. De jeito algum estarei disposto a me separar da minha família e abandonar a minha terra.

A fala de Villas Boas equalizou várias temporalidades porque, no momento do seu depoimento, ele pausou os eventos vividos por ele para refletir a situação e detalhar o corpo alheio, ou seja, uma temporalidade do momento vivido e outra temporalidade do presente no momento da fala, na sala clínica. Uma vez que ele afirmou que, logo depois do seu corpo se separar do corpo feminino alienígena, a porta se abriu e a alienígena saiu ao sinal de seu companheiro; houve um intervalo no texto, que foi fruto da fala, do depoimento. No entanto, houve muita fala e reflexão entre as espacialidades vividas. No momento vivido, tudo aconteceu consecutivamente, mas o texto

captou o depoimento que registra, também, as reflexões que provavelmente foram recapituladas antes, e recapituladas no momento do seu testemunho.

Todo espaço por um momento flutuava no futuro. O espaço do texto captou o pensamento em Villas Boas. Os sinais que o corpo alheio acabara de copular, remetiam, talvez, a intenções futuras. Mas, de modo algum ele queria participar de planejamentos futuros com a moça alienígena, nem abandonar sua territorialidade na pátria Terra, nem abandonar o lugar junto a sua família, “apesar dos consideráveis abismos físicos e culturais que os humanos construíram entre si e o ambiente não-humano, os humanos preferem a natureza da Terra, o habitat ao qual estão adaptados, e não o espaço<sup>51</sup>” (Yingling, 2023, p. 2, tradução nossa).

A porta se abrindo foi uma subespacialidade, pois foi só uma transição para a espacialidade da despedida e da advertência. Villas Boas interpretou os sinais da alienígena como uma possível volta. Os tempos se misturaram, já que no presente da fala, relatou espacialidades vividas no passado, pressentido um encontro futuro.

Àquela altura, um dos alienígenas voltou com minha roupa e tornei a me vestir. Devolveram-me tudo, menos o meu isqueiro, que bem poderia ter caído ao chão, durante a luta com meus sequestradores. Voltamos para o outro recinto, onde três dos tripulantes estavam sentados nas cadeiras giratórias, grunhindo um para o outro (acho que conversavam). Aquele que veio me buscar juntou-se a eles e me deixou sozinho. Enquanto eles falavam, procurei gravar na memória todos os detalhes ao meu redor e observar minuciosamente tudo quanto ali se passava. Assim, reparei que dentro de uma caixa com tampa de vidro que estava sobre uma mesa havia um disco parecido com um mostrador de relógio; havia um ponteiro e, no lugar dos números 3, 6 e 9, uma marcação negra. Somente no lugar e que normalmente está o número 12 havia quatro pequenos símbolos negros, um ao lado do outro. Não sei para que serviria isso, mas foi assim que vi.

A cópula e os pensamentos futuros de algum tipo de planejamento se esgotaram. A sala onde Villas Boas estava foi penetrada por um dos seus sequestradores que retornou com a sua roupa e imediatamente ele se vestiu. A

---

<sup>51</sup> Em inglês: “Despite the considerable physical and cultural chasm that humans built between themselves and the nonhu-man environment, humans prefer the nature of Earth, the habitat to which they are adapted, and not space.”

sala dos acontecimentos de cópula inter-racial deixou de ser o plano principal; ela foi abandonada para retorno ao centro da máquina alienígena, espacialidade da devolução dos pertences pessoais e espacialidade do abandono da sala de experiência. Villas Boas foi uma cobaia que, por meio de métodos forçosos, traiu sua natureza humana. De volta ao plano principal da nave extraordinária, alguns dos sujeitos alienígenas encontravam-se em cadeiras giratórias, no que supõem Villas Boas em sua explanação, talvez um espaço de fechamento dos “trâmites” da experiência. Do mesmo jeito que um pintor emocionado pela paisagem capta seus mínimos detalhes para compor em sua tela, Villas Boas examinou tudo ao seu redor para arquivar em suas memórias detalhes daquela situação vivida, a espacialidade do exame detalhado pelas vistas do humano. Nisso ele foi atentar-se aos equipamentos alienígenas com suas características próprias.

Primeiro, pensei que aquele instrumento fosse uma espécie de relógio, pois, vez ou outra, um dos alienígenas o fitava. No entanto, dificilmente seria um relógio, pois, durante todo o tempo, os ponteiros permaneciam imóveis. Aí, então, tive a ideia de pegar naquela coisa e levar comigo, a título de prova da minha aventura. Com aquela caixa, o meu problema teria sido resolvido. Quem sabe, quando os homens notassem meu interesse por aquele objeto, talvez me fizessem presente dele. Tratei de me aproximar dele, aos poucos, e, quando eles não me olhavam, puxei-o da mesa com as duas mãos. Pesava certamente uns 2 quilos. Porém, eles não me deram tempo nem para olhá-lo de perto, pois, com a rapidez de um raio, um dos homens empurrou-me para o lado, tirou a caixa das minhas mãos e, furioso, tornou a colocá-la no lugar.

Havia um objeto que chamava a atenção do terráqueo e se assemelhava a um relógio. Apesar disso, seus ponteiros eram imóveis. Veio-lhe à cabeça a ideia de surrupiar aquele instrumento como prova de sua fantástica aventura vivida naquela máquina. Por algum motivo, Villas Boas já sabia que seria liberado daquele espaço. Exatamente por isso, ele requisitava aquele objeto para si. No entanto, houve uma negativa por parte dos sujeitos opostos; não foi permitido ao representante dos homens interferir em nenhum componente do grande objeto voador, implicando em uma espacialidade da apreensão. O espaço majoritário do rapto sofreu algo de afrouxamento porque, mesmo dentro daquelas situações, Villas Boas pareceu estar um pouco mais relaxado em tal ambiente.

Recuei até a parede mais próxima e fiquei parado, imóvel. Normalmente, não costumo sentir medo, mas, naquela situação, achei melhor ficar quieto, pois já sabia que eles me tratavam bem somente quando meu comportamento era do agrado deles. Para que, então correr um risco, sem qualquer chance de êxito ou proveito? Portanto, fiquei parado ali, à espera de que as coisas acontecessem.

Dentro do determinado ambiente, depois da repreensão dos alienígenas em cima de Villas Boas, o mesmo deslocou-se de um ponto a outro na sala de “comandos”, um espaço aborrecido, porque o humano sabia que tinha de se resguardar diante da situação, para não correr risco dependendo de sua audácia.

A moça não apareceu mais, nem despida, nem vestida; mas descobri onde ela deveria estar. Na parte dianteira do recinto grande havia mais uma porta, um pouco entreaberta, e, vez ou outra dava para ouvir o ruído de passos dirigindo-se de um lado para outro. Como todos os demais tripulantes estavam naquele recinto grande, os passos que ouvi só poderiam ser da moça. Suponho que essa parte dianteira se tratava da cabine de navegação da máquina; porém, não tenho condições de prová-lo.

Mentalizado o plano do objeto voador, a geografia interna, Villas Boas não viu mais a moça que participou das experiências com seu corpo e supôs, partindo de suas concepções formadas de um mapa mental já definido, o local onde ela estaria naquele momento. Porque o corpo já experimentou o ambiente e agora com uma mínima experiência vivida naquele território alienígena já sabia se localizar e localizar outros dentro de tal ambiente.

Enfim, um dos homens levantou-se e me fez um sinal para segui-lo. Os demais nem me olharam e, assim, atravessamos a pequena antessala, até a porta de entrada, já aberta e com a escada descida. No entanto, ainda não descemos, mas o homem me fez compreender que eu devia acompanhá-lo até a rampa que havia em ambos os lados da porta; ela era estreita, mas permitiu dar uma volta completa ao redor da máquina. Primeiro, fomos para a frente e lá vi uma protuberância metálica sobressaindo da máquina; na parte oposta havia essa mesma protuberância. A julgar por sua forma, concluí que talvez fosse o dispositivo de controle para a decolagem e pouso da máquina. Devo admitir que jamais vi aquele dispositivo em funcionamento, nem quando a máquina levantou voo, razão pela qual não sei explicar sua função.

A sequência espacial se deu com a saída dos corpos alienígenas do repouso. Quando houve um convite para circulação, o corpo humano foi atraído pelo gesto de fazer companhia, e assim começou um pequeno passeio pelas dependências da nave, uma espacialidade da exploração humana em território alienígena. Foi nessa excursão que Villas Boas pôde, de fato, explorar visualmente alguns setores da máquina extraordinária e tirar algumas conclusões.

Em frente, o alienígena apontou para os picos de metal, ou melhor, as esporas metálicas já mencionadas. As três esporas tinham a mesma forma, base larga, diminuindo para uma ponta fina e sobressaindo horizontalmente. Não posso avaliar se eram do mesmo metal da máquina; elas brilhavam como metal incandescente, mas não irradiavam calor. Um pouco acima das esporas metálicas estavam luzes vermelhas; as duas laterais eram pequenas e redondas, ao passo que aquela na parte dianteira era enorme. Eram os possantes faróis, que já descrevi. Acima da rampa, ao redor da máquina, estavam dispostas inúmeras lâmpadas quadradas, embutidas no casco da máquina. Seu brilho vermelho refletiu-se na rampa, a qual, por sua vez, terminava em uma grande placa de vidro grosso, que entrava fundo no revestimento de metal. Como não havia janelas em parte alguma, julguei que aquela vidraça serviria para olhar o mundo lá fora, mesmo que não desse boa visão, pois, visto de fora, o vidro parecia bastante turvo.

Na última parcela textual retratada, o sujeito principal da fala, especificou os detalhamentos da máquina na qual foi percorrendo em excursão conduzida por seus sequestradores. Foi nesse momento que ele reparou num tipo de vidraça acoplada à estrutura maquinal alienígena. Esse objeto integrado ao casco fez com que ele se perguntasse se não era por ali que tais alienígenas visualizavam o exterior, a paisagem do mundo ou a paisagem do universo.

A meu ver, as esporas metálicas na frente dianteira deveriam estar relacionadas com a força de propulsão, pois, quando a máquina levantou voo, seu brilho ficou muito intenso e se confundiu por completo com o da luz do farol principal.

Após a vistoria da parte frontal da máquina, voltamos para a parte traseira (que apresentava uma curvatura bem mais pronunciada do que a da dianteira), mas, antes disso, paramos mais uma vez, quando o alienígena apontou para cima, onde estava girando a imensa cúpula em forma de prato. Ao girar lentamente, mergulhava numa luz esverdeada, cuja fonte não consegui detectar; simultaneamente, emitida um som

parecido com assobio, lembrando o ruído de um aspirador ligado ou de ar que entrasse por numerosos pequenos orifícios.

Quando, mais tarde, a máquina decolou, as rotações da cúpula se aceleraram progressivamente, até desaparecer por completo, e, em seu lugar, permaneceu apenas um brilho de luz vermelho-clara. Ao mesmo tempo, o ruído cresceu para um estrondoso uivar e, com isso, para mim não havia dúvida de que a velocidade da rotação da cúpula determinava o volume do som do ruído.

Se anteriormente falhamos em nossa análise espacial do texto em alguns parágrafos, agora acontece o mesmo. Se naqueles trechos Villas Boas detalhou os alienígenas e seus trajes, agora a máquina foi o vetor da descrição nas narrativas. Falhamos agora em três parágrafos do geoexame do texto, mas em vista daquele momento, agora podemos tirar uma reduzida conclusão. A pequena excursão foi parâmetro para o sujeito humano fazer sua exploração visual e extrair suas convenientes conclusões. Foi nesse momento que a narrativa detalhou uma geografia particularizada dos componentes e mecanismos da estrutura maquinal alienígena.

Depois de me ter mostrado tudo, o alienígena me levou para a escada metálica e me deu a entender que eu estava livre para sair. Ali estava ele, apontando, primeiro, para si próprio, depois, para mim e, finalmente, para o quadrante sul, lá no céu. Em seguida, fez sinal de que ia recuar e desapareceu no interior da máquina.

Esse último parágrafo indicou a narrativa na qual o espaço majoritário do rapto alienígena sobre um dos representantes dos humanos foi encerrado. Depois de acompanhado de um dos seres, mapeando boa parte da nave extraordinária, gravando na memória alguns de seus detalhes, ficou bem evidente que foi dever do sujeito alienígena mostrar um pouco do funcionamento de seu território móvel (máquina extraordinária). Ficou uma pergunta de difícil explicação: porque um desses seres apontou para si mesmo, para o sujeito humano, e depois para o infinito do universo no quadrante sul? Talvez fosse algum tipo de codificação que Villas Boas não soube responder, nem nós, como analistas de textos com pressupostos geográficos. Mas é certo que o alienígena apontava para um “lugar” na imensidão do universo, que também era de difícil localização. Localizar é uma problemática espinhosa, pois é preciso saber o posicionamento da Terra em relação ao Sol naquele momento.

Apontar para o sul no céu de dia é uma coisa, à noite é outra coisa. Especialmente no meio de uma área rural, tem-se um cenário bastante complexo.

Finalmente, o alienígena encerrou-se em sua máquina voadora extraordinária, voltou para o espaço que é de sua natureza, seu microterritório estrangeiro em um mundo estrangeiro, e Villas Boas abandonou esse território. Terminou assim a saga de uma geografia estranha, vivida em ato, uma experiência presencial com suas inexplicáveis conexões.

A escada metálica foi se encurtando, com um degrau de cada se empilhando sobre o outro, como em uma pilha de lenha, e, ao chegar lá em cima, a porta levantou-se - quando aberta, formava a rampa - até ficar embutida na parede da máquina e tornar-se invisível. As luzes das esporas metálicas do farol principal e da cúpula ficaram progressivamente mais intensas com o aumento das rotações. Lentamente, a máquina subiu, em linha vertical, recolhendo, ao mesmo tempo, seu trem de pouso; em seguida, a parte de baixo do objeto parecia tão lisa, como se de lá jamais tivesse saído coisa alguma.

Antônio Villas Boas voltou ao terreno arado e reassumiu a sua posição na territorialidade humana e passou a assistir a paisagem com estranhos movimentos de uma máquina absurdamente fantástica. Foi a finalização da operação alienígena com a missão de reconhecer e explorar algumas qualificações da natureza humana, uma delas o comportamento sexual. O material genético humano foi surrupiado como prova de penetração em um território singular povoado de vida inteligente. A máquina absurdamente extraordinária se preparou para desterritorializar o território humano que territorializou durante algum tempo, algo jamais visto, talvez, por nossos semelhantes.

O objeto voador subiu devagar, até uns 30 a 50 metros de altura; lá parou por alguns segundos, enquanto sua luminosidade se tornava mais intensa. O ruído de uivar tornou-se mais forte, a cúpula começou a girar a uma velocidade enorme, ao passo que sua luz foi se transformando progressivamente, até ficar vermelho-clara. Naquele instante, a máquina inclinou-se ligeiramente para o lado, ouviu-se uma batida rítmica e, repentinamente, desvirou-se para o sul, desaparecendo de vista uns poucos segundos depois.



O último parágrafo qualificou os derradeiros movimentos de despedida do conjunto de situações absurdamente extraordinárias das quais o representante dos seres humanos encarou seres de uma outra espécie em situações um tanto íntimas, constrangedoras e confusas. O objeto voador se desprende do terreno arado e flutuou verticalmente até mais ou menos 50 metros, como da primeira vez em que se mostrou ao sujeito humano, recolheu seus suportes de comunicação e os equipamentos externos: trem de pouso e uma espécie de portal que também era a rampa de acesso. O representante da raça humana assistiu a despedida do extrato alienígena. As luzes da rotação que impulsionaram a máquina ficaram mais evidentes, anunciando assim que se preparara para dissipar-se; essa é a imagem que está como capa de nosso livro. De maneira exibida, inclinando-se para o lado e disparando conteúdos sonoros, a máquina fez seu eterno retorno para o desconhecido humano. Havia em jogo uma velocidade assustadoramente muito grande que fugia à tecnologia e compreensão da geografia dos humanos.

Trata-se claramente de aceleradores de partículas circulares e móveis de qualidade superior, utilizando tecnologias muito avançadas. Infelizmente, a física que dominamos atualmente não nos permite construir tais aceleradores de super desempenho<sup>52</sup> (Petrescu *et al.*, 2017, p. 83, tradução nossa).

Essa imagem da máquina extraordinária abandonando a superfície terrestre, faz lembrar as cenas de filmes: é exatamente assim que ocorre depois dos contatos entre situações tão antagônicas, o objeto sobe a uma altura considerável, algo rotativo em sua centralidade gira a uma celeridade incrível, exhibe suas luzes em pontos específicos, curva-se para um lado e zarpa numa velocidade que foge ao entendimento humano. Parece ser sempre essa a fenomenologia nos filmes<sup>53</sup>.

A geografia do globo terrestre foi libertada, nesse momento, da estratificação invasora, vinda de outra geografia distante cosmicamente, não havia nem como cogitar se era participante da Via Láctea ou se fugia do seu

---

<sup>52</sup> Em inglês: “*It is clear about of circular, mobile particle accelerators of superior quality, using very advanced technologies. Unfortunately, the physics we master today does not allow us to build such super-performance accelerators.*”

<sup>53</sup> Fazemos alusão à fenomenologia das imagens de Gastão Bachelard em “A Poética do Espaço”.

“perímetro”. Essa imagem ainda nos remete a um tipo de sobreposição. É desta forma que o humano compreende seu lugar no mundo tomando consciência da avançada tecnologia extraterrestre que lhe foge à compreensão, porque é ligado ao chão que pisa, e nessa superfície não há nada igual. É um espaço psicológico que abrangeu todo o domínio da Terra e seus habitantes; o espaço geográfico presenciou algo um tanto enigmático.

Finalmente, voltei para o meu trator. À 1h15m fui levado, contra a minha vontade, para o interior da máquina alienígena, de onde saí às 5h30m da madrugada. Portanto, me deixaram preso durante quatro horas e quinze minutos. Bastante tempo.

A narrativa se deu, evocando as temporalidades dos acontecimentos que se sucederam nos espaços. De forma generalizada, a fala do sujeito principal equaciona, em poucas linhas, a duração do rapto, efetivando assim os momentos exatos de início e fim, chegando à conclusão de que ficara muito tempo à mercê de outros sujeitos.

Nada falei dessa minha experiência a ninguém, a não ser à minha mãe, a única pessoa com quem me abri. Ela achou melhor jamais ter contato com gente assim. Não tive coragem de falar coisa alguma ao meu pai. Já lhe havia falado anteriormente sobre a luz na cúpula, mas ele não acreditou em minhas palavras e achou que tudo aquilo era pura imaginação. Mais tarde, resolvi escrever ao Sr. João Martins, contando o que houve; para tanto fui motivado pela leitura do seu artigo publicado em novembro próximo passado, na revista O Cruzeiro, solicitando que os leitores lhe enviassem qualquer relato referente a discos voadores. Se eu tivesse dinheiro, já teria viajado para o Rio em data anterior, mas, como não tinha, foi preciso aguardar sua resposta e a oferta de financiar parte das minhas despesas de viagens.

O texto deixou operar a situação espetacular na qual Villas Boas foi envolvido. Os espaços e espacialidades dos eventos misteriosos são encerrados por meio de sua própria fala. A experiência foi sempre espacial, porque aconteceu em determinado “lugar” e não havia como dividi-la com o lado paterno de sua ligação afetiva porque, por parte desse, isso só aconteceu na região da imaginação de Villas Boas. Agora a fala foi dirigida por meio de sentenças no futuro do pretérito. Mesmo seu medo de chacota não impediu a ligação espacial com outro ponto (Rio de Janeiro) através de carta. Sua situação

econômica adiou sua desterritorialização e foi preciso diálogo para que ancorasse nesse ponto para dar seu depoimento.

Evidenciamos, até o momento, que tudo no texto ou quase tudo no texto teve uma medida espacial. Aqui acabou a fala do contribuinte, a explanação de conteúdos linguísticos que desterritorializaram de sua boca, o relato de sua experiência vivida extraordinariamente. Não obstante, o capítulo não acaba; a máquina textual continua a operar, mas agora, contudo, é o autor do livro que vai se comunicar com o leitor. Se nossa proposta foi realizar o geoexame do texto, então devemos manter o objetivo até o final do documento.

### **Notas clínicas e relatório sobre o exame médico, assinado pelo Dr. Olavo Fontes**

#### **Dados pessoais**

Antônio Villas Boas, branco, solteiro, fazendeiro, residente em São Francisco de Sales, Minas Gerais.

Como acabou a máquina de fala do sujeito principal, surgiu a máquina de expressão do autor, dizendo que o clínico que acompanhou o relato (entrevista) assinou um exame médico de Villas Boas. Mas essa máquina textual acabava por remeter a outra: a máquina de um laudo médico. Um texto dentro de outro texto, como fora apresentado por von Bullar. Essa máquina examinadora iniciava com “dados pessoais” e situava o sujeito comprimindo, nesse princípio, uma geografia geral do paciente, já que qualificava as multiplicidades específicas do sujeito nominado. Este, momentaneamente, migrava de relator para paciente e era localizado em seus domínios territoriais.

#### **Ficha clínica**

Conforme seu depoimento, ele deixou a máquina em 16 de outubro de 1957, às 5 h e 30 m. Seu estado físico era de bastante fraqueza, pois nada tinha comido desde as 21 horas da véspera, e, enquanto esteve na máquina, vomitou diversas vezes. Voltou para casa exausto e dormiu quase o dia todo. Ao acordar, às 16 h e 30 m, sentiu-se bem e tomou refeição regular. No entanto, já naquela noite e nas noites seguintes, não conseguia dormir. Ele ficava muito nervoso, fortemente excitado, e, sempre que conseguia pegar no sono, sonhava com acontecimentos da noite anterior, como se tivesse de reviver tudo aquilo. A essa altura

despertava com um grito e tinha a sensação de estar outra vez preso por seus sequestradores.

O clínico realizou uma compilação de informações espaciais, repetindo em sua súmula os dados que captou do paciente. Houve uma incoerência nessa avaliação clínica, pois na oratória de nosso sujeito principal foi indicado que houve apenas um vômito no canto da sala da máquina alienígena, enquanto que o médico indicou que houve vários vômitos, nada de muito especial. Mas, como somos geógrafos de texto e mapeamos tudo nele, temos de evidenciar algum tipo de equívoco. Depois disso, começou a destilar espacialidades pós-evento extraordinário, algo não dado e explicitado na máquina de fala de Villas Boas, como o espaço de um sono prolongado e posteriormente suas refeições. Durante algum tempo, teve indisposição ao sono por ainda estar transtornado, tendo de reviver todas aquelas espacialidades em seus sonhos.

Após ter passado repetidamente por aquela experiência, desistiu de tentar dormir naquela noite e procurar passá-la lendo e estudando. No entanto, tampouco logrou realizar esse intento, pois não conseguia concentra-se naquilo que estava lendo; seus pensamentos sempre voltavam e giravam em torno dos acontecimentos daquela noite fatídica. Ao raiar o dia, ele estava completamente confuso, correndo de um lado para outro, fumando um cigarro após outro. Sentiu-se cansado.

Fica evidente que as espacialidades foram revividas em sonho, impedindo o relaxamento e, algumas vezes, o próprio sono. Nesse caso, sua linha de fuga foi se apegar aos estudos e à leitura; no entanto, toda essa situação fantástica se fazia tão presente no âmago do ser que ficou difícil territorializá-la nos estudos e na leitura.

No segundo dia, continuou com ânsia de vômito e sem apetite, porém não vomitou mais, provavelmente porque nada comeu. Os olhos lhe ardiam mais e começaram a lacrimejar constantemente, embora não fosse constatada qualquer inflamação do tecido conjuntivo, nem fossem achados sintomas de outra irritação da vista ou impedimento da visão. Na terceira noite, o paciente conseguiu dormir normalmente. A partir de então, ele sentiu uma excessiva necessidade de sono, que perdurou por mais de um mês. Chegou a cochilar até durante o dia, pouco importando onde se encontrasse ou o que estivesse fazendo; cochilava mesmo enquanto conversava com outras pessoas. Para adormecer, bastava ficar quieto algum tempo. Durante aquele estado de sonolência, seus olhos continuavam a arder e a lacrimejar. Quando,

no terceiro dia, as ânsias de vômito cederam, seu apetite voltou e ele comeu normalmente. Seus olhos pioravam, quando exposto ao sol, e, assim, procurou evitar toda claridade. No oitavo dia, quando já estava trabalhando no campo, sofreu uma ligeira efusão de sangue no antebraço; no dia seguinte, o hematoma infeccionou, formando pus e provocando coceiras. Depois de sarar, no lugar do hematoma ficou um círculo vermelho. Cerca de quatro a dez dias mais tarde, de repente e sem qualquer ferimento prévio, semelhantes lesões dermatológicas apareceram nos antebraços e nas pernas. Começavam com uma pústula, aberta ao meio, que provocava fortes coceiras e levava de dez a vinte dias para sarar. O paciente referiu que essas pústulas, depois de sarar, deixavam cicatrizes, com manchas vermelhas escuras à sua volta.

Como previsto, a geografia do texto fica difícil, e o geoexame dá uma emperrada novamente, porque é difícil coligar as informações obtidas no texto que é a máquina de fala do clínico com uma noção espacial. Assim, falharemos em várias estrofes.

Ele informou que anteriormente jamais havia sofrido de eczemas ou irritações cutâneas, tampouco de hematomas, contusões ou feridas abertas (segregando sangue); quando estas últimas apareciam, vez por outras, eram tão leves que nem chegava a notá-las. No décimo quinto dia após sua experiência, surgiram duas manchas amareladas, mais ou menos simetricamente dispostas, à direita e à esquerda do nariz, e o paciente comentou a respeito: “Aquelas manchas eram esbranquiçadas, como se a pele estivesse carente de irrigação sanguínea”. Depois de uns dez dias, as manchas desapareceram tão de repente quanto surgiram. Ao lado das cicatrizes deixadas pelas pústulas, esporadicamente surgidas nos braços, ao longo desses últimos meses, ainda ficaram duas pequenas feridas abertas. Os demais sintomas descritos não tornaram a aparecer, até o momento. Atualmente, o paciente se sente bem e ele próprio considera bom o seu presente estado de saúde.

Ele nega a ocorrência de sintomas, como febre, diarreia, hemorragias, icterícia, durante a fase aguda da sua doença ou logo em seguida. Tampouco referiu depilação no corpo ou rosto, ou queda de cabelos, de outubro até hoje. Na fase da sonolência, sua capacidade de trabalho não ficou notadamente diminuída. Da mesma maneira, não se registrou qualquer diminuição na sua libido, na sua potência ou visão, como não teve anemia, nem pústulas na boca.

### **Anamnese**

Quanto a doenças infantis agudas, o paciente referiu ter sofrido de sarampo e varicela, sem complicações. Não teve doenças venéreas. Em anos passados, sofreu de uma colite, que não incomoda mais.

### Exame médico

Trata-se de pessoa do sexo masculino, de cor branca, cabelos pretos, macios, olhos escuros. Ausência de sintomas de males agudos ou crônicos.

Biótipo: pernas compridas, leptossômico.

Fácies: atípico, altura média (1,64 metro, sem sapatos), esbelto, porém forte e de musculatura bem desenvolvida.

Estado de nutrição: nenhum sintoma de carência de vitaminas; nenhuma má formação ou anomalia física.

Pêlos do corpo e características sexuais: normais.

Dentes: em bom estado de conservação.

Gânglios: não palpáveis externamente.

Mucosa: todas um tanto pálidas.

### Exame dermatológico:

Foram constatadas as seguintes alterações patológicas:

À direita e à esquerda do queixo, duas pequenas manchas, hiper Cromáticas, quase redondas; uma delas é do tamanho de uma moeda de dez centavos, a outra é maior e de contornos irregulares. Ali, pele parece ser mais fina e delicada, como que recém-formada ou um tanto atrofiada.

Inexistem pontos de referência para determinar o tipo e a idade daquelas duas manchas. Tudo quanto se pode dizer a respeito resume-se no seguinte: são cicatrizes de feridas superficiais, na pele, relacionadas como efusão de sangue, datando, no máximo, de uns doze meses e, no mínimo, de um mês. É lícito supor que se trata de manchas de pele, as quais, provavelmente, desaparecerão dentro de alguns meses. Além dessas manchas, não foram constatadas outras manchas similares ou marcas na pele.

Foi notada a presença de cicatrizes deixadas por feridas na pele (datando de alguns meses, no máximo) na parte externa da mão, nos antebraços e nas pernas. O exame revelou tratar-se de pequenas pústulas ou feridas cicatrizadas, com desprendimento da pele, as bordas esfoladas, o que permite concluir por seu aparecimento em data recente. Duas dessas pústulas, no braço direito e no esquerdo, ainda não chegaram a sarar; apresentam-se como pequenos nós ou bubões, salientes, avermelhados; são mais duros do que a pele ao seu redor, segregam um líquido amarelado, seroso. A pele circundante apresenta

alterações inflamatórias. Vestígios de pequenos arranhões, feitos pelas unhas do paciente, permitem supor que se trata de urticária.

Quando às alterações patológicas constatadas, cumpre mencionar que todas as cicatrizes e alterações dermatológicas se encontram no centro de uma área hipercromática, de cor lilás-clara, um sintoma completamente fora do âmbito das nossas experiências, razão pela qual não é possível avaliar a importância ou o significado de tais áreas. Como o médico examinador não é dermatologista, carece das condições necessárias para a devida diagnose desse sintoma e, assim, limita-se a descrever as alterações em apreço, que, aliás, também foram documentadas por fotos.

### **Estado neurótico**

#### **Orientações**

No espaço e tempo: boa.

Reações sensoriais, afecções: dentro do normal.

Atenção espontânea e estimulada: normal.

Percepções e associações mentais: reações normais.

Memória a longo e a curto prazo: boa.

Memória visual: extraordinária; detalhes relatados verbalmente são, de imediato, esboçados ou ilustrados pelo próprio paciente.

Ausência de quaisquer sintomas diretos ou indiretos de uma doença mental.

(ass.) Olavo Fontes, doutor em medicina.

Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1958.

Nesses parágrafos, que são a máquina de fala do especialista em medicina, evidentemente são relatadas as minúcias do paciente que passou por experiências únicas e fantásticas. O médico também relatou as particularizações dos sintomas de náuseas e sequelas pela qual o corpo se encontrava e também descreveu um checape geral sobre todos os setores do corpo (geografia geral do corpo). De certa forma, se o espaço propriamente

dito não se demonstra de forma explícita nessas partículas textuais<sup>54</sup>, o tempo é bem presente na descrição, porque são evocadas as durações de dias e de um mês, endossando um relato de análise clínica até o momento (histórias-até-aqui), que podemos reformular, partindo das temporalidades de um espaço de corpo sequelado e desorientado, mas em constante recuperação.

Em resumo, o Dr. Fontes tornou a salientar que, logo no início dos exames, soube que Antônio não tem qualquer disposição psicopática. Ao prestar depoimento, nem por uma só vez ele caiu em contradições ou perdeu o autocontrole. Quando, por algumas ocasiões, hesitou em responder uma pergunta, revelou comportamento normal de um indivíduo que não quer responder a determinadas perguntas, sobre circunstâncias fora do comum. Toda vez que isso aconteceu, ele disse, simplesmente: “Não sei” ou “Não sei explicar isso”, mesmo sabendo que tais evasivas poderiam pôr em dúvida a credibilidade do seu relato.

Aqui a máquina textual muda de valor. Se momentos atrás era a vez da máquina de fala do especialista em medicina, agora é o momento da máquina de fala do autor e organizador do livro entrar em cena. Agora a máquina de fala do autor entra em cena sem nenhuma prévia, apenas surge no texto. O nosso compromisso é retirar noções espaciais de todas as camadas textuais e, nesses últimos momentos da máquina textual, outra vez o geoexame fica comprometido. Essa última partícula textual é uma informação voltada para aquilo que o médico acha da situação, do caráter e da sanidade mental do sujeito principal do nosso exercício todo. Podemos supor que essa camada textual seja o espaço de avaliação de índole de um médico sobre um sujeito.

Aliás, Antônio disse ao jornalista João Martins que se sentiu sem jeito para falar de certos detalhes, mormente daqueles relacionados com a experiência com a moça. Quanto a esse particular, Antônio não estava disposto a voluntária e espontaneamente dar detalhes e foi preciso usar de muita persistência para que desse pormenores a esse respeito.

Quem se colocar no lugar de Villas Boas, também teria receios de explicitar situações tão íntimas na qual ele fora envolvido com a mulher alienígena. O fato é que, em determinado momento do depoimento, o ambiente

---

<sup>54</sup> Será mesmo que tudo no texto tem uma medida espacial? Isso surge como problemática porque a máquina de fala do especialista em medicina obviamente encara o corpo para compor uma pequena textualidade que é o laudo técnico de medicina.



da sala tornou-se um espaço de acanhamento por um lado e insistência por outro.

Aliás, tais manifestações emocionais correspondem perfeitamente àquilo que seria de se esperar de um homem psicologicamente normal, da procedência e do nível de cultura de Antônio.

Tampouco, Antônio revelou inclinações para a superstição, o misticismo; não considerou os tripulantes do objeto voador como anjos, super-homens ou demônios, mas, sim, achou que se tratava simplesmente de homens provenientes de outras religiões, de um outro planeta. Ele explicou essa ideia pelo fato de o tripulante que o acompanhou ao deixar o objeto voador ter apontado, primeiro, para ele, depois, para o solo e, por fim, para o céu. Além disso, durante toda sua permanência a bordo, Antônio observou como os tripulantes usavam uniformes e capacetes fechados; dali ele concluiu que o ar normalmente aspirado por eles deve ser diferente do da terra.

O pequeno parágrafo de três linhas, decididamente não carrega em sua textualidade fatores de tempo e nem de espaço. Nem tudo tem valoração de espaço e tempo, ou somos nós mesmos ineficazes no que propomos a fazer. Na estrofe seguinte já temos referências a uma geografia, pelos menos uma geografia em nível interplanetário. Villas Boas acreditava que aqueles sujeitos alheios a sua noção terráquea tinham territorialização proveniente de uma geografia bastante diferente do planeta Terra, porque achou que o ar era diferente. É a mesma coisa quando mergulhamos e precisamos de ar embutido para respirar embaixo da água, que é outro ambiente. Mas isso pode ser explicado por vários outros motivos. Um exemplo disso diz respeito ao fato de que a pele daqueles sujeitos possa sofrer algum tipo de dano em contato com a nossa atmosfera, assim como os humanos precisam de roupas especiais ou oxigênio fora da Terra.

Quando o jornalista João Martins disse a Antônio que caso seu relato viesse a ser divulgado, muitas pessoas iriam considerá-lo um louco ou um impostor, ele não se impressionou absolutamente diante de tais perspectivas, mas disse apenas:

“Nesse caso, convidaria as pessoas que falam tais coisas a irem, até minha terra e solicitar-lhe-ia que se informassem sobre a minha pessoa. Logo saberiam do conceito de que desfruto lá, se sou considerado um homem direito ou não”.

As duas sentenças textuais se ligam e, nesse caso, a primeira chama a segunda para um setor espacial. No caso de acharem Villas Boas um desequilibrado ou um mero farsante, ele pede para que checassem sua territorialização, o espaço que compete ao seu lugar, sua moradia. Ali, em sua jurisdição, a rede de contatos e familiares provaria que ele era um sujeito de índole ilibada.

Decerto, João Martins tinha toda a razão acerca da sua previsão, pensando que, para muita gente, Antônio seria considerado um pobre louco. No entanto, supondo que Antônio tivesse inventando aquela história, qual seria sua motivação, dificilmente ele auferiria lucros financeiros, os quais nem almejava como ficou comprovado mais tarde. Por outro lado, com essa história Antônio tampouco conseguiria qualquer autopromoção para satisfazer suas eventuais vaidades e ânsias de se tornar uma celebridade, visto que, desde o início, João Martins deixou bem claro que não poderia publicá-la (por muito tempo, a censura proibiu a publicação de reportagens que expusessem tais casos).

Nessa partícula, a máquina de fala ainda foi do autor do livro e, se o espaço se demonstra de difícil visualização porque nenhuma de suas categorias adjacentes foram evocadas, o tempo foi bem marcado. A sua história que ficou caracterizada no passado, não traria qualquer tipo de beneficiamento econômico no futuro ou algum tipo de promoção, e quem disse isso foi o jornalista no tempo presente da época.

Será que complexos de inferioridade ou quaisquer frustrações sexuais teriam motivado Antônio a inventar essa história? Tal eventualidade não vem ao caso, em vista do resultado do exame psicológico feito pelo Dr. Fontes. Antônio era um rapaz tímido e reservado, mas isento de complexos e psicoses produzidos por frustrações. Hoje em dia, Antônio está casado e vive muito feliz com a sua mulher e os filhos na fazenda. Ele continua afirmando que o incidente se deu tal qual foi por ele descrito e, fora disso, não quer mais nada a respeito. Antônio jamais tomou drogas ou tóxicos.

A fazenda, que era o centro do mundo para Villas Boas, o chão em que pisava confortavelmente, era a única comprovação de sua veracidade. Porque dizemos isso? Porque esse era o lugar que comprovava que não havia frustrações sexuais nem complexos de inferioridade, uma vez que vivia feliz ao lado da família que constituiu. Villas Boas era um sujeito simples e não cobrava nada do mundo, dizendo que era infeliz, ou que tinha má sorte. Ele viveu uma

geografia extraordinária na pele e, mais tarde, apresentou-se em outro plano espacial, com muita dificuldade, para narrar os fatos em que foi envolvido.

Na América do Sul, o assunto dos OVNI's sempre ocupou um ponto central no interesse geral, por causa dos numerosos aparecimentos registrados. Portanto, seria lícito supor que também Antônio tivesse tomado conhecimento daquele fenômeno, em data anterior. Assim, é provável que essa experiência tenha se passado em sua imaginação, no seu mundo imaginário, para, em seguida, sair desse plano e, para ele, tornar-se uma realidade objetiva?

Se fosse esse o caso, então a força de imaginação daquele fazendeiro simples seria digna de toda a admiração. Naturalmente, não se pode excluir a possibilidade de uma quimera.

Os segmentos textuais acima nos colocam em uma posição muito confortável como geógrafos, porque localizam Antônio Villas Boas no gigantesco pedaço de terra que é a América do Sul, e porque nos fazem refletir sobre o mundo da imaginação para a Geografia. No subcontinente, “os OVNI's sempre ocuparam um ponto central de preocupação geral”, o que pode ser considerado o alcance da influência sobre o protagonista. Essa afirmação talvez seja um ponto bastante central em nossas discussões, pois todo o fato relatado poderia ter acontecido apenas no seu subconsciente, e isso seria uma orientação para encarar tal fato como uma realidade objetiva.

Ora, ora! Mas não é exatamente o que acontece com a literatura em geral, principalmente romances e poesia? Não se elabora tudo na imaginação para depois depositar nas folhas em branco, vindo a ficar manifesto através de publicação, mas sempre tendo clara evidência que não é uma realidade objetiva e, sim, ficção?

É nesse ponto que queremos chegar. Não é verdade que os geógrafos acessam a literatura para dialogar e produzir conhecimento? Ficção ou não, mundo imaginário ou realidade objetiva, o fato é que tudo isso pode ser conectado com a Geografia. Claro que alguns elementos mais espinhosos territorialmente sempre ficam de fora da análise geográfica e, justamente por isso, decidimos dialogar com esse específico texto, porque nos faz encarar com aquilo de mais absurdo para a ciência.

Seja como for, ainda resta um fator importante, até agora não mencionado, que, em absoluto, não se enquadra no enredo de uma fraude: tanto o Dr. Fontes como também outros médicos - como o especialista Dr. Walter Buehler, radicado no Rio de Janeiro - constataram, sem sombra de dúvida, que os sintomas observados em Antônio foram causados indiscutivelmente por contaminação radioativa. Para tanto há uma só explicação: Antônio penetrou no âmbito de uma fonte de radiação. Aí acaba toda e qualquer imaginação, inclusive a mais fértil.

Os fatores de imaginação, ficcionalidade, irrealidade, mundo subjetivo “talvez” caíam por terra, dadas as evidências e a confirmação dos laudos médicos de pessoas extremamente respeitadas. Villas Boas tem evidências claras de contaminação radioativa que só podem ser explicadas pela penetração em um ambiente radioativo.

Ficam algumas dúvidas: porque não é mencionado o tipo de radiação que sofre o sujeito? Com qual material ele teria tido contato? Porque, dependendo desse material, o ambiente alienígena contém alguns mesmos “materiais” (minerais) existentes aqui na Terra. Isso explicaria alguma coisa. Esse ambiente radioativo é uma imitação do ambiente geográfico da procedência dos alienígenas, então isso é da natureza deles; assim sobrevivem. Por isso, o uso de roupas especiais que os mantêm em contato com material radiativo específico e não deixam a “pele” e sua “respiração” entrar em contato com o oxigênio.

Em 24 de maio de 1978, o autor manteve o seguinte telefonema internacional com o cirurgião Dr. Walter K. Buehler, residente no Rio de Janeiro, um dos médicos que examinaram Antônio Villas Boas:

- Buttlar: Fala Buttlar, da Alemanha. Desculpe, doutor, por incomodá-lo pelo telefone internacional; mas, será que posso fazer-lhe algumas perguntas sobre o caso de Antônio Villas Boas, que há uns tempos foi examinado pelo senhor?
- Buehler: Pois não. Estou às suas ordens.
- Buttlar: Minha primeira pergunta: O senhor acha que Antônio, de fato, falou a verdade?
- Buehler: Acho que sim; absolutamente.

- Buttlar: Outra pergunta: O senhor, Dr. Buehler, acha que a experiência de Antônio foi uma vivência real ou uma quimera que, para ele, se tornou realidade?
- Buehler: Não tenho sequer a menor dúvida de que foi um acontecimento real.
- Buttlar: E agora, a minha terceira e última pergunta: dizem que Antônio teria sido contaminado por radiação. O senhor afirma?
- Buehler: Até agora não foi divulgado o fato de o Dr. Fontes ter examinado Antônio com um contador Geiger e de, naquele exame, ter ficado inequivocamente exposto a radiação de fundo.
- Buttlar: No local do pouso do OVNI?
- Buehler: Não! Não foi no local, mas, sim, no próprio Antônio. Ademais, quando visitei Antônio na sua fazenda, seu irmão confirmou o aparecimento.
- Buttlar: Muito obrigado, Dr. Buehler!

Um programa geográfico que deseja mapear todas as estrofes de um escrito vai se deparar com coisas estranhas e curiosas em sua estrutura textual: o fato geral; os primeiros acontecimentos vividos por Villas Boas, que datam de 5 de novembro de 1957; o relato no ambiente clínico, que é 22 de fevereiro de 1958; e a ligação feita para um dos especialistas em medicina, ocorrida em 24 de maio de 1978, vinte anos após o relato. Mas o que chama a atenção aqui nessa específica partícula textual é a máquina de fala. De quem é essa máquina de fala? Será de von Buttlar, autor da obra? Se é do autor, ele poderia, de maneira simples, dizer: “eu mantive o seguinte telefonema”, ou essa máquina de fala pode ser do editor do livro? Nunca saberemos. Ficou claro, sim, que há uma ligação espacial por via telefônica: a conexão do país (Alemanha) de Buttlar com a cidade do Rio de Janeiro.

Essa pequena conversa mantida entre o autor do livro e um dos médicos que examinaram Villas Boas por ligação internacional confirmou a veracidade dos acontecimentos vivenciados por Villas Boas. Ficcionalidade, fantasia e mundo subjetivo são abandonados da suposição, e o médico bateu o martelo sobre o fato de que o sujeito principal viveu uma geografia em ato, uma geografia espetacular vivida na pele.

Embora toda observação seja, em certo sentido, testemunhal, por si só o testemunho não pode fundamentar uma afirmação científica, a menos que possa ser replicado de forma independente, o que o testemunho de OVNI não pode. Esse testemunho também é problemático em outros aspectos. Relata coisas aparentemente impossíveis, grande parte é de má qualidade, as testemunhas podem ter incentivos para mentir, os observadores honestos podem não ter conhecimento e até os especialistas podem cometer erros<sup>55</sup> (Wendt; Duvall, 2008, p. 615, tradução nossa).

Parece que não ficaram claras as suposições de contaminação radioativa que, de algum modo, apareceram no texto anteriormente, e isso colocou uma certa contradição no próprio texto, porque momentos atrás fora afirmado que os médicos que avaliaram o estado de Villas Boas detectaram a presença de radioatividade. Havia, ainda, os últimos índices geográficos no conglomerado textual: o autor cobrou do médico se a análise de radioatividade foi na localidade de pertencimento do sujeito principal, e ele diz que não. Porém, quando houve o deslocamento desse mesmo médico para o lugar de fala de Villas Boas, o irmão confirmou a situação estranha naquele espaço.

Assim acabou a saga do texto. Assim acabou a nossa saga do geoexame. Todas as “partículas” textuais praticamente passaram por uma conferência espacial, quase tudo, porque falhamos em pontuados momentos, já que não conseguimos retirar noções de espacialidades de alguns trechos.

A espacialidade é uma condição do ser, não uma coisa em si. Não é mais possível - se é que alguma vez foi - isolar o espaço do seu contexto pegajoso, nem é possível isolar a espacialidade como um modo particular de ser ou momento histórico, um lugar, paisagem ou cenário particular<sup>56</sup> (Kobayashi, 2016, p. 6, tradução nossa).

---

<sup>55</sup> Em inglês: “Although all observation is in a sense testimonial, by itself testimony cannot ground a scientific claim unless it can be replicated independently, which UFO testimony cannot. Such testimony is problematic in other respects as well. It reports seemingly impossible things, much is of poor quality, witnesses may have incentives to lie, honest observers may lack knowledge, and even experts can make mistakes.”

<sup>56</sup> Em inglês: “Spatiality is a condition of being, not a thing in itself. It is no longer possible - if it ever was - to isolate space from its sticky context, nor is it possible to isolate spatiality as a particular mode of being or historical moment, a particular place, landscape, or setting.”

Tivemos como função também, além de fazer uma análise geográfica de um texto difícil em diálogo com a ufologia, apresentar essa história para os leitores. O espaço, as espacialidades, foram apuradas partindo-se das experiências do sujeito falante que aparece como texto no livro “Fenômeno UFO”.

Com as experiências pessoais reembaladas em termos e valores científicos, talvez não seja surpreendente que muitos ufólogos tenham encontrado na narrativa uma forma mais eficaz de comunicar de forma convincente a natureza impressionante dos fenômenos encontrados<sup>57</sup> (Eghigian, 2017, p. 622, tradução nossa).

Então essa foi a maneira que achamos para estabelecer uma relação entre Geografia e ufologia. Através de um texto específico procuramos realizar um encontro de assuntos para os quais muitos geógrafos, talvez, ainda não estejam abertos. Há uma dificuldade na geografia do texto, primeiro porque não conseguimos localizar a propriedade de Villas Boas no município de São Francisco de Salles; não há informações textuais que mostrem a localização específica. No entanto, isso não impede que o espaço/a espacialidade sejam observados, por nós geógrafos, em textos que estão transitando pelo mundo. Depois, falhamos geograficamente em vários momentos do texto, porque realmente não há como delinear uma avaliação de todos os fragmentos textuais. Então, podemos concluir que nem tudo num texto tem medidas espaciais. Seria mais fácil tomar o caso todo e sugerir um outro tipo de ataque geográfico com o caso Villas Boas. Todavia, não podemos nos deixar abalar. Encontraremos outras justificativas que nos levem sempre a percorrer o texto geograficamente.

Jeremiah Coogan no artigo *“Mapping the Fourfold Gospel: Textual Geography in the Eusebian Apparatus”* (2017), empreende uma geografia textual no aparato de Eusébio de Cesareia, que foi um estudioso e historiador do cristianismo primitivo. Eusébio de Cesareia praticou uma técnica paratextual para interpretar os apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João, criando um mapa e registrando itinerários e configurando um espaço canônico. Coogan, então se

---

<sup>57</sup> Em inglês: *“With personal experiences repackaged in scientific terms and values, it is perhaps not surprising then that many ufologists have found in storytelling a more effective way to compellingly communicate the awesome nature of the phenomena encountered.”*

baseando em Michel de Certeau (1925-1986) no que diz respeito ao itinerário e ao mapa, articulou uma contribuição distintiva do aparato paratextual de Eusébio de Cesareia, “Esta homologia, por sua vez, convida-nos a compreender os textos como espaços humanos e, assim, a aplicar insights geográficos à leitura de textos<sup>58</sup> (Coogan, 2017, p. 341, tradução nossa).

Há outros estudos que estão empreendendo uma análise minuciosa das informações geográficas em textos, como é caso de “*Fred. A survey on the geographic scope of textual documents*” (2016) de Monteiro, Davis, e Fonseca. Nesse estudo, o objetivo é localizar topônimos e outras referências a lugares: “As referências a lugares podem ser diretas e inequívocas como coordenadas geográficas ou não. Outras fontes de informação de localização geográfica podem ser estruturadas (endereços postais) ou não estruturadas (descrições de locais em texto)” (Monteiro; Davis; Fonseca, 2016, p. 24). Ao que parece, se aplicássemos a mesma metodologia desses autores em nosso trabalho, falharíamos, pois as referências a topônimos são escassos no texto principal de nosso estudo. Justamente por isso tivemos de analisar o nosso texto pensando em uma concepção de espaço que é mais flexível e aberta a outro devires.

---

<sup>58</sup> Em inglês: “*This homology, in turn, invites us to understand texts as human spaces, and thus to apply geographic insights to the reading of texts.*”



## CAPÍTULO 4

### Por uma geografia do texto

– A Terra é apenas um dos muitos planetas que orbitam o Sol. Mas somente o nosso é um planeta que tem vida.

– E talvez seja o único em todo o espaço, não é?

– Sim, é possível. Mas pode ser também que a vida pulse no universo. Porque o universo é incomensurável. As distâncias são tão grandes que precisam ser medidas em “minutos-luz” ou “anos-luz” (Gaarder, 1995, p. 537).

As argumentações presentes na escrita deste livro são bastantes problemáticas, e não nos vemos em condição nenhuma de concluir nada. Porém, isso não pode ser encarado como uma afronta aos moldes acadêmicos da ciência.

Dois aspectos gerais nos levaram à confirmação da sentença anterior: agimos assim para não fechar nossa pequena gama de questionamentos e acabar o círculo de debates que criamos; em segunda instância, apenas e humildemente para provocar. Provocamos para, talvez, ampliar e gerar novas linhas de pensamentos que sejam mais abertas a outros devires, e isso, quem sabe, na hipótese de tudo isso ser levado a sério. Bem por isso gostaríamos de ser tomados como um grande ensaio provocativo, onde a Geografia encontra um texto qualquer participante de nosso mundo, o qual, por si só, exala elementos carregados de setores espaciais, isso se visto com um olhar mais aberto a experimentações, quando encontramos um saber geográfico de relações intrincadas e complexas.

Arrastamos um texto desconfortável para as modulações que existem dentro do grande campo chamado Geografia e Literatura ou Geografia Literária ou Geoliteratura, ou, com mais certeza, geografia do texto ou textual. Será que forçamos uma justificativa pouco palpável? Levamos em conta a maneira como

nós encaramos espacialmente o funcionamento do texto, pegando tudo nele, todo seu conteúdo, todas as sentenças e confrontando com os “elementos” da Geografia como ciência sistematizada institucionalizada. É claro que na maioria dos momentos não houve auxílio da teoria geográfica, porque, como vimos; foi bem difícil arrastar a epistemologia geográfica para acompanhar a nossa análise.

O fato é que jogamos o peso de nossas justificativas para os geógrafos que vieram antes de nós e disseram que a infinita gama de tipos de textos era importante, sim, para a Geografia, porque são produtos humanos e existem por aí: Onde eles estão? Do que tratam? Essas são perguntas geográficas. Se foi achado por aí, num lugar qualquer, isso não importa; a procedência de um texto como “especiaria” física, não importa; seu lugar físico, que cobra seu posicionamento no mundo, tipo em uma prateleira de qual biblioteca ele está; o local certinho, uma casa, na casa de quem? Numa rua, qual rua, de que cidade? Onde ele foi escrito?

Você, leitor, consegue pensar sobre todas essas nuances de posicionamento? Se levássemos tudo isso ao pé da letra, estaríamos perdidos e nem cogitaríamos esse tipo de reflexão. E isso se deve a alguns fatores bem práticos: teríamos que pesquisar sobre a vida do autor (von Bullar), o que demandaria custos, e tentar descobrir como ele conseguiu o depoimento de Villas Boas e demais dados de sua vida. Afirmamos isso só para citar uma pequena bolha. Teríamos que deixar todas as outras coisas de lado que demandariam de uma praticidade muito bem resolvida. Procurando evitar a fadiga do leitor, vamos citar apenas aquela que consideramos como a principal: teríamos de fazer um recobrimento geral de bibliotecas por onde o livro rondou e verificar o porquê de estar ali. Além de ser praticamente impossível, provavelmente não interessaria a ninguém.

Agora pensemos sobre os fatores internos do próprio texto como parte integrante do mundo. Importam, sim, seu conteúdo, as conexões relacionadas ao espaço, e o posicionamento de referência ao qual se debruça. O que os assentamentos espaciais têm a dizer, o que eles nos apresentam? Qual é a sua característica? Os posicionamentos que foram vividos lá atrás e depois foram

contados da própria boca do camarada numa sala diante de dois sujeitos e agora estão no livro analisado e que você, leitor, está tendo contato com a história fracionada, em parcelas, e com as conexões realizadas após cada segmento textual da forma como enxergamos e procuramos conectar os setores espaciais de valores e escalas inúmeras.

Na verdade, cada um responde à sua maneira. Neste livro, expomos uma história fantástica acontecida em algum ponto do globo; algo desconhecido ocorrido em uma zona rural de determinada cidade que faz divisa com dois estados de um país tropical das Américas. Um grandioso evento, ou melhor, inúmeros eventos ocorreram tendo sequências muito bem detalhadas de espacialidades em suas temporalidades específicas; esse é o teor (sabor) de nosso texto. Podemos, então, formular mais um questionamento: o que esse diálogo nos ofereceu ao nos convidar para uma experiência com as categorias geográficas?

### **Das categorias geográficas**

#### **Lugar**

O laço afetivo desta categoria geográfica é a ligação permanente com sua porção no mundo: a fazenda, a propriedade que é da família da personagem principal, e que fica localizada na divisa dos estados brasileiros de Minas Gerais e São Paulo. A escala de análise pode aumentar ainda mais, porque Villas Boas vive em sua casinha, que é sua porçãozinha localizada em algum ponto da fazenda, desfrutando de sua intimidade, sua toca. Todos temos nossa toca onde nos refugiamos e nos escondemos do próprio mundo. É ali, naquele perímetro (toda a porção de terra circundada pelas cercas de arame farpado), onde ocorrem todos os fatos narrados. De fato, no texto a narrativa só ocorre por meio de lembranças. A sala clínica, localizada numa cidade estranha para Villas Boas, era um local que também era estranho a ele. Ali, ele recebeu as temporalidades de ser e estar no mundo acompanhado de objetos em sua volta que acabaram por gerar *acontecimentos*. A sala era apenas um vetor de ligação espacial de tempo.

## Região

Em nossa reflexão, a região, como é colocada na máquina textual, é entendida de duas maneiras. Uma é que compete ao seu grau macro que engloba os dois estados, a fazenda e a cidade com suas particularidades paisagística. A segunda, é a da concepção internalizada das ideias particulares do indivíduo; suas memórias e lembranças são entendidas em compreensão figurada, dado que a primeira é no sentido literal: região física e região mental. O primeiro entendimento é territorial e se lança na conceituação de um espaço físico abrangente. Já, o outro, faz parte do debate filosófico como pensado por Gaston Bachelard na *Poética do Espaço*.

## Paisagem

Esta talvez seja a categoria mais problemática de nossa análise. Apesar disso, não apostamos em algo forçoso tentando, a qualquer custo, “achar ouro em formações geológicas improváveis”, porque conseguimos sentir sua presença na máquina textual em três momentos: [1] a descrição física da fazenda que contém campos extensos e muitas plantações, o panorama de trabalho e a descrição familiar e empregados; [2] a contemplação do céu e das estrelas; e [3] o objeto que furava as camadas e que estava logo ali adiante, pairando no céu, depois na terra arada, e no qual, agora, fora forçado a entrar. Todos esses índices podem ser inclusos como elementos observáveis da estrutura paisagística (paisagem percebida). É claro que podemos confundir com o trabalho geral de análise, uma vez que há uma descrição minuciosa na máquina de fala da personagem central. Talvez nessa categoria possamos resolver o problema das frases que descrevem os corpos alienígenas, tanto os sujeitos com uniforme como a garota com a qual se relacionou intimamente. Os trajes alienígenas se apresentavam bastante modernos: “Uma observação importante é que os alienígenas evoluíram junto com seus barcos voadores, que ao longo do tempo tiveram aspectos cada vez mais modernos e dinâmicos”<sup>59</sup> (Petrescu *et al.*, 2017, p. 84).

---

<sup>59</sup> Em inglês: “An important observation is that aliens have evolved along with their flying boats, which over time have had more and more modern and dynamic aspects.”

O detalhamento físico dos corpos com suas peculiaridades também pode ser considerado componentes da paisagem observável.

### **Território**

Aqui tentamos entender o território e as categorias subsequentes se assim podemos dizer, num âmbito mais filosófico, de uma maneira que deixe de lado momentaneamente os modos primitivos de entendimento e as configurações físico-sociais de poder. Isso seria de entendimento muito mais fácil com um exemplo: Villas Boas era um dos proprietários das terras de sua família e certamente mantinha enormes extensões de cercas que demarcavam o perímetro de sua propriedade, isso num caso forçado para o tema de território, mas que, sem sombra de dúvida é muito bom e coliga com a situação dele.

Temos ainda o território e a territorialidade. Partindo do patamar econômico e do vínculo empregatício, Villas Boas, dono considerável de terras e maquinário, patrão com alguns colaboradores, trazia consigo um primeiro indicador da palavra poder como categoria conceitual. Mas o território explicitamente visualizado/almejado no texto tem a sua iniciação no momento em que as duas estratificações opostas se chocam: Villas Boas tinha em cima de sua cabeça, há cinquenta metros, uma máquina extraordinária. Eram essas as estratificações: humano em seu território, atuando em suas ocasiões diárias versus um elemento invasor e assustador na camada que segura o gás oxigênio. Mas a categoria variava de escala e de valor, o que é absolutamente normal. Na máquina textual e, mais especificamente na máquina de fala de Villas Boas, ocorreu uma interposição de força que pode ser entendida como poder, mesmo que não sejam sinônimos, pois Villas Boas fora levado coagido para dentro do território alienígena: a máquina espetacular rompeu sua territorialidade trazendo um território invasor dentro do território dos homens.

### **Territorialização, desterritorialização e reterritorialização**

A máquina espetacular fora um confronto de uma organização “social” alienígena muito bem equipada e aparelhada, uma espécie de massa inteligente muito bem desenvolvida tecnologicamente. Ela encontrava-se desterritorializada

de seu domínio espacial, de sua terra pátria, seu mundo, explorando territórios novos e situações novas, sobrepondo-se sobre uma unidade humana, extraíndo-o de sua territorialidade terráquea, incorporando-o em sua territorialização invasora. Mas, quanto à territorialização primária da organização alienígena, não se tem notícia, não se sabe de onde vem, nem qual é o planeta de procedência! Aqui, não se resolverá isso.

Essas categorizações mais filosóficas ainda arrastam as palavras poder e soberania. Ao que se sabia, a soberania era somente dos humanos. Depois de Villas Boas, a linha de tempo dos registros da humanidade mudou, mesmo que isso só tenha acontecido em sua cabeça, e o relato registrado por von Bullar seja fantasia, coisa inventada.

O que nos chama a atenção diz respeito a uma certa irregularidade de pensamentos. De fato, Villas Boas estava sem seu lugar, sem um ponto terrestre atravessado tanto de sentimentos de pertencimentos pelo sujeito como variantes de poder econômico e trabalhista. Ele foi retirado de sua territorialização, que era o seu lugar, porque essa proporção, numa escala global, fora invadida por outra estratificação. Lugar e poder têm os mesmos parâmetros e se embaraçam aqui. Esse tipo de perturbação conceitual tem de ser repensado pela ciência.

As desterritorializações e reterritorializações voluntárias se deram quando o humano correu atrás da luz desconhecida naquela noite com seu irmão e no momento do abandono do trator. O personagem desterritorializou e reterritorializou forçadamente e, depois, reterritorializou em seu território primário.

### **Espaço e espacialidade**

A grande categoria que dialogamos em nosso programa é o espaço com suas demarcações e suas durações temporais. Claramente, nossas negociações (diálogos) são corroboradas com a saudosa Doren Massay, geógrafa britânica em parceria com Milton Keynes.

O argumento é que, para a conceitualização de espaço/espacialidade, é crucial o reconhecimento de sua relação essencial com e de sua constituição através da coexistência da(s) diferença(s) - a multiplicidade, sua habilidade em incorporar a coexistência de trajetórias relativamente independentes. Trata-se de uma proposta para reconhecer o espaço como a esfera do encontro, ou não, dessas trajetórias - onde elas coexistem, afetam uma a outra, lutam. O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não-entrelaçamentos de relações, desde o **inimaginavelmente cósmico** até o intimamente pequeno (Massey; Keynes, 2004, p. 17, ênfase nossa).

Analogias de coexistências de trajetórias afetando uma a outra, se perpassando lá do infinitamente cósmico até a redução reservada das relações do abrigo íntimo contra a externalidade. Claramente não há como encaixar medições matemáticas para amparar as questões de escala no que se refere a conceitualização de espaço. Mas podemos refletir as distâncias.

A teoria da relatividade diz que nada pode viajar mais rápido que a velocidade da luz (300.000 quilômetros por segundo). Velocidades mais baixas impõem uma restrição temporal à visitação de ETs: a 0,001 por cento da velocidade da luz, ou 66.960 milhas por hora - já muito além das capacidades humanas atuais - seriam necessários 4.500 anos terrestres para os ETs chegarem da estrela mais próxima. Velocidades mais elevadas, por sua vez, impõem uma restrição de custos e de energia: para se aproximar da velocidade da luz, uma nave espacial precisaria utilizar mais energia do que a que é atualmente consumida num ano inteiro na Terra. As restrições físicas às viagens interestelares são frequentemente vistas como a razão última para rejeitar a ETH [ET hypothesis (hipótese dos ETs)], mas serão elas decisivas? Simulações de computador sugerem que mesmo a velocidades bem abaixo da luz, as frentes de onda de colonização de qualquer civilização ET em expansão deveriam ter alcançado a Terra há muito tempo. Há quanto tempo depende das suposições feitas, mas mesmo as pessimistas resultam em encontros de ETs com a Terra dentro de 100 milhões de anos, apenas um pontinho em termos cósmicos<sup>60</sup> (Wendt; Duvall, 2008, p. 616, tradução nossa).

---

<sup>60</sup> Em inglês: “Relativity theory says nothing can travel faster than the speed of light (186,000 miles per second). Lower speeds impose a temporal constraint on ET visitation: at .001 percent of light speed, or 66,960 miles per hour—already far beyond current human capabilities—it would take 4,500 Earth years for ETs to arrive from the nearest star. Higher speeds, in turn, impose a cost and energy constraint: to approximate light speed a spaceship would need to use more energy than is presently consumed in an entire year on Earth. Physical constraints on inter-stellar travel are often seen as the ultimate reason to reject the ETH, but are they decisive? Computer simulations suggest that even at speeds well below light the colonization wave-fronts of any expanding ET civilizations should have reached Earth long ago. How long

Os cientistas envolvidos em regulações matemáticas e físicas praticamente anulam qualquer possibilidade de visitação de vida alienígena na Terra devido as distâncias. A estrela mais próxima a nós, da qual faria parte algum planeta com vida inteligente está a 4.550 anos, se viajando na velocidade da luz, fenômeno praticamente impossível para seres humanos.

Alguém pode saber há quanto tempo uma vida extraterrestre inteligente de outro ponto do universo já está explorando o infinito do espaço cósmico? Os cientistas desconsideram o fator temporal da vida pulsando em outro ponto do universo: “Mas se os humanos estão imaginando apenas 300 anos da nossa revolução científica, o que poderão os ETs a 3.000 anos, e muito menos a 3.000.000, da sua revolução científica estarão imaginando?”<sup>61</sup> (Wendt; Duvall, 2008, p. 616-617, tradução nossa).

Há muita coisa que ainda não se pode explicar. O que os nossos cientistas consideram são as leis terrestres e a física atestada por nós, mas devemos levar em conta as diferenças, a política da diferença. Isso faz com que reconheçamos os outros, mas nem sabemos quem são estes outros.

“[...] um verdadeiro reconhecimento "político" da diferença deve entendê-la como algo mais do que um lugar numa sequência; de que um reconhecimento mais completo da diferença deveria reconhecer a contemporaneidade da diferença, reconhecer que os "outros" realmente existentes podem não estar apenas nos seguindo, mas ter suas próprias histórias para contar. Neste sentido, seria concedido ao outro, ao diferente, pelo menos um determinado grau de autonomia. Seria concedida pelo menos a possibilidade de trajetórias relativamente autônomas. Em outras palavras, isto levaria em consideração a possibilidade da co-existência [sic] de uma multiplicidade de histórias” (Massey; Keynes, 2004, p. 15).

É claro que, quando Doreen Massey Milton Keynes querem levar para outro patamar o reconhecimento do outro, não estão falando de alienígenas, mas, sim, o reconhecimento de sujeitos e povos que tiveram suas histórias abafadas por imposição do poder do colonialismo e de tantas outras formas de dominação. Devemos pensar nessa gama de multiplicidades, tanto dos

---

*ago depends on what assumptions are made, but even pessimistic ones yield ET encounters with Earth within 100 million years, barely a blip in cosmic terms.”*

<sup>61</sup> Em inglês: “*But if humans are imagining them just 300 years from our scientific revolution, what might ETs 3,000 years, much less 3,000,000, from theirs be imagining?*”



indivíduos de nosso planeta como também daquilo que não se pode explicar. Justamente por isso é necessário o reconhecimento do espaço como algo instável e permeado de redefinições e reimaginações.

O espaço é então relacional; é fungível e nunca estático; é contraditório - ao mesmo tempo instável e capaz de uma estabilização irreprimível; é produto de conflito; é inerentemente político e poderoso, por um lado, e capaz de inúmeras redefinições e reimaginações, por outro<sup>62</sup> (Kobayashi, 2016, p. 1, tradução nossa).

O espaço é a grande categoria evocada em nosso estudo geográfico sobre um texto singular que explana um evento espacial único e extraordinário. O espaço é mais que um lugar físico, uma localização na superfície terrestre, ainda que abarque isso. O espaço, sob a perspectiva dessa nova política, tem como função principal a de reconhecer que outros sujeitos existem e estão vivendo suas próprias histórias, e estão praticamente desligados das grandes estratificações que movem a grande maioria dos grupos humanos. Esses sujeitos vivem o mundo sob sua própria lógica, num patamar de uma cosmologia local que os estudos geográficos, com grandes parâmetros de análise, deixam de enxergar.

“[...] para que haja histórias múltiplas, co-existentes [sic], deve existir espaço. Em outras palavras: o pleno entendimento da espacialidade envolve o reconhecimento de que há mais de uma história se passando no mundo e que essas histórias têm, pelo menos, uma relativa autonomia” (Massey; Keynes, 2004, p. 15).

Pensar nessa nova política do espaço que se aproxima de uma filosofia da ciência é reconhecer que grupos humanos ou indivíduos engolfados em suas próprias trajetórias existem e evidenciam que há outras maneiras de povoar o mundo. Existem outras histórias autônomas em várias partes. O espaço, nessa nova ordem de pensamento, quer demonstrar que existem multiplicidades em volta do globo. Isso é reconhecer a espacialidade e eventos que fogem à nossa compreensão.

---

<sup>62</sup> Em inglês: “Space then is relational; it is fungible and never static; it is contradictory - both unstable and capable of irrepressible stabilization; it is a product of conflict; it is inherently political and powerful on the one hand, and capable of myriad redefinitions and reimaginings on the other.”

E mesmo que isso só tenha se passado na cabeça de Villas Boas, e depois, ele mesmo, o médico, o jornalista, eu e você que estamos lendo isso agora, todos nós passamos por um evento espacial. Em primeira instância, o evento espacial no caso de Villas Boas, do médico e do jornalista, deve ser entendido dessa maneira cada um ao seu tempo: “[...] algo que acontece na intersecção de agentes e situações dispersas no tempo e no espaço, tanto humanos como não-humanos, ausentes e presentes<sup>63</sup>” (Hones, 2008, p. 1301, tradução nossa).

Como leitor e escritor, você e eu, estamos atualmente compartilhando um momento de interação espacial baseada em texto, um evento geográfico. Estamos engajados à distância, participando de uma improvisação que reúne uma ampla gama de pessoas, lugares, tempos, contextos, redes e comunidades. A forma como o nosso evento espacial se desenrolará é ao mesmo tempo imprevisível e única: está emergindo neste momento da mistura das minhas intenções e hábitos na escrita e dos seus propósitos e hábitos na leitura<sup>64</sup> (HONES, 2008, p. 1301, tradução nossa).

O primeiro evento espacial a ser considerado é o evento espacial extraordinário vivido pelo sujeito principal de nossas especulações. Depois, o evento espacial dos três atores sociais na sala clínica no Rio de Janeiro há tantos anos. Após, a pesquisa e o registro do autor do livro utilizado como texto-base, von Buttlar. Na sequência, realizamos a leitura do mesmo a fim de conectar as noções de espacialidade para a confecção deste livro a ser lido e analisado pelo leitor acadêmico ou não. O evento espacial é o que assegura, em muito, a nossa condição geográfica.

Dissemos no início de nossas considerações que, talvez, não existisse aproximação da Geografia com a ufologia. Aparentemente, porém, eu estava errado. No artigo “*Localization of Geospatial Events and Hoax Prediction in the UFO Database*” (2019), os pesquisadores Harish Krishnamurthy, Anna Lafontant

---

<sup>63</sup> Em inglês: “[...] something which happens at the intersection of agents and situations scattered across time and space, both human and non-human, absent and present.”

<sup>64</sup> Em inglês: “As reader and writer, you and I, we are currently sharing a moment of text-based spatial interaction, a geographical event. We are engaged across distance, participating in an improvisation that is bringing together a broad array of people, places, times, contexts, networks, and communities. The way in which our spatial event will unfold is both unpredictable and unique: it is emerging at this moment out of the mixing together of my intentions and habits in writing and your purposes and habits in reading.”

e Ren Yi realizaram a análise de um banco de dados de relatórios registrados na *National UFO Report Center* (NUFORC), onde relataram eventos nos EUA. O objetivo destes pesquisadores é realizar análises para localizar séries temporais de eventos geoespaciais e correlacionar com eventos conhecidos em tempo real. No caso, não é questionado um evento espacial, e sim, vários. O trabalho de georreferenciamento, que é a indicação de coordenadas geográficas, localiza qualquer coisa no espaço. Trata-se, portanto de um evento espacial.

### Sobre máquinas

Há muitas questões envolvidas aqui quando nos referimos a máquinas. O entendimento sobre máquina é variado e passa por dimensões abstratas e legítimas. Tentaremos explicar melhor:

- *Máquina textual.* Todo o texto do capítulo do livro, “O contato fantástico” vivido por Antônio Villas Boas, é uma máquina, porque a sua estrutura contém peças que não se desligam umas das outras e que se escoram nelas mesmas, formando um item de unidade. Entretanto, essas peças, por si só, contêm outras máquinas: [1] a máquina de fala do autor do livro, que aparece no início e no final do texto, sendo um tipo de guia de preparação em seu começo e, depois, algo perto de conclusivo no momento final; [2] a máquina de fala da personagem principal, que é o discurso central dos acontecimentos vividos, e que é direcionado para a Geografia atestada com as suas experiências; e [3] a máquina de fala do médico, revelada nos momentos que antecederam as partes finais com seus laudos específicos e técnicos da área de medicina e na sua pequena entrevista, em seu diálogo com o autor do livro.
- *Máquinas aparelhos.* Essas máquinas são a substância do texto (assunto), em sua maioria. A fala do sujeito principal evoca, em seu discurso, duas máquinas (aparelhos): [1] o aparelho fabricado pelos humanos, que é participante da vida agrícola moderna: foi fabricado em tal ano, funciona a óleo diesel, e é combinado com uma parte elétrica, tudo muito normal; e [2] o aparelho fantástico que surge lá do infinito cósmico e, em questão de segundos, está a mais ou menos cinquenta metros sobre o aparelho agrícola onde se encontra o ser humano escolhido. Villas Boas penetra nele forçadamente e, quando o

corpo já estava mais à vontade, depois de suas experiências, foi convidado a explorar e seus funcionamentos. Essa máquina é o microterritório invasor no território dos humanos.

- *Máquinas sociais.* São as estratificações máximas do texto. De um lado, a organização social alienígena que contava com pelo menos cinco indivíduos visitantes (invasores). Por outro, a máquina social terráquea, onde Villas Boas representou os humanos. Mas, no caso, ele não esteve só, porque morava na fazenda com sua família.

Então, cabe perguntar: por que todas essas três categorias de máquinas eram máquinas? Porque, se nos atermos a cada especificação que detalhamos para justificar que tratavam-se de máquinas, constataremos que elas eram constituídas de vários componentes (peças).

O texto, a máquina geral, tem três peças centrais, que são as *máquinas de fala*, que são constituídas por outras peças específicas. A máquina de fala do autor tem os componentes de introdução, desenvolvimento e fechamento que fazem a mediação do texto. A máquina de fala da personagem central tem outras muitas peças de funcionamento que apresentam primeiramente a visão geral de sua vida e a localização geográfica dela; depois, é desenvolvida a história em si, do começo ao fim; por último, são apresentadas suas considerações a respeito do caso, seu juízo de valor e descrição detalhada de algo que veio a pensar depois, fora do momento vivido. A máquina de fala do médico possui as peças de laudo e, depois, a fala da entrevista-diálogo.

As máquinas humanas e alienígenas são aparelhos que contém milhares de peças, mas não podem se comparar em suas estratificações.

Obviamente, se hoje não podemos criar e construir aceleradores de partículas de desempenho, nem mesmo estacionários, as naves deste tipo não eram terrestres, tanto mais que podiam ser vistas desde a antiguidade, ou seja, quando o homem ainda não sabia voar<sup>65</sup> (Petrescu *et al.*, 2017, p. 84, tradução nossa).

---

<sup>65</sup> Em inglês: “Obviously, if today we can’t create and build performance particles accelerators, not even stationary, the ships of this kind were not terrestrial, the more that they could be seen from ancient times, that is when man still did not know how to fly.”

As *máquinas sociais*, com suas estratificações díspares têm outras milhares de peças. No caso Villas Boas, ele é representante dos bilhões de terráqueos, uma peça de bilhões. No caso alienígena, eles são cinco peças funcionando em conjunto e certamente representantes de um povo com “N” indivíduos. Essa argumentação detalhada é basicamente nosso mapa geográfico.

O geoxame foi um exercício intelectual que colocou esforços num texto intrigante para a comunidade científica da Geografia e para toda sociedade. Apesar da sinceridade do narrador principal deixar claro que viveu essa geografia na pele e no ato dos dias evocados, não temos garantia alguma. Eu, enquanto geógrafo e analista de textos literários, há muito tempo queria ousar, dialogar com um texto fora do ambiente da arte, com um texto participante de um mundo diferente. Mais que isso, meu desejo era aproximar meu conhecimento geográfico, como representante das ciências humanas, e estabelecer um vínculo entre a Geografia e a ufologia. O livro de von Buller, que estava perdido nos corredores de uma universidade pública, satisfez bem esse propósito.

Parece, entretanto, que nem tudo no texto tem uma dimensão espacial. Por isso os geógrafos escolhem muito bem as partículas textuais que vão fazer parte de seu próprio texto.

Agora conectaremos outra geografia que foge aos textos, mas que, de alguma maneira, se liga ao todo do contexto ufológico.

## CAPÍTULO 5

### **Geografias Concretas: Zigurats a cidade alienígena**

Mas não fomos sempre espaciais? (Soja, 2013, p. 141).

Quando interpretamos e classificamos um determinado grupo humano ou seus sistemas culturais, encimentamos totens conceituais, definimos estruturas complexas, nomeamos suas coisas, suas conexões, rupturas vividas, descontinuidades experimentadas, efeitos sofridos, fenômenos soerguidos e ocultos, enfim, de tudo isso, abrimos as caixas dos nomes, das palavras que supomos compor ou decompor a vida. Literalmente, nos ocupamos de descrever fenômenos biológicos, sociais, políticos, culturais, econômicos, psíquicos, químicos, físicos, entre outros, sempre pela via da linguagem, do discurso, para fazer florescer a “verdade sobre a coisa”, dantes sombras e semblantes da natureza. Nas ciências dos grupos humanos, ou seja, em todas as ciências, aprisionamos o feitiço da vida da forma mais estranha e abismal possível. Escrituramos as estruturas e nomeamos esse esquisito processo de ciência! (Marques, 2012, p. 11).

Tudo o que fora escrito até agora foi voltado para o texto. Um geógrafo analista de poesia, espacialmente invade o território do texto; a experimentação foi para a geografia do textual (*geografia textual* ou *geografia do texto*). Mesmo em se tratando da execução de um trabalhado sério, que circula nos debates científicos, nessa particular condição de geografia e texto, há aspectos que merecem ser melhor discutidos. Dizemos isso pois estamos diante de uma produção do espaço que está se fazendo no interior do Brasil e que está flutuando sob égide de todo aparato da condição dos OVNIs.

O fenômeno OVNI tem tomado conta das pautas de contendas nos círculos cotidianos. Porém, a ciência, em função de sua necessidade de lidar com comprovações, testes, metodologias e recortes empíricos, pouca importância tem dado ao fenômeno. Isso pode ser entendido como um tipo anomalia e, mesmo, um abalo no quadro consistente da ciência. No entanto, todo o aparato do fenômeno OVNI tem movimentado a humanidade em proporções reais físicas. A condição espetacular dos extraterrestres tem configurado *a produção do espaço*<sup>66</sup>: “Qualquer que seja o outro estatuto ontológico que tenham, os OVNI existem como fatos sociais: isto é, existem na medida em que as pessoas pensam sobre eles, comunicam com eles, agem por referência a eles<sup>67</sup>” (Cook, 2007, p. 3).

De fato, a última sentença corrobora com as nossas premissas, e tentaremos correlacionar isso com uma geografia concreta, que tem se manifestado há um bom tempo. Procuraremos demonstrar tal conjuntura de formas mais científicas, se assim podemos dizer. Nossa meta é investigar o que esse aparato de informações, cosmologias, relatos, avistamentos, e tudo o mais que pode estar ligado ao fenômeno OVNI, possa ter causado alterações no espaço, ou seja, “geografias” no mundo “real”.

Das inúmeras situações que tem modificado o espaço, vamos nos ater a uma situação apenas, uma que gerou uma produção do espaço e que tem, de certa forma, povoado o imaginário popular.

Pelos meados de 2010, eis que surge uma figura, o *ET Bilu*<sup>68</sup>, que foi entrevistado por um programa de TV, o *Domingo Espetacular*. O programa

---

<sup>66</sup> *A produção do espaço* é um livro de Henri Lefebvre lançado em 1974. Em seu programa teórico, Lefebvre quer expor de forma sistemática as contradições e conflitos das relações capitalistas na estrutura social. Em nosso experimento, não estamos associando a teoria de Henri Lefebvre com a nossa proposta de dialógica entre Geografia e ufologia. Apenas gostaríamos de demonstrar que há mais coisas “flutuando” do que a mera condição capitalista.

<sup>67</sup> Em inglês: “Whatever other ontological status they have, UFOs exist as social facts: that is, they exist insofar as people think about them, communicate with them, act by reference to them.”

<sup>68</sup> O projeto portal que depois mudou seu nome para Ecosistema Dakila é uma associação que desenvolve pesquisas e experiências nas ditas ciências paralelas. Essa associação promoveu uma força desterritorializadora de sentidos orgânicos que dificilmente podem ser comparadas a algo na normatização das regras sociais onde “[...] se destaca o misticismo “Bilu” ou como ficou conhecido por ser o lar de um suposto alienígena adolescente, iniciado a partir de uma experiência descrita pela associação do movimento criado pelo senhor chamado Urandir Fernandes de Oliveira” (Dilkin *et al.*, 2022, p. 6).

apresentou uma entrevista com um homem que afirmou ter tido contato com o *ET Bilu* e discutiu a possibilidade de vida extraterrestre. Desde então, o *ET Bilu* se tornou um fenômeno cultural no Brasil e tem sido objeto de muitas discussões e paródias na mídia. Em 10 de outubro de 2010, o suposto ET diz apenas que apareceu para buscar conhecimento. Isso já foi bastante comentado nas redes e virou até piada.

Desde então, o tema é recorrente na cultura pop, alimenta teorias conspiratórias e foi responsável por estimular o surgimento dos ufólogos, pesquisadores autodidatas que dizem tentar desvendar o fenômeno. Por outro lado, OVNIs e ETs passaram a fazer parte do repertório religioso de determinados movimentos, bem como da espiritualidade fluida e reflexivista da Nova Era (Campanha *et al.*, 2018, p. 1.049).

O citado ET foi divulgado por um grupo que se afirma científico:

O grupo é uma iniciativa que repetidamente se alega científica e orientada por alienígenas. Liderados por um contatado, seus membros se definem como “um grupo de pesquisadores e cientistas, atuando em diversas áreas do conhecimento” (Martins, 2015, p. 222).

As primeiras perguntas geográficas decorrentes dessa situação são: Onde estão *enraizadas* essas ocorrências? Onde é afirmado que há contatos com seres extraterrenos? Outra pergunta geográfica: Quais são as condições experienciais que conduzem a alma do novo *lugar*?

O *ET Bilu* e a ordem cosmológica de OVNIs estão situados no Mato Grosso do Sul, onde um grupo citado por Martins (2015) diz entrar em contato com as situações extraterrestres

[...] o primeiro grupo se organiza em uma sede principal, em forma de comunidade em uma área rural em Mato Grosso do Sul, e diversas filiais hierarquizadas em capitais brasileiras. Suas atividades se centram em pretensos contatos com extraterrestres e suas naves espaciais, além de orientação e desenvolvimento “espiritual” (Martins, 2014, p. 335).

Toda a força motriz das imagens e da mídia era para promover o *Projeto Portal*, que se transmutou mais tarde em *Associação Dakila* ou *Ecosistema Dakila*<sup>69</sup>. Isso permitiu o início da configuração de Zigurats, uma pequena

---

<sup>69</sup> O Ecosistema Dakila foi criado em 2021. No site <https://www.dakila.com.br/ecossistema-dakila/> há a seguinte informação: “o Ecosistema Dakila serve de ‘guarda-chuva teórico’ para



povoação erguida no município de Corguinho no interior de Mato Grosso do Sul: “O município de Corguinho está localizado em Mato Grosso do Sul, distante da capital do estado 98 Km [sic]. Trata-se de um município com área de 2.648,5 Km [sic]” (Leonel, 2002, p. 38). A população de Corguinho foi estimada em 4.783 pessoas, segundo o Censo 2022 do IBGE. O Projeto Portal dá nome à fazenda e virou um espaço de atração de indivíduos com vários objetivos.

Fazenda Projeto Portal (19° 55' 31.4”S; 55° 10' 30.2”W), situada aos pés da Serra de Maracaju. Dista cerca de 40 Km [sic] da sede do município e o acesso é feito por estrada de terra. Desde sua fundação, em 1997, a Fazenda Projeto Portal tem atraído pesquisadores e entusiastas do Brasil e do exterior, que nutrem interesse por estudos relacionados à evolução mental, às ciências paralelas e, sobretudo, à ufologia e à paranormalidade (Lima; Silva, 2020, p. 9).

A descrição apresentada nos traz dados geográficos e informações que confirmam as nossas hipóteses. Mesclando condições de paranormalidade, evolução mental, ciências paralelas (*pseudociências*) e, principalmente, a ufologia, esse espaço da superfície terrestre, dado por coordenadas geográficas e que foi tomado por uma miscelânea de circunstâncias apropriadas de forma individual que não se ligam em seus interesses, é tido como um campo de força gravitacional que atrai pessoas que se interessem por algumas das situações oferecidas pelo lugar, a partir da formalização de um grupo místico/científico.

O que constatamos, no entanto, é que houve coação por parte do grupo que acabou por criar um mito sob a alegação de que o lugar proporciona contatos com seres extraterrenos. Neste local, pessoas estavam afirmando e se colocando à disposição das mídias para provar que estavam em contato direto com situações inexplicáveis.

O grupo adquiriu fama mais ampla em anos recentes devido a repetidas participações em programas televisivos jornalísticos, de variedades e mesmo humorísticos, em função das aparições frequentes de seu guia extraterrestre. O ser, de feição antropomórfico, foi filmado em matérias televisivas noturnas, semioculto na mata, de onde comumente transmite suas mensagens curtas e entrecortadas para um número cada vez maior de pessoas (Martins, 2015, p. 223).

---

os empreendimentos (Kion, BKC e etc.) que por sua vez servem de facilitadores e indutores da filantropia de Urandir que é realizada através de Ações Cívico Sociais (ACISOS) e da promoção de ensino e pesquisa de altíssimo nível”. Acesso em: 6 jun. 2023.

O idealizador de todo o programa é Urandir Fernandes de Oliveira. Ele está no comando do grupo e, inclusive, alinha uma série de situações que possam destoar.

O Projeto Portal é um grupo OVNI brasileiro fundado por Urandir Fernandes de Oliveira, um suposto paranormal que se tornou muito popular em programas de TV durante a década de 1990 por apresentar seus poderes e habilidades especiais, principalmente a capacidade de entortar garfos telepaticamente. O grupo, sediado em Corguinhos - Mato Grosso do Sul, possui células nas principais capitais brasileiras. Segundo Martins (2016), que não identificou o grupo em seu estudo, mas cuja etnografia nos leva a suspeitar que o que descreve era o Projeto Portal, afirma que o processo para se tornar membro envolve a frequência de cursos locais que terminam com uma visita a uma fazenda em Corguinhos, onde os integrantes têm a oportunidade de ver luzes extraterrestres e até conversar com um suposto ET. A doutrina dos grupos, segundo Martins (2016), baseia-se na suspeita da ciência e do “governo oculto” (2016). O grupo, através de uma aliança com “extraterrestres benevolentes” (Martins, 2016), pretende ajudar os seus membros a “transmutar” (Martins, 2016)<sup>70</sup> (Almeida, 2018, p. 2, tradução nossa).

Leonardo Breno Martins, psicólogo, em sua tese de doutorado “*Na trilha dos alienígenas: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências ufológicas e paranormais*” (2015), passa um tempo com a comunidade de Zigurats onde fora estabelecido o Projeto Portal. Em Zigurats, os moradores afirmavam ter a oportunidade de presenciar situações transcendentais, luzes extraterrestres e conversações com Ets. “Os referidos contatos são normalmente estabelecidos por um líder, que se transforma pelas interações com os extraterrestres e aceita a tarefa de espalhar as suas mensagens aos

---

<sup>70</sup> Em inglês: “Projeto Portal is a Brazilian UFO group founded by Urandir Fernandes de Oliveira, an alleged paranormal who became very popular in T.V shows during the 1990s for presenting his special powers and abilities, particularly the capacity of bending forks telepathically. The group, based in Corguinhos - Mato Grosso do Sul, has cells in the main Brazilian capitals. According to Martins (2016), who did not identified the group in his study, but whose ethnography lead us to suspect that what he describes was Projeto Portal, claims that the process to become a member involve attending local courses which end with a visit to a farm in Corguinhos, where members have the opportunity of see extraterrestrial lights and even talk with an alleged E.T. The groups’s doctrine, according to Martins (2016), is based on a suspicion of science and of “the occult government” (2016). The group, through an alliance with “benevolent extraterrestrials” (Martins, 2016), aims to help their members to “transmutate” (Martins, 2016).”

terrâqueos”<sup>71</sup> (Almeida, 2018, p. 1, tradução nossa). O propósito da comunidade é entrar em contato com seres evoluídos.

[...] grupos se organizam em torno de pessoas conhecidas como “contatados”, que alegam não somente se comunicar com entidades extraterrestres espiritualmente evoluídos, isto é, seres que viriam de outros planetas com intenções benéficas para os habitantes da Terra, mas também receber missões, nas quais se inserem os grupos (Martins, 2014, p. 332).

As experiências do grupo fogem a todo padrão de comportamento social se comparados ao que é estabelecido nos fenômenos sociais cristalizados e eticamente aceitos nas diversas esferas da vida social; por isso se distanciam tanto geográfica como socialmente.

entre todos os contextos investigados, este tem os membros que mais evidenciaram se isolar da macrocultura tanto geográfica quanto simbolicamente. No sentido geográfico, os membros do grupo tendem a se afastar em graus variados dos seus contextos de origem (Martins, 2015, p. 227-228).

Esse distanciamento, tanto geográfico quanto social, se explica pela cosmologia própria do lugar, pois, para efetivarem sua cosmologia interna com poucas dificuldades, é necessário estar longe de toda sociedade. “O desenraizamento e alheamento do sentido cívico e participativo do homem na sua própria sociedade, reflete-se, mais tarde, numa atitude de estrangeirismo dentro da sua própria sociedade” (Barbosa, 2011, p. 11).

Exemplificando brevemente os tipos de experiências ufológicas vividas dentro do grupo, além das aparições, conselhos e sermões noturnos do guia extraterrestre principal semiculto na mata fechada, outros extraterrestres se manifestam também enquanto vozes com timbres incomuns e sem origem visível, pontos de luz fugidios na mata e formas humanas em condições de baixa visibilidade. Naves extraterrestres também são fartamente mencionadas, ora enquanto pontos de luz distantes, ora como veículos de grandes proporções e próximos o suficiente para o reconhecimento de detalhes como janelas e adornos (Martins, 2015, p. 227-228).

---

<sup>71</sup> Em inglês: “The referred contacts are normally established by a leader, who is transformed by the interactions with extraterrestrials and accept the task of spreading their messages to the earthlings. Such is the case of Mrs.”

Essa cosmologia que impregna o lugar (*alma do lugar*) de algo inexplicável, não corresponde com a ordem local e mesmo regional da convenção social. Ela foge à configuração do parâmetro espacial do Mato Grosso do Sul, rearranjando o espaço brutal da natureza para (re)significar o local, preenchendo-o de condições que, talvez, não possam ser explicadas pelos olhos da ciência. É nesse contexto espacial que alguns locais da fazenda Projeto Portal foram designados como transcendentais, ou seja, trata-se de locais tomados por energias inexplicáveis, o que os qualificam como um dos pontos fortes para avistamentos e contatos.

Platô Parte central do morro de Boa Sorte, sendo um mirante natural, onde é considerado “berço energético”, onde se visualizam discos, luzes, bolas de luz, sondas, etc. Ali, ocorrem os contatos caracterizados do terceiro grau em diante. Sendo o ponto de maior energia do local (Leonel, 2002, p. 62).

É nessa condição que a fazenda Projeto Portal se alicerça para a divulgação turística como espaço onde ocorrem pousos de OVNI, uma vez que a área é tomada por uma energia secreta que atrai movimentos transcendentais que dificilmente podem ser explicadas pela ótica de uma realidade social pensada pela ciência e que, no caso, já foram desmascaradas pela mídia. Fora observado, em visitas realizadas pela imprensa ao lugar, que tudo não passa de uma fraude descarada.

O caso do místico Urandir Fernandes de Oliveira, cujas teorias foram desmentidas pela imprensa, mas ainda assim possui inúmeros seguidores que acreditam em extraterrestres e na teoria da “terra convexa”, ilustra o poder das teorias da conspiração em mobilizar as pessoas (Ferreira, 2023, p. 8).

A partir desta afirmação, podemos ter uma clara noção de que, mesmo soando falso<sup>72</sup>, muitos discursos, mesmos desmascarados na frente das câmeras, como o caso do *ET Bilu* da *Associação Dakila*, que está instalada no terreno da Fazenda Projeto Portal, têm o poder de persuadir e atrair pessoas para aquele espaço. Talvez por se tratar de um mito, é que a ciência, com seu corpo teórico-

---

<sup>72</sup> Um dos mais respeitados ufólogos do Brasil, Ademar José Gevaerd (morto em 9 de dezembro de 2022) já desmentiu publicamente Urandir, dizendo que ele alterou um vídeo acessado por mais de oito milhões de pessoas. Foi uma fraude deliberada: “Estas coisas, embora popularizem a ufologia, cheiram mal. Ele disse que desmascarar fraudes é um trabalho importante para os ufólogos: a facilidade de produzir e divulgar vídeos torna difícil separar o que é fabricado do que é simplesmente inexplicável” (<https://www.tall-white-aliens.com/ademar-josegevaerd/>).

metodológico bastante consciencioso e íntegro, não alavanca esforços para qualquer tipo de análise científica que se aproxime da ufologia, salvo algumas linhas de fuga.

Esse contexto todo da inverdade contaminou o espaço. O que não pode se afirmar que é lorota, é a concretização do erguimento de um vilarejo no meio do coração do Brasil nas coordenadas apontadas anteriormente.

Acontece que ali, naquela natureza, no platô da Serra de Maracaju, a sua forma bruta foi tomada por construções não convencionais que estão sob o um novo conceito de arquitetura e urbanismo, que constrói casas com cúpulas redondas. Em Zigurats há hospedaria com restaurantes e locais destinados a palestras e seminários que movem a economia do lugar<sup>73</sup>. A diária, em média, é de 90 reais por pessoa para quem lá vai fazer turismo. Além disso, Zigurats tem impulsionado a economia. Com a chegada dos turistas e moradores, o entorno do local tem alavancando o comércio de frutas e produtos alimentícios alinhados com a sustentabilidade. O lugar oferece quadras para práticas de esportes, trilhas para contemplação da natureza e circuitos planejados. Uma grande estrutura piramidal semelhante à de construções de civilizações antigas como os egípcios e maias foi erguida no terreno para canalizar as energias e para os visitantes sentirem toda a força cósmica do lugar. Outra estrutura semelhante, a ser construída, terá 63 metros de base e 63 metros de altura. A edificação contará com nove andares que abrigarão bibliotecas, salas comerciais, centros de pesquisas e cinemas. Existe uma construção em formato de cúpula, que possui um observatório astronômico equipado com um telescópio que proporciona uma ampliação de 600 vezes.

No terreno de Zigurats, há um número considerável de habitações que foram construídas em cúpulas. Essas casas são de sujeitos que têm condições financeiras de as construir para veraneio e, mesmo, para servir de moradia

---

<sup>73</sup> A cidade Zigurats tem até mesmo uma moeda própria, um sistema financeiro próprio, o Bônus Dourado Mundial (BDM). Esse sistema financeiro nasceu com o objetivo de ser uma alternativa autossustentável para fugir das oscilações do mercado mundial, promover poder de compra e alavancar os empreendimentos do lugar.

permanente. O grande objetivo das significações que foram impostas ao terreno é a construção de um lugar.

O lugar é, assim, experimentado enquanto interior de um mundo vasto e quanto mais pequena [sic] for a interioridade desse mundo, mais facilmente se torna reconhecível e psicologicamente mais segura. Falamos então de lugar fenomenológico, um lugar que só existe pela junção de experiências e pela participação do homem na sua idealização e atribuição de valor (Barbosa, 2011, p. 6).

As arquiteturas incomuns para a região, e mesmo em termos do Estado, traduz a impressão de uma marca para caracterizar o lugar e, conseqüentemente, preencher a alma do território com significados únicos.

Uma situação curiosa diz respeito a que alguns cientistas vêm estudando a argila de Zigurats, como é o caso do físico Diego Colares, da Universidade Federal do Ceará.

Zigurats tem virado um polo de atração. Milhares de pessoas vão à Fazenda Projeto Portal para fazer turismo e ir em busca de conhecimento. A localidade também tem exercido uma atração espacial para a fixação de residências.

Assim, pode-se concluir que havia uma natureza pouco alterada, mas que, agora, foi transformada pela mão do homem com o intuito de estabelecer uma nova realidade espacial no terreno que ateste situações não comprovadas pela ciência. O espaço, em decorrência, se torna um experimento.

Existe, no homem e na sua relação com o mundo e com o espaço, a indissociabilidade entre o espaço e o sentido de apropriação e de limitação definido pelo homem nesse mesmo espaço. É a partir da sua existência, do homem, que este se relaciona com o mundo circundante [sic]. O homem encontra em si, o elemento centralizador de qualquer espaço, centro da sua experimentação com o espaço. Assim, é da relação entre o homem e o mundo exterior, juntamente com os limites do seu próprio corpo que o homem delimita perímetros, áreas, define distâncias, traça relações (Barbosa, 2011, p. 13).

Zigurats foi delimitado por todo aparato dos OVNI's. O investimento nas construções de casas, com modelos de tetos em cúpulas, cria um tipo de exuberância na paisagem, se tomadas como um todo, como pode ser percebido nas imagens. A alma do lugar é contaminada pelo desejo de algo

transcendental, porque é retroalimentada por sujeitos que se infiltram na natureza, no coração de Mato Grosso do Sul (re)significando o espaço.

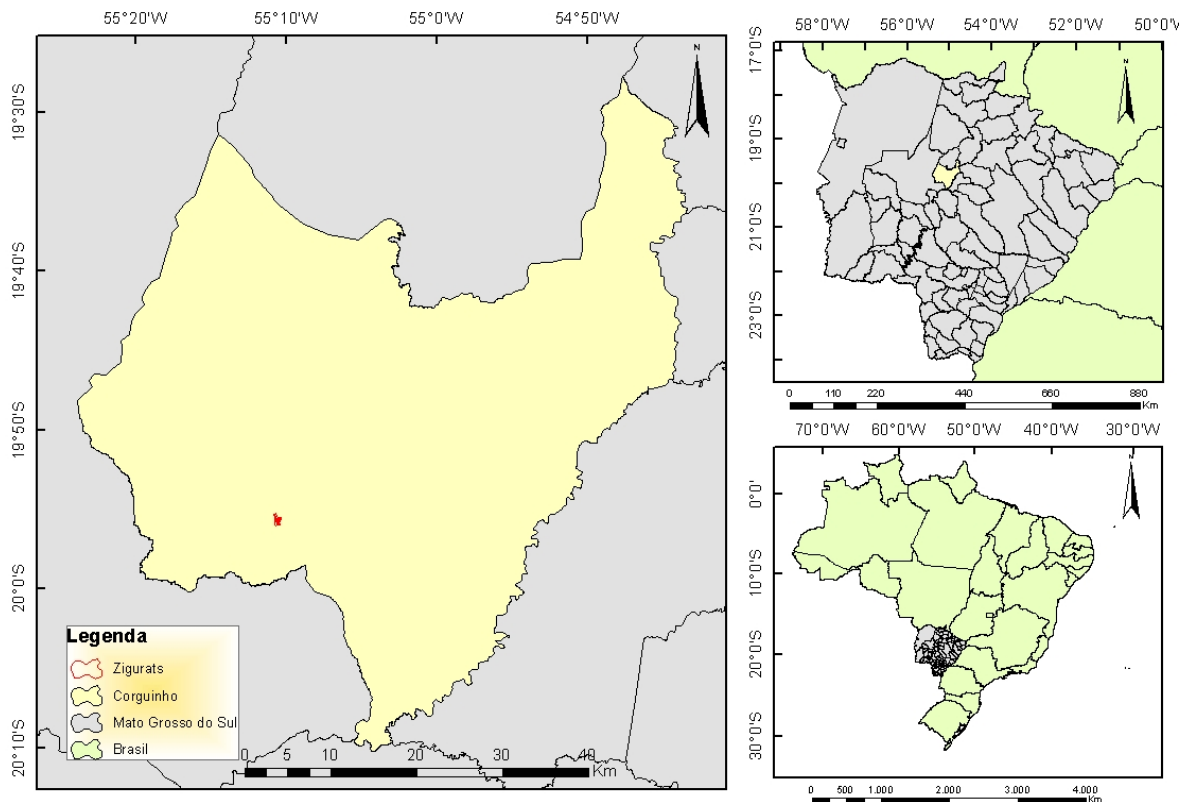
Nossa defesa nesse tipo de pesquisa no interior da geografia, é para demonstrar que os espaços do mundo em suas diferentes configurações são tomados para a produção de pensamentos que se diferenciam do restante da sociedade. Por isso, os grupos que acreditam firmemente em outros seres e fazem sua divulgação, tendem a ficar afastados geograficamente.

## RELATO DE VIAGEM

Resolvemos dar uma conferida na agência espacial ufológica mais de perto. Decidimos fazer uma visita *in loco* para, de fato, perceber o que se passa no território onde a comunidade alega estar em constante contato com seres alienígenas.

Zigurats fica, como já sabemos, localizado na zona rural do município de Corguinho, cravado no coração de Mato Grosso do Sul. Com as competências de geógrafo no interior das ciências humanas, confeccionei um mapa para o leitor melhor perceber a localização do município, e da comunidade de Zigurats (Figura 4).

**Figura 4 - Localização do município de Corguinho e da comunidade de Zigurats.**

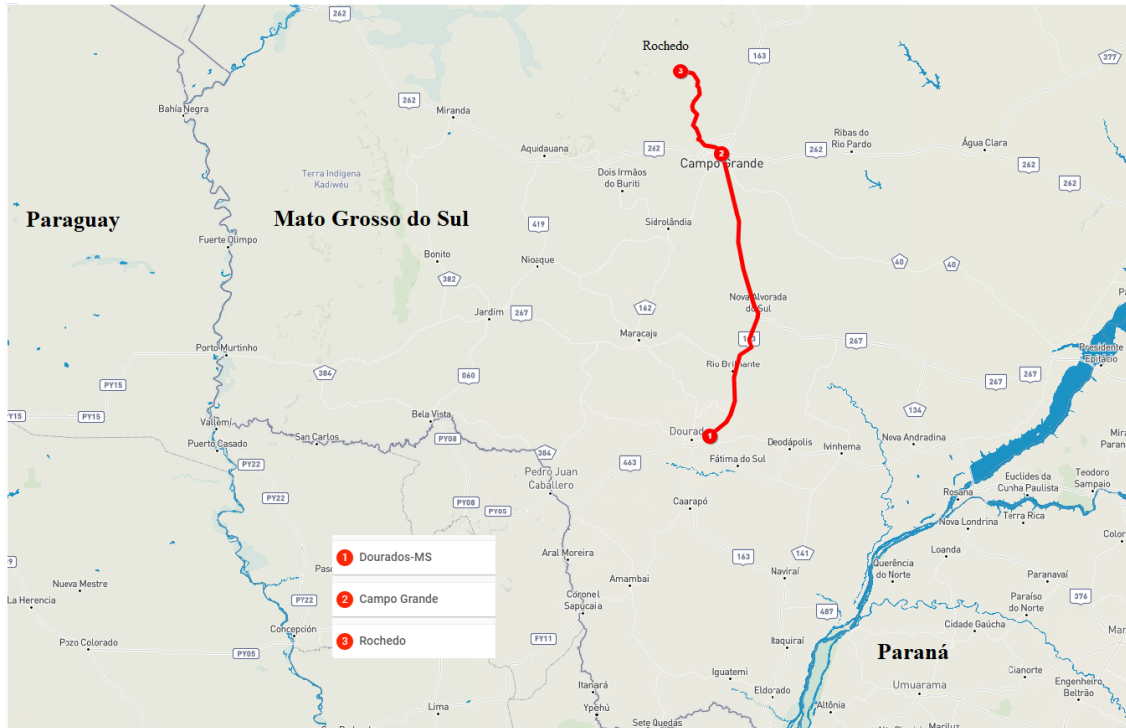


Fonte: Sistemas de Coordenadas UTM. Datum: SIRGAS 2000 Zona 21S. Fonte IBGE 2024.  
Org. Ibanhez, J. C.



Embarcamos numa viagem de carro rumo a Zigurats, saindo da cidade de Dourados no dia 20 de dezembro de 2023. Chegamos por volta das 20 horas na MS 080 na zona rural de Rochedo (Figura 5) que é o município ao lado de Corguinho.

**Figura 5** - Itinerário de viagem (Dourados - Rochedo).



Fonte: ArcGIS Online. Org. Ibanhez, J. C.

Na MS 080, adentrando no município de Corguinho, em uma bifurcação com uma estrada vicinal que dá acesso a Zigurats, encontramos uma placa (Figura 6), que indicava três localidades diferentes e suas quilometragens.

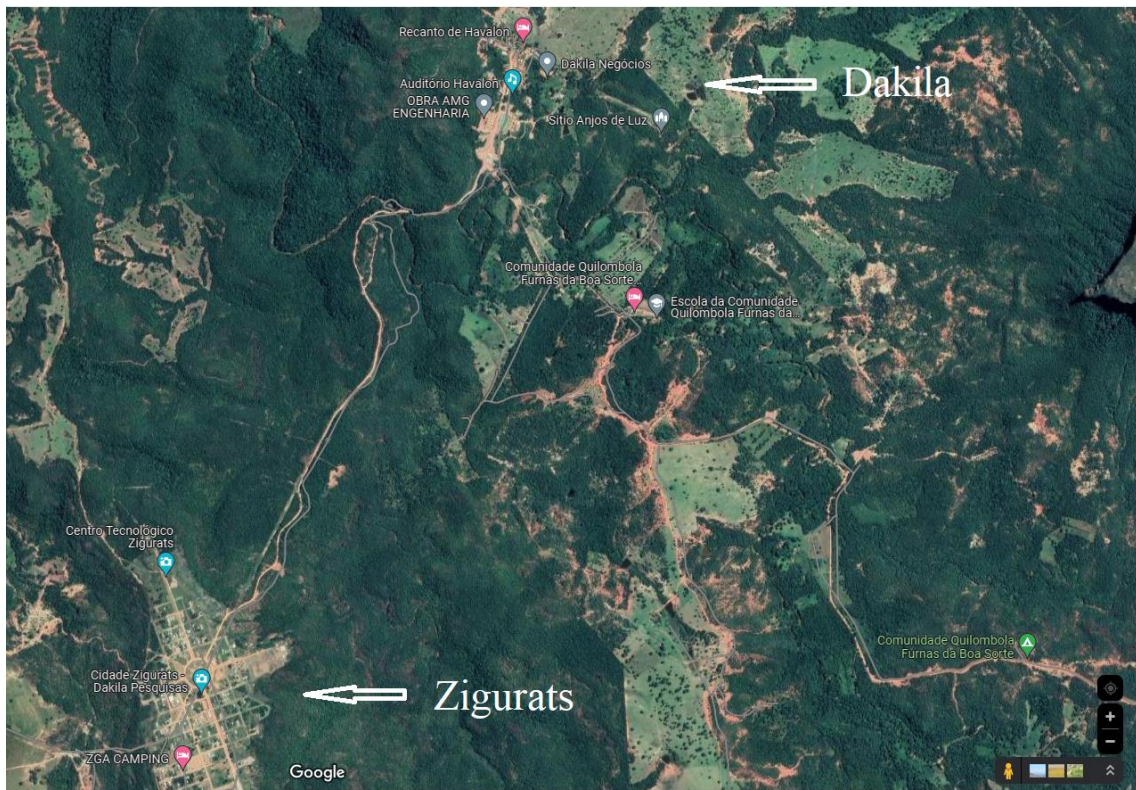
Partindo da visualização dessa placa (Figura 6), compreendemos melhor a distribuição dos espaços. Naquele momento, havíamos achado estranho que Dakila e Zigurats fossem duas situações espaciais diferentes, pois entendíamos ser uma coisa só. Pelos estudos remotos, acessando os artigos e os poucos textos que se referiam à comunidade, ainda não havíamos compreendido que essa situação espacial consistia de dois pontos distintos. Essa distribuição espacial pode ser melhor entendida partindo da visualização da Figura 7.

**Figura 6** - Placa na estrada vicinal nos limites dos municípios de Rochedo e Corguinho.



Fonte: Autoria própria, 2024.

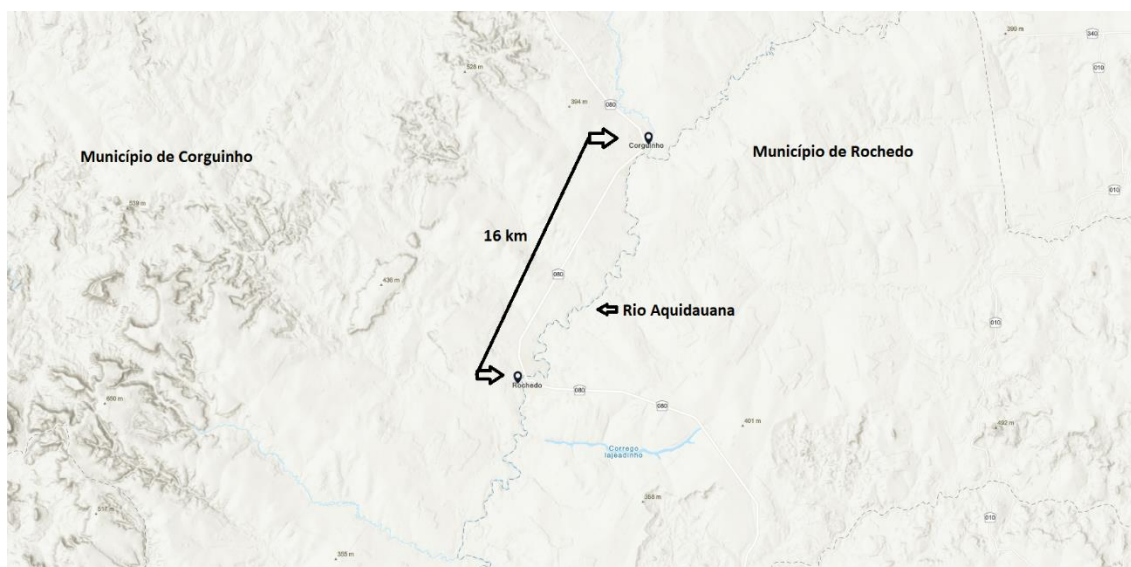
**Figura 7** - Distribuição espacial de Dakila e Zigurats.



Fonte: Google Maps. Org. Ibanhez, J. C.

No meio do caminho, ficamos sabendo que não havia mais vaga para a hospedagem na pousada em Zigurats; então tivemos de retornar e pernoitar em um hotel em Rochedo. As cidades de Corguinho e Rochedo ficam distantes 16 quilômetros, onde a MS 080 faz a ligação das zonas urbanas, como visto na Figura 8. Sob outro ponto de vista, a demarcação dos limites dos municípios com suas zonas rurais, entre Corguinho e Rochedo se dá através do rio Aquidauana (Figura 8).

**Figura 8** - Disposição das cidades e municípios de Corguinho e Rochedo.



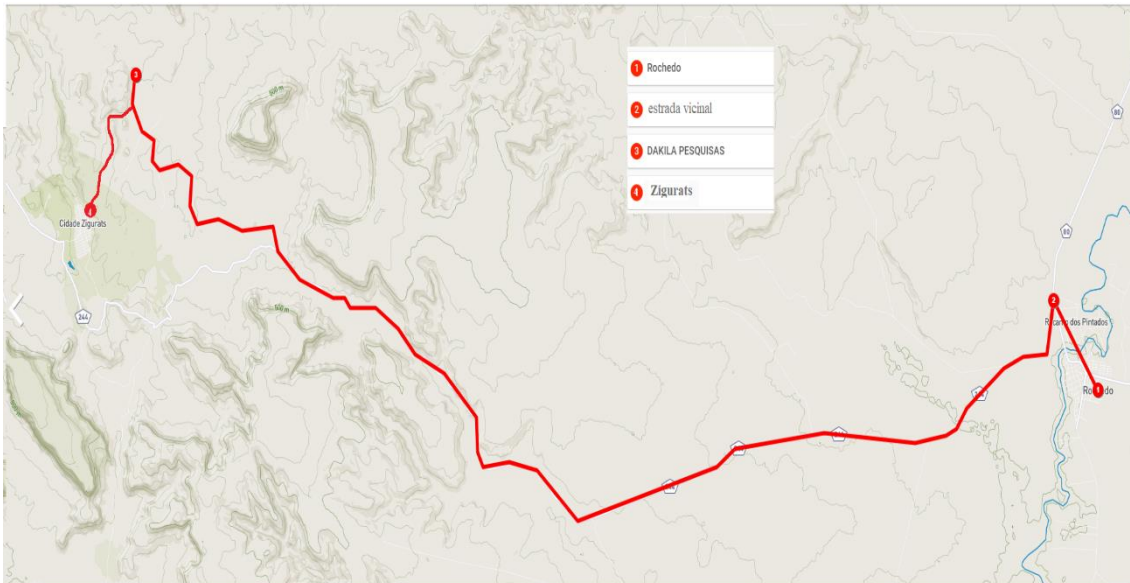
Fonte: ArcGIS Online. Org. Ibanhez, J. C.

No dia 21, por volta das sete da manhã saímos de Rochedo e acessamos a estrada em direção a Dakila e Zigurats. Traçamos uma rota representada na Figura 9. No meio do caminho, havia muitas fazendas onde o pasto predominava e o gado era parte presente na paisagem. Ao aproximarmos-nos da fazenda Projeto Portal, atravessamos os paredões da Serra de Maracaju.

Dakila é o primeiro dos dois pontos para quem chega pela estrada vicinal vindo de Rochedo. É um lugar onde há uma hospedaria, casas com arquiteturas “normais”, chalés, quadras de esporte, e um centro de convenções com um auditório onde o grupo místico se reúne para realizar seus eventos. O espaço também é conhecido como Recanto Havalon. Neste lugar eles oferecem passeios e trilhas, além de pratos típicos da região. Algumas casas redondas com seus telhados arredondados se fazem presente na paisagem desse lugar. Poucos habitantes estavam presentes naquele momento; alguns deles

afirmaram que a região tem muitos segredos, lugares com diferentes frequências energéticas. Nesse local ficamos pouco tempo.

**Figura 9 - Rota de viagem (Rochedo - Zigurats).**



Fonte: ArcGIS Online. Org. Ibanhez, J. C.

Partimos, então, para Zigurats, que é o espaço que tem ganhado destaque na mídia por sua afirmação de contatos com alienígenas e sua arquitetura diferenciada, de casas arredondadas com tetos também arredondados, pelo fato de a comunidade afirmar que o local é um centro de aparição de seres evoluídos. Um dos principais objetivos de Zigurats é oferecer um turismo científico e de natureza.

Na entrada da comunidade, para receber os visitantes, foi construído um pórtico em letras douradas com o nome da cidade (Figura 10). Como visto na Figura 10, a comunidade fica localizada em meio a Serra de Maracaju. Ao fundo da imagem podemos perceber os grandes paredões da serra.

Chegando no local, fomos nos hospedar na pousada, e logo já estávamos prontos para desbravar a comunidade. Fomos acompanhados por uma guia que nos mostrou os principais pontos do vilarejo.

O perímetro da comunidade é pequeno. Quando digo perímetro, é a noção que abrange todo o conjunto de casas, ruas e gramados onde normalmente seriam as calçadas; fora disso, há uma vegetação mais densa que não recebe tratamento ou poda e, depois, a floresta em seu bruto estado, como visto mais à frente na Figura 11.

**Figura 10 - Pórtico de Zigurats.**



Fonte: Autoria própria, 2024.

**Figura 11 - Croqui da área de Zigurats.**



Fonte: Autoria própria, 2024.

Desta forma, decidimos rodar de carro todas as suas extremidades e em 20 minutos já tínhamos vasculhado toda a área. Tentei fazer uma conta rápida

da dimensão da comunidade através de algumas anotações da quilometragem do carro e depois com a ajuda de softwares de cartografia, cheguei a estipular a área total de: 685.918,40 m<sup>2</sup>. Me dispus a confeccionar um croqui da área de Zigurats como podemos ver na Figura 11.

As ruas da comunidade são todas de cascalho retirados da própria região. Essas ruas têm em média cinco metros de largura. As quadras contêm de três a oito casas, algumas delas sob a proteção de cercas. Praticamente todo local é revestido de um gramado em constante manutenção - havia pessoas fazendo o corte da grama no momento da exploração. Pelo que se percebe, circulando no local, é que, o que fora uma floresta densa, em menos de trinta anos, se transformou em umas poucas árvores.

A arquitetura local impressiona por suas formas: são casas redondas com tetos em formato de cúpulas. Tentei contabilizar o número de construções, mas me perdi na casa dos setenta. Algumas dessas moradias contém exaustor eólico (Figura 12).

**Figura 12** - Casas arredondadas com teto em cúpula.



Fonte: Autoria própria, 2024.

As janelas e portas são aquelas adquiridas em casas de construção; aliás, todo o material dessas moradias são materiais comuns. O que as diferencia de casas convencionais é a particularidade da técnica de construção. Muitas dessas moradias mantêm o tijolo à vista, o que não descobrimos é se é uma opção, ou estão em fase de término, com algum revestimento ainda por colocar. Algumas dessas moradias tem ar-condicionado; a propósito, o lugar é bastante quente, e praticamente não ventava.

Uma quantia reduzida de casas, as mais pequenas, não tem divisórias internas, com exceção da separação do lugar onde fica a cozinha; outras são bem labirínticas por dentro.

Um pequeno número de outras casas tem suas cúpulas em maior destaque (Figura 13). Essas cúpulas são feitas de tijolos de dimensão 9,1x4,3x18 cm, onde o acabamento é feito de um revestimento com um adesivo cinza prateado que dá um aspecto futurista quando visto de longe.

**Figura 13** - Casa com teto em cúpula mais avantajada.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Depois fomos conhecer a casa do ET Bilu, que futuramente vai ser o hospital da comunidade (Figura 14). Essa construção fica um pouco mais separada das outras, situada em uma das extremidades do vilarejo. Esse prédio está disposto de modo que tenha uma visão privilegiada de um dos testemunhos da Serra de Maracaju. A guia e os poucos habitantes locais que estavam presentes no momento, afirmaram fervorosamente que o ET Bilu aparece frequentemente por ali. Porém, infelizmente, no momento de nossa visita, ele não apareceu...

**Figura 14** - Casa do Bilu, futuro hospital.



Fonte: Autoria própria, 2024.

Os tetos, quando vistos do lado de dentro, principalmente da casa de Bilu, impressionam: eles são construídos apenas com tijolos maciços e argamassa, uma técnica bastante precisa (Figura 15). A acústica dentro da construção é realmente extraordinária. Os passos, ou qualquer ruído, reverberam de uma maneira única, devido à falta de divisas no interior que impeçam a viagem das ondas do som pelo ar.



**Figura 15** - Telhado em cúpula visto do lado de dentro.

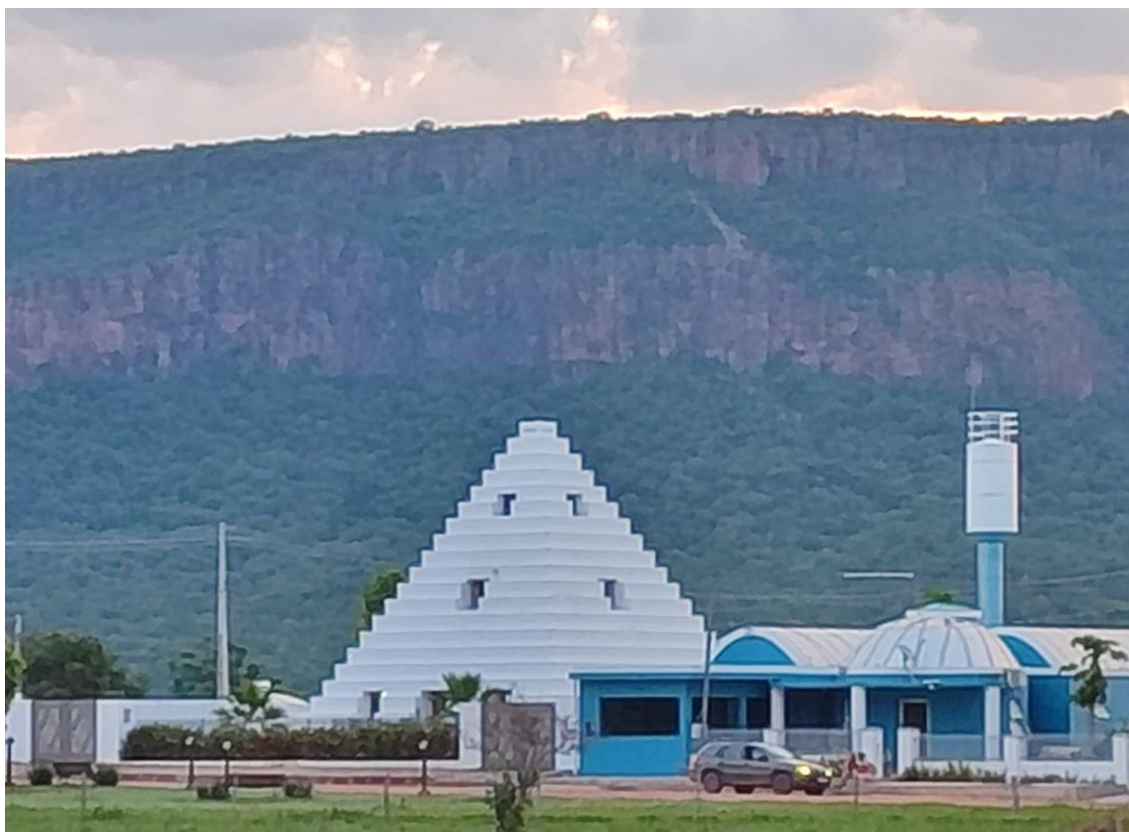


Fonte: Autoria própria, 2024.

Zigurats tem uma pirâmide escalonada, que fica posicionada bem ao lado da pousada da comunidade (Figura 16). Essa pirâmide escalonada em Zigurats impacta por ser uma construção atípica em nossa contemporaneidade no território brasileiro. A guia nos afirmou que a pirâmide é uma geradora de energia, ela cria uma energia e entra em ressonância com o corpo humano e vai promover muitos benefícios, como clareza mental, bem-estar e saúde em geral. Essa energia é chamada de Taquiônica e tem um efeito de deixar as pessoas tranquilizadas e muito bem confortáveis. Ela atua nas pessoas ou em animais na frequência de 3 hertz, que, para eles para os habitantes da comunidade, é uma frequência do próprio pensamento.

No interior da estrutura há uma cozinha montada, salas de reunião, e, na parte superior (segundo piso), quartos com banheiros.

**Figura 16** - Pirâmide escalonada e, ao lado, a pousada.



Fonte: A autoria própria, 2024.

Checado todo o perímetro de Zigurats, fomos conhecer o Centro Tecnológico Zigurats, para tentar compreender a *alma do lugar*. Fomos recebidos pelo diretor do centro de pesquisa, e ali pudemos ter plena consciência de toda a ideologia que paira sobre o lugar.

O diretor é Marcos Rigo; ele nos daria uma palestra e responderia qualquer questionamento representando toda a consciência do lugar. Foi afirmado que toda Zigurats não tem ligações com nenhum grupo religioso ou político. Também não estão vinculados a nenhum tipo de doutrina. Eles se afirmam um grupo de pesquisas para evidenciar revelações científicas, *Dakila Pesquisas*. São pesquisas em várias áreas: astronomia, sismologia, climatologia e, principalmente, ufologia, o que dá vida ao lugar.

O centro de pesquisas é equipado com vários computadores, lunetas, pequenos telescópios e alguns aparelhos que não consegui identificar (Figura 17). O centro fica num ponto mais alto que o plano onde fica o restante da comunidade.

**Figura 17 - Interior do Centro Tecnológico Zigurats.**



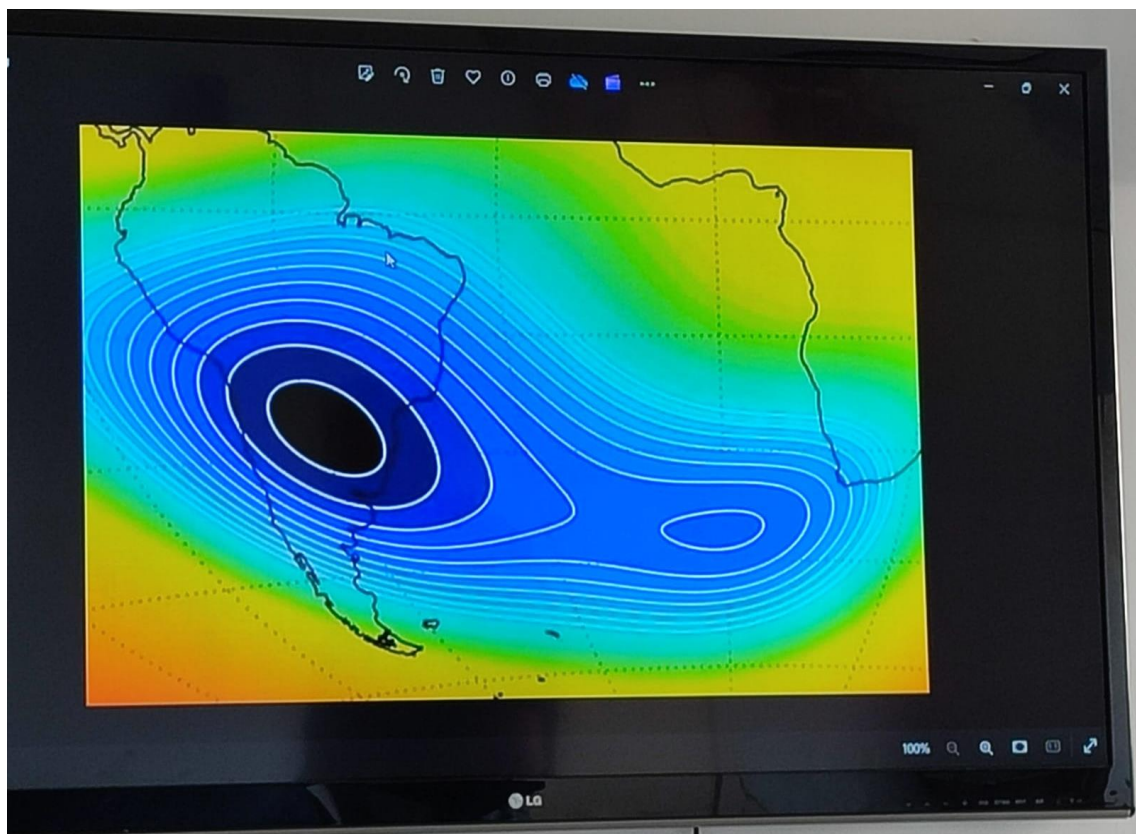
Fonte: Autoria própria, 2024.

O diretor afirma que o ponto terrestre onde está situado Zigurats não foi escolhido aleatoriamente e, sim, porque toda região está exatamente posicionada na coordenada do paralelo 19 sul. Esse recorte espacial, na concepção dos pesquisadores, é especial, pois faz parte de uma malha eletromagnética, um vórtice que é uma concentração nevrálgica (Figura 18). Isso propicia a manifestação de múltiplas anomalias científicas de difíceis comprovações. Basicamente, quer dizer que o lugar é especial, pois possibilita a visitação de seres extraterrestres.

Havia outras alegações mais labirínticas que se passam por uma complexidade embaraçosa, se as levamos sob o ponto de vista da ciência. É alegado que, conforme mais de sete anos de investigação, os pesquisadores do centro chegaram à conclusão de que a terra é plana e assentada em uma superfície e convexa na base, a teoria da Terra convexa. As bordas da Terra convexa são geleiras que não deixam as águas dos oceanos escaparem. Essas afirmações só são possíveis porque os pesquisadores de Zigurats já fizeram inúmeras pesquisas em volta do mundo. Esses pesquisadores têm lançado

sondas em várias partes da Terra, fazendo medições com feixes de luzes de laser em corpos de água. Um dos lagos onde foram feitos experimentos é o Titicaca, corpo de água andino que está situado na fronteira entre a Bolívia e Peru. Esses pesquisadores dispuseram aparelhos nas margens boliviana e peruana para realizar testes. Em alguns pontos, as distâncias de uma margem à outra podem chegar a mais de 110 quilômetros. Desta forma, os pesquisadores atestaram que dá para visualizar o outro lado da margem, ou seja, não há uma curva que seria normal se a Terra fosse uma esfera. Além disso, os pesquisadores fazem experimentos com conexões de ondas de rádio também nos corpos de água.

**Figura 18** - Vórtice de energia especial.



Fonte: A autoria própria, 2024.

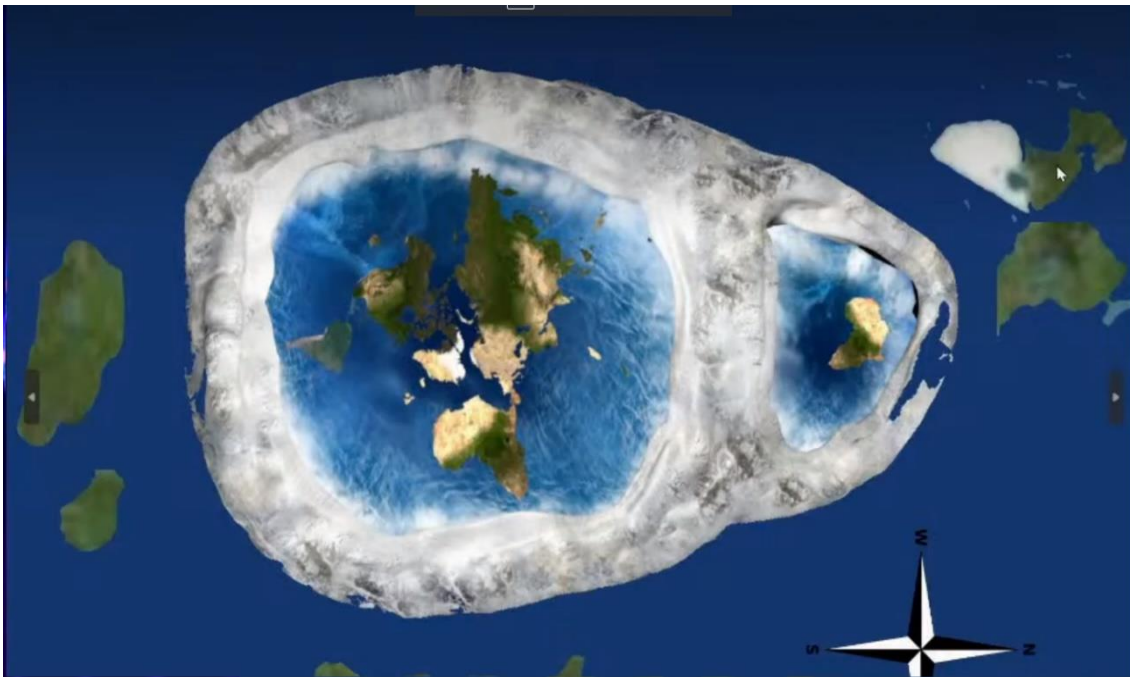
Em outra etapa da palestra foi afirmado que seres de outros planetas visitam Zigurats constantemente, geralmente à noite, e não somente Bilu. São seres evoluídos e de múltiplas espécies, sempre dando conselhos sobre pesquisas científicas e advertências de como os humanos deveriam levar a vida. Esses seres, segundo a convicção geral do lugar, dão recomendações até mesmo sobre o tipo de alimentação que devemos ingerir, evitando estoicamente

comida industrializada, com obstinado afastamento do flúor. Esses seres são conhecidos na comunidade como amigos.

Uma das premissas expressadas é que: há muita coisa que nós cidadãos comuns desconhecemos, porque há uma ordem mundial que nos deixa alienados em nossas próprias existências. Trata-se de assuntos que parecem ser inexplicáveis para nós, mas que, para os seres evoluídos, não passam de coisas comuns em suas vivências.

Além da terra ser convexa, há uma afirmação que há uma outra região do mundo que nós, meros cidadãos, encurralados em nossas extensões vivenciais temos desconhecimento. Através das pesquisas identificaram um continente chamado de *norte maior* (Figura 19). É uma teoria que eles alegam ter fundamento.

**Figura 19** - Modelo do norte maior.

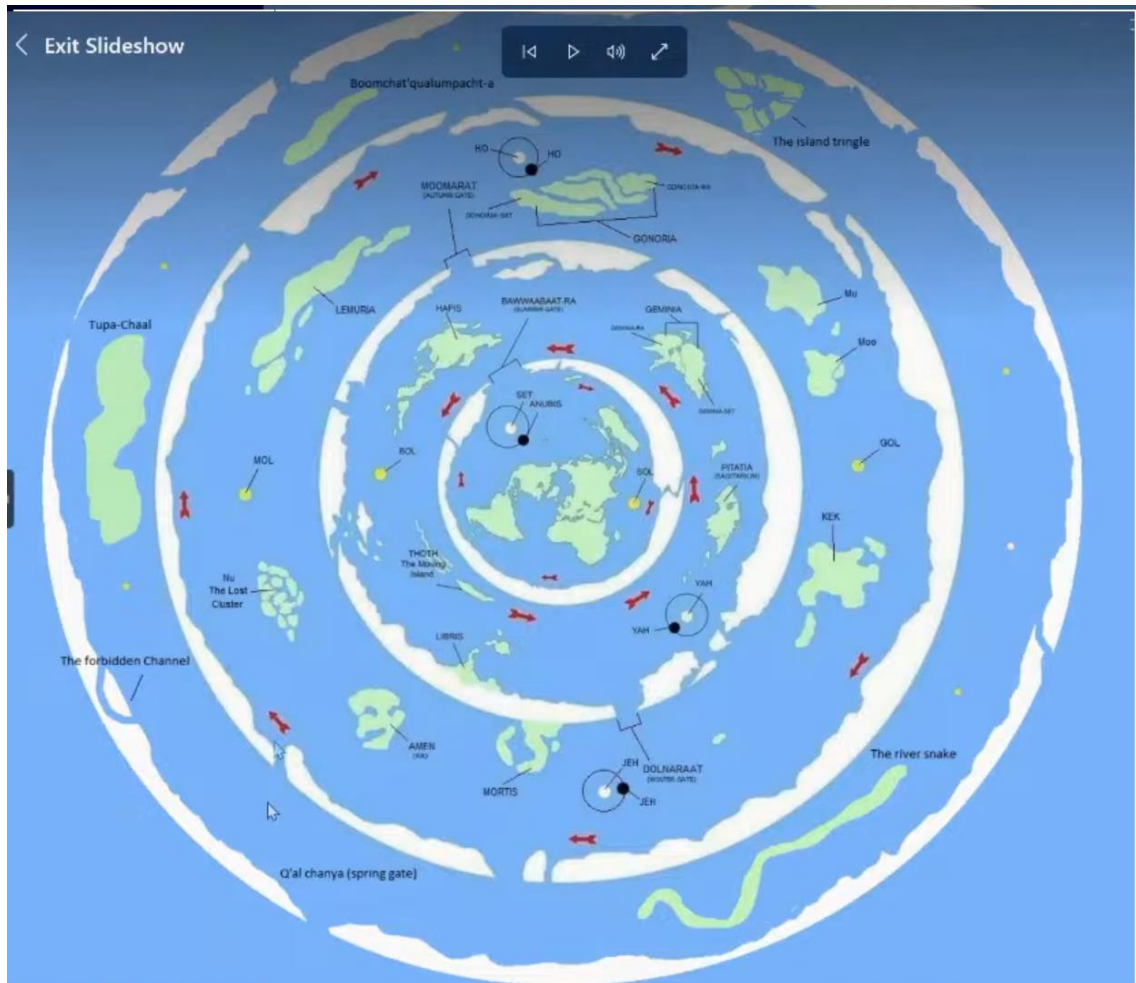


Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EISkfVgTeLQ>.

O norte maior é um território afastado dos continentes que conhecemos e que está separado por uma grande borda de gelo, uma muralha impenetrável em que habitam seres de outras espécies com inteligências bastante avançadas em suas relações sociais. Poucos representantes da humanidade foram até lá, pois os governos da comunidade global, através de acordos, mantêm o norte maior protegido de qualquer penetração.

Para além do norte maior, a Terra como a conhecemos é apenas um plano central que é circundado por outros mundos paralelos habitados por outras raças, outros tipos de humanidades, outras civilizações. A defesa ainda é que não existiriam outros planetas distantes da Terra como a conhecemos hoje no plano do sistema solar e, sim, que os vários mundos seriam, na verdade, anexos da Terra (Figura 20).

**Figura 20** - Anéis de mundos paralelos com a Terra no centro.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EISkfVgTeLQ>.

Depois dessa visita ao centro tecnológico saí desconstruído como geógrafo. Tudo que se aprende nas escolas e nas universidades, as noções do sistema solar, a geografia da Terra, o globo terrestre e o mapa-múndi, foi desmantelado. A afirmação é que tudo que os pesquisadores de Zigurats sabem é devido à orientação dos seres amigos que vão guiando as pesquisas. A ciência como a conhecemos, nesse caso tem papel político de administrar e restringir o conhecimento para a comunidade global viver tranquila, conforme a filosofia

existencialista que não abalaria a vida com a presença de outros seres não humanos, pois isso traria pânico e caos.

Depois de conhecer a fundo todo o perímetro de Zigurats, não havia mais nada a fazer ali, havíamos captado a *alma do lugar*.

Passamos a noite ainda na pousada ao lado da pirâmide. Pela manhã, ainda ficamos mais um pouco. Depois de atingir o objetivo de reconhecimento do território e sentir a *alma do lugar*, decidimos deixar a comunidade. E, assim, acabou nossa aventura. Voltamos para nossas meras condições de terráqueos alienados em nossas próprias existências, segundo o que se ensina em Zigurats.

## EPÍLOGO

Essa pesquisa constituiu-se como um experimento sobre um tema caro para as ciências: a ufologia.

Será que conseguimos chegar aqui bem-sucedidos em nossa proposta de englobar e atacar três esferas autônomas do conhecimento, Geografia, texto e ufologia?

Temos, minimamente, dentro do ambiente geográfico, autorização para o que fizemos. Diante da ufologia, as ilações são livres, e não necessitamos de autorização. Por fim, o texto existe e não pede licença para existir; é sempre parte de um contexto referente a um debate mais ampliado de escala. Nunca é uma peça isolada, porque o debate maior vem sendo travado em nossa sociedade: estamos sozinhos no mundo, na geografia terráquea? “[...] a visão de que existe vida em outros lugares parece prestes a se tornar uma ortodoxia científica” (Wendt; Duvall, 2008, p. 615).

O *geoexame* foi um exercício intelectual que empregou esforços num texto intrigante para a comunidade científica da Geografia e para toda sociedade. Apesar da sinceridade do narrador principal deixar claro que viveu essa geografia na pele nos dias evocados, não temos garantia alguma. Após uma investigação minuciosa, desvendamos que o caso de Villas Boas ganhou destaque na *Revista “O Cruzeiro”*, e depois publicado no famoso periódico americano *Flying Saucer Review*, onde foi classificado como um intrigante contato imediato de sétimo grau. Este termo, “contato imediato”, teve suas origens nos estudos do renomado astrônomo e ufólogo norte-americano Josef Allen Hynek (1910-1986), inicialmente abrangendo até o quinto grau. No entanto, o mistério se aprofundou quando o *Project Blue Book*, uma iniciativa do *Federal Bureau of Investigation* (FBI), ampliou essa classificação para incluir o sétimo grau, elevando ainda mais a fascinação e o interesse em torno do fenômeno. Eu, enquanto geógrafo analista de textos literários, há muito tempo queria ousar, dialogar com um texto fora do ambiente da arte, com um texto participante de um mundo diferente. Mais que isso, meu desejo era aproximar



meu conhecimento geográfico, como representante das ciências humanas, e estabelecer um vínculo entre a Geografia e a ufologia. O livro de von Buttlar, que estava perdido nos corredores de uma universidade pública, satisfaz bem esse propósito. Parece, entretanto, que nem tudo no texto tem uma dimensão espacial. Por isso, os geógrafos escolhem muito bem as partículas textuais que vão fazer parte de seu próprio texto.

Depois de atacar o texto geograficamente, seguimos para outra etapa da pesquisa, que foi uma revisão bibliográfica sobre a temática Zigurats. Nossa defesa nesse tipo de pesquisa no interior da geografia, é para demonstrar que os espaços do mundo em suas diferentes configurações são tomados para a produção de pensamentos que se diferenciam do restante da sociedade. Por isso, os grupos que acreditam firmemente em outros seres e fazem sua divulgação, tendem a ficar afastados geograficamente.

Logramos entender que Zigurats é uma comunidade no município de Corguinhos que afirma interagir com seres alienígenas, mas que sofreu retaliações de negação pela mídia. Mesmo assim, parece atrair um grande número de visitantes e moradores. A cosmologia da comunidade é, então, de afirmação de algo transcendental, a condição extraterrestre é a *alma do lugar*, um espaço que já foi uma natureza pouco tocada e que agora transmutou-se em um lugar que estabelece outros parâmetros espaciais diante de toda a realidade social.

Já em nossa aventura de reconhecimento do lugar dos extraterrestres, pudemos conferir uma arquitetura ímpar com construções arredondadas e tetos em cúpulas. Além disso, pudemos perceber que os pesquisadores de Zigurats, estão ensinando uma outra geografia que foge aos fundamentos ensinados pela ciência, alegando a existência de um norte maior, sendo a terra convexa e rodeada por outros planos onde outros seres vivem. Nem o sistema solar ficara incólume nos preceitos destes pesquisadores, pois a disposição dos planetas se configura de modo que ficam todos anexados à Terra.

Como geógrafo que se apegou a esse tema caro às ciências, há duas premissas para tirar de conclusão.

A primeira é que a ufologia depende muito da geografia para amparar seus estudos. Os ufólogos utilizam do saber geográfico, talvez inconscientemente, para localizar fatos, ocorrências e avistamentos. Portanto, eles estão ocorrendo em algum lugar da superfície terrestre, em determinado bairro de certa cidade, ou nos campos da zona rural de dado país. Quando alguém, um contatado, abduzido ou ufólogo tiver que relatar um evento, necessariamente surge uma das primeiras perguntas: onde ocorreu? Qualquer sujeito que quiser provar um fato ocorrido, terá que indicar as coordenadas geográficas para começar a ser levado a sério. Os eventos não podem ocorrer fora do espaço geográfico, a localização parece ser a primeira pergunta a ser esclarecida em eventos ufológicos. No evento textual de Villas Boas, é a zona rural da cidade mineira São Francisco de Sales; na conjuntura de afirmações generalizadas por um número grande de pessoas, a zona rural de Corguinho, que, mais do que tudo, ainda evidencia, para a organização de nossas reflexões e debates, um horizonte muito óbvio de espaço: Zigurats, vilarejo surgido há pouco tempo e que está encrustado em meio à Serra de Maracaju.

Partindo dessas primeiras premissas, segue a segunda; elas se ligam. A declaração inicialmente formulada no âmbito subjetivo das alegações e, subsequentemente documentada no mundo textual como testemunho de uma perspectiva individual, quando combinada com o reconhecimento tangível da validação do território numa perspectiva materialista que atrai a atenção do coletivo, aponta para um fato possivelmente incontestável: se não podemos provar a existência de vida fora do nosso planeta, ou a presença de alienígenas invadindo o espaço terrestre, então todo o fenômeno dos OVNI's e da ufologia torna-se arraigado na sociedade sem possibilidade de retorno; a agência espacial ufóloga permeia o tecido do pensamento social e contamina todo o espaço. As duas situações específicas (os casos de Villas Boas e Zigurats) surgem como influências ativas no espaço e revelam uma natureza caótica quando consideradas à luz das convenções sociais, denotando uma emergente vontade de potência na existência.

## Geopolítica dos OVNIs

Há um outro ponto bastante relevante. Na pandemia do coronavírus em 2020, o ex-presidente Donald Trump assinou um pacote de alívio da mesma e, na seção de Lei de Autorização de Inteligência, estipulou um prazo no qual devem ser liberados relatórios de extrema confidencialidade sobre os OVNIs. São documentos do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, Escritório de Inteligência Naval, Força-Tarefa de Fenômenos Aéreos Não Identificados e FBI. E porque o interesse em liberar documentos guardados a sete chaves? Pouco tempo atrás, o Pentágono liberou alguns vídeos<sup>74</sup> que evidenciavam FANIs - *Fenômenos Aéreos Não Identificados* - (Unidentified Aerial Phenomena [UAP]) surgidos no espaço aéreo militar dos EUA, registros reais sem manipulação. A alegação maior é que podem ser governos rivais, como China e Rússia, espionando bases militares americanas e, nesse caso, todo aparato dos OVNIs passa por uma condição geográfica muito explícita, geopolítica. Talvez devêssemos começar a tratar o assunto como *geopolítica interplanetária*. Uma primeira resposta para isso, é que nem um desses países citados pelos americanos ou qualquer nação de nosso mundo ainda tem tecnologia suficiente para se equiparar aos acontecimentos dos vídeos. Enquanto os EUA inicialmente acharam que era uma ameaça internacional, a opinião tem mudado, concordando com os países acusados por eles, de que se trata, talvez, de uma ameaça à comunidade global. O mundo esteve envolvido em especulações de eventos inexplicáveis desde sempre, e a situação tem agravado na contemporaneidade. Há alguma coisa por trás que ainda não tem explicação. O que fica é o questionamento: esses eventos estão ligados ao humano ou ao não-humano?

---

<sup>74</sup> Para conferir um destes vídeos basta acessar esse link: <https://www.youtube.com/watch?v=aulTEKd4sjA>.

Os FANIs são quase automaticamente associados, no imaginário público, a uma origem extraterrestre. Se as propriedades e comportamentos que foram atribuídos aos FANIs forem eventualmente verificados, então, considerando que essas propriedades e comportamentos, em alguns casos, excedem dramaticamente as capacidades de desempenho da tecnologia humana conhecida, não é absurdo perguntar se os FANIs poderiam representar exemplos de tecnologia extraterrestre<sup>75</sup> (Watters *et al.*, 2023, p. 2340006-9, tradução nossa).

Essa dúvida paira em nossa sociedade, mas parece declinar do humano. Uma possível resposta para isso vem dos pesquisadores Marissa E. Yingling, Charlton W. Yingling e Bethany A. Bell (2023, p. 2).

Em 2021, o Gabinete do Diretor de Inteligência Nacional (2021) confirmou que Fenômenos Aéreos Não Identificados, agora chamados de Fenômenos Anômalos Não Identificados (FANIs) - as renomeações mais amplas e esclarecidas de OVNI - existem. Depois de descartar em grande parte ocorrências naturais, desordem aérea e falhas técnicas, o relatório indicou que os OVNI não podem ser facilmente atribuídos ao arsenal militar dos Estados Unidos nem ao de seus aliados ou adversários. Os investigadores do Pentágono atribuíram assim 143 dos 144 incidentes, principalmente resultantes de dois anos de relatórios da Marinha dos Estados Unidos, a um “caixote genérico de ‘outros’”<sup>76</sup>.

A referência a *outros*, diz respeito a uma tentativa de classificar o que ainda desconhecem, mas que reconhecem ser uma condição não-humana. Esses mesmos autores ainda afirmam que já há um levante por parte de cientistas de renome iniciando trabalhos que priorizem pesquisas sobre esses fenômenos. Se o distanciamento entre Geografia e ufologia é uma realidade mundial, isso já não pode ser afirmado com tanta convicção pela ciência em geral.

---

<sup>75</sup> Originalmente em inglês: “UAP are almost automatically associated in the public imagination with an extraterrestrial origin. If the properties and behaviors that have been ascribed to UAP are eventually verified, then considering that these properties and behaviors in some cases dramatically exceed the performance capabilities of known human technology, it is not unreasonable to wonder if UAP could represent examples of extraterrestrial technology.”

<sup>76</sup> Originalmente no inglês: “In 2021 the Office of the Director of National Intelligence (2021) confirmed that Unidentified Aerial Phenomena, now called Unidentified Anomalous Phenomena (UAP)—the broader, clarified rebrands of UFOs—exist. After largely ruling out natural occurrences, airborne clutter, and technical glitches, their report indicated that UAP cannot be readily attributed to the United States military arsenal nor that of its allies or adversaries. Pentagon researchers thus assigned 143 of 144 incidents, primarily from two years of United States Navy reports, to a “catchall ‘other’ bin.”

Simultaneamente, estudiosos da academia publicaram sobre tópicos de OVNI ou anunciaram novos projetos. Em 2021, cientistas da Universidade de Harvard estabeleceram o Projeto Galileo para a Pesquisa Científica Sistemática de Evidências de Artefatos Tecnológicos Extraterrestres. Liderado por Avi Loeb, professor e antigo chefe do departamento de astronomia, o projeto conta agora com milhões em doações privadas e uma longa lista de investigadores, conselheiros e afiliados de universidades e institutos de todo o mundo<sup>77</sup> (Yingling; Yingling; Bell, 2023, p. 2).

O Projeto Galileo é uma realidade e tem movimentado cientistas e cooptado cifras milionárias de doações para atingir os objetivos de pesquisa; ou seja, já há uma grande movimentação de capital e contingente de sujeitos em volta do temário.

Passando para outra linha de raciocínio, durante a minha caminhada investigativa acessei um bom número de documentos do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). Há um material bastante interessante quando se coloca no campo de pesquisa termos como OVNI, extraterrestre ou alienígenas. Encontram-se à disposição de curiosos e pesquisadores, protocolos e relatórios oficiais, pesquisas e fotografias. Decidi não fazer observações com alguns destes documentos pois, talvez, perderia foco; teria de haver uma triagem extensiva e exaustiva. Há muito material a ser analisado e o nosso livro poderia ficar bastante extenso. Mas, o mais importante que gostaria de sublinhar nesse ponto, é que grande parte dessa documentação é de registros oficiais de militares, ou seja, são documentos oficiais do Estado Brasileiro que, analisados pelos olhos de um geógrafo, podem ser vistos como arquivos que passam por uma valoração geográfica, e mesmo, geopolítica.

### **Desfecho geográfico**

Iniciamos nosso trabalho refletindo o relato textual de Villas Boas, depois passeamos pela conjuntura de Zigurats. As duas situações foram motoras para pensar dezenas de questões e, nessa situação, ao longo da pesquisa, foram

---

<sup>77</sup> Em inglês no original: “*Simultaneously, scholars within academia have published on UAP topics or announced new projects. In 2021, scientists at Harvard University established the Galileo Project for the Systematic Scientific Search for Evidence of Extraterrestrial Technological Artifacts. Led by Avi Loeb, professor and former department chair of astronomy, the project now has millions in private donations and a lengthy list of researchers, advisers, and affiliates from universities and institutes around the world*”.

surgindo inúmeros tópicos e interrogações para serem colocados à prova da Geografia e da ciência em geral. Decidimos focar nos primeiros objetivos, mas com a liberação de uma vasta documentação pelos EUA e o arquivo do SIAN, talvez possamos empreender outros projetos de escrita para essas situações entrarem no rol de um próximo livro. Há muita coisa ainda para se debater.

Quando se delimita um estudo para uma pesquisa e se constrói um texto, nada é definitivo, nada pode ser considerado completo. No caso apresentado neste livro, procuramos trazer ideias para serem somadas a outras ideias, como contribuição ao assunto. Dessa forma, convidamos a todos, geógrafos, cientistas, leitores de textos, ufólogos, e outros interessados no assunto, a interagir, mesmo que implique em discussões e polêmicas. Toda e qualquer contribuição sempre será bem-vinda.

A geografia e outras disciplinas das ciências humanas e sociais precisam começar a reconhecer a importância da influência exercida pela agência ufológica, uma vez que ela tem conquistado uma grande quantidade de seguidores, frequentemente através de meios virtuais, como vídeos no YouTube e artigos em sites. Essa influência se manifesta de forma significativa no comportamento das massas, influenciando, movimentando e, até mesmo, cooptando indivíduos e grupos. Agora, mais do que nunca, essa influência está se estendendo até mesmo a Estados, que começam a demonstrar preocupação. Essa agência tem transformado o espaço, não há como declinar disso. São forças ativas de potências que têm se alastrado pela superfície terrestre.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rafael Antunes. UFO Religions in Latin America. *In: GOOREN, H. (ed.) Encyclopedia of Latin American Religions.* Springer, 2018. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-08956-0\\_531-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-08956-0_531-1).
- BACHELARD, Gaston. *Coleção Os pensadores [A poética do espaço]*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BARBOSA, Ana Cortez. *A alma dos espaços, construções de lugar*. 2011. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal, 2011.
- BATISTA, Ana Rita Sabbag Amaral. *Turismo e ufologia: UFO turismo*. 2006. Monografia. (Pós-Graduação em Formação de Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade) - UnB, Brasília, 2006.
- BLAKE, Joseph A. Ufology: The intellectual development and social context of the study of unidentified flying objects. *The Sociological Review*, v. 27, n. 1, p. 315-337, 1979.
- BROSSEAU, Marc. L'espace littéraire en l'absence de description: un défi pour l'interprétation géographique de la littérature. *Cahiers de géographie du Québec*, v. 52, n. 147, dec. 2008, p. 419-437. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/cgq/2008-v52-n147-cgq2960/029869ar/>. Acesso em: 16 abr. 2024.
- CAMPANHA, Vitor de Lima *et al.* Novas dinâmicas religiosas na configuração da contemporaneidade. *Sacrilegens*, v. 15, n. 2, 2018.
- COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. *Gragoatá*, n. 33, p. 17-32, 2012.
- COLUCCI, Danielle Gregole; SOUTO, Marcus Magno Meira. Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. *Revista Geografias*, p. 114-127, 2011.
- COOGAN, Jeremiah. Mapping the Fourfold Gospel: Textual Geography in the Eusebian Apparatus. *Journal of Early Christian Studies*, v. 25, n. 3, p. 337-357, 2017.
- COOK, Ryan J. *Trust No One: UFOs, Anthropology, and Problems of Knowledge*. Paper presented in conjunction with exhibit "Alien Images: UFOs, Photography, and Belief". Museum of Anthropology, Arizona State U Tempe AZ | 21 March 2007.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, p. 107-117, 1999.
- DELEUZE, Gilles & PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles-GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo & Esquizofrenia*, v. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução de Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DILKIN, Eliane Rosa da Silva *et al.* Religiosidade dos símbolos e misticismo no Cerrado Sul-Mato-Grossense. **Revista Foco**, v. 15, n. 2, p. e343-e343, 2022.

DODD, Adam. Strategic ignorance and the search for extraterrestrial intelligence: Critiquing the discursive segregation of UFOs from scientific inquiry. **Astropolitics**, v. 16, n. 1, p. 75-95, 2018.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EGHIGIAN, Greg. Making UFOs make sense: Ufology, science, and the history of their mutual mistrust. **Public Understanding of Science**, v. 26, n. 5, p. 612-626, 2017.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Literatura e espaço: aproximações possíveis entre arte e geografia. *In*: SOUZA, Adauto de Oliveira *et al.* **Transfazer o Espaço**: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

FERREIRA, Adriano da Silva. **O papel do audiovisual e das mídias sociais na difusão e popularização da arqueologia**: o estudo de caso do PROARQ audiovisual. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras-SE, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, vol. III** - estética: literatura e pintura, música e cinema. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 428 - 438.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. Editora Companhia das Letras, 1995.

GOETTERT, JONES DARI. **O espaço e o vento**: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

GOETTERT, Jones Dari. "Transfazer o espaço": uma leitura de "Livro de pré-coisas", de Manoel de Barros. *In*: SOUZA, Adauto de Oliveira. **Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa**. Dourados, MS: EdUFGD, p. 173-190, 2011.

HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

HONES, Sheila. Text as it happens: Literary geography. **Geography compass**, v. 2, n. 5, p. 1301-1317, 2008.

IBANHEZ, João Carlos Nunes. **A comédia dramática da vida**; diálogos geográficos em torno da poesia de Lobivar Matos. 2017. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências Humanas: Universidade Federal da Grande Dourados, 2017.

KARJALAINEN, Pauli Tapani. Lugar em Urwind: uma visão geográfica humanista. **Geograficidade**, v. 2, n. 2, p. 4-22, 2012.



KOBAYASHI, Audrey. (2016) 'Spatiality', *International Encyclopedia of Geography: People, the Earth, Environment and Technology*, p. 1-7, 2016.

LAMOTE, Thierry. Raël, fils de Yahvé et messenger des *Elohim*: les soubassements délirants d'une secte "ufologique". *Cliniques méditerranéennes*, v. 92, n. 2, 2015, p. 299-312. <https://www.cairn.info/revue-cliniques-mediterraneennes-2015-2-page-299.htm>

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

LEONEL, Waldir. **Turismo e desenvolvimento local: o misticismo como manifestação em Boa Sorte-MS**. 2002. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2002.

LIMA, Matheus Guimarães; DA SILVA, Jean Farhat de Araújo. O potencial de desenvolvimento turístico em Corguinho, MS. *Terr@ Plural*, v. 14, p. 1-16, 2020.

LOPES DE SOUZA, M. Ambiente. *GEOgraphia*, v. 24, n. 53, 31 ago. 2022.

MARINHO, Samarone Carvalho. Geografia e Literatura: esboço crítico-compreensivo a um campo de estudo em discussão. *In*: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (org.). **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. 1. ed. v. 4. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 274-332

MARQUES, Juracy. **Ecologia da Alma**. Petrolina-PE: Franciscana, 2012.

MARTINS, Leonardo. Naves espaciais, reencarnação e transmutação: a libertação do sofrimento em movimentos religiosos brasileiros contemporâneos. *Interações*, v. 9, n. 16, p. 330-349, 2014.

MARTINS, Leonardo Breno. **Na trilha dos alienígenas: uma proposta psicológica integrativa sobre experiências ufológicas e paranormais**. 2015. Tese. (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *GEOgraphia*, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MATOS, Lobivar. **Areôtorare: poemas boróros**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.

MATOS, Lobivar. **Sarobá: poemas**. Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936.

MONTEIRO, Bruno R.; DAVIS JR., Clodoveu A.; FONSECA, Fred. A survey on the geographic scope of textual documents. *Computers & Geosciences*, v. 96, p. 23-34, 2016.

NEWMAN, Leonard S.; BAUMEISTER, Roy F. Toward an explanation of the UFO abduction phenomenon: Hypnotic elaboration, extraterrestrial sadomasochism, and spurious memories. *Psychological Inquiry*, v. 7, n. 2, p. 99-126, 1996.

OTTATI, Rafael Delgado Gomes. A morte do autor: reflexões acerca de "Place and the Novelist", de Douglas pocock. *UniLetras*, v. 35, n. 1, p. 11-21, 2013.

PETRESCU, Rely Victoria *et al.* What is a UFO? **Journal of Aircraft and Spacecraft Technology**, v. 1, n. 2, 2017.

RODRIGUES, Walter Luiz Jardim *et al.* Mapeamento geoliterário: uma proposta metodológica para os estudos geográficos. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia v. 17, n. 58, p. 53-67, Junho/2016.

RUNNELS, Rachel. "Conspiracy Theories and the Quest for Truth." **TEDx Talks**. April 14, 2020.

RUNNELS, Rachel. **Conspiracy Theories and the Quest for Truth**. Digital Commons @ ACU, Electronic Theses and Dissertations. 2019 Paper 180. <https://digitalcommons.acu.edu/etd/18>.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. **Terra Livre**, n. 5, 1988.

SCHRAMM, João. Uma análise do estado da arte das pesquisas sobre fenômenos aéreos não identificados: limites, tendências e contribuições epistemológicas. **Em Tempo de Histórias**, v. 1, n. 34, p. 39-63, 2019.

SEEMANN, Jörn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 30, p. 85-105, 2014.

SEIXAS, Raul. *Ouro de Tolo*, Álbum Krig-ha, **Bandolo**, 1973.

SEIXAS, Raul. *S.O.S.* Album Gitân, 1974.

SILVA, Felipe Cabañas da. José e a cidade: uma incursão geográfica na poesia política de Carlos Drummond de Andrade. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. e-172545, 2021. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2021.172545. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/172545>. Acesso em: 29 out. 2021.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP Espaço e Tempo (online)**, v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006.

SOJA, Edward William. Para além de postmetropolis. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, v. 20, n. 1, p. 136-167, 2013.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da literatura**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2007, 87 p.

SPANOS, Nicholas P. *et al.* Close encounters: An examination of UFO experiences. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 102, n. 4, p. 624, 1993.

SPANOS, Nicholas P.; BURGESS, Cheryl A.; BURGESS, Melissa Faith. Past-life identities, UFO abductions, and satanic ritual abuse: The social construction of memories. **International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis**, v. 42, n. 4, p. 433-446, 1994.

TUAN, Yi-Fu. Space and place 2013. **Geograficidade**, v. 4, n. 1, p. 4-13, 2014.

VENEROTTI, Ivo; OTTATI, Rafael. O autor e o lugar em “Place and the novelist”, de Douglas Pockock. *In*: SUZUKI, Júlio César; DE LIMA, Angelita Pereira; CHAVEIRO, Eguimar Felício (org.). **Geografia, Literatura e Arte**. 1. ed. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016, 466 p.

VON BUTTLAR, Johannes. **O Fenômeno UFO**. Círculo do Livro, 1978.

WATTERS, Wesley Andrés *et al.* The Scientific Investigation of Unidentified Aerial Phenomena (UAP) using multimodal ground-based observatories. **Journal of Astronomical Instrumentation**, v. 12, n. 01, p. 2340006, 2023.

W/BRASIL. [Compositor e intérprete]: Jorge Ben Jor. *In*: Live in Rio. 1 CD, faixa 9, 1992.

WENDT, Alexander; DUVALL, Raymond. Sovereignty and the UFO. **Political Theory**, v. 36, n. 4, p. 607-633, 2008.

WINK, Georg. Espaços ficcionalizados em Desterro, de Luis S. Krausz: um ensaio em geografia literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, p. 49-64, 2015.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia/Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

WUNDER, Edgar. UFO-Sichtungserfahrungen aus der Perspektive der Sozialwissenschaften. **Zeitschrift für Anomalistik Band**, v. 6, p. 163-211, 2006.

YINGLING, Marissa E. Social work in space: Expanding policy and practice into the cosmos. **International Journal of Social Welfare**, 2023.

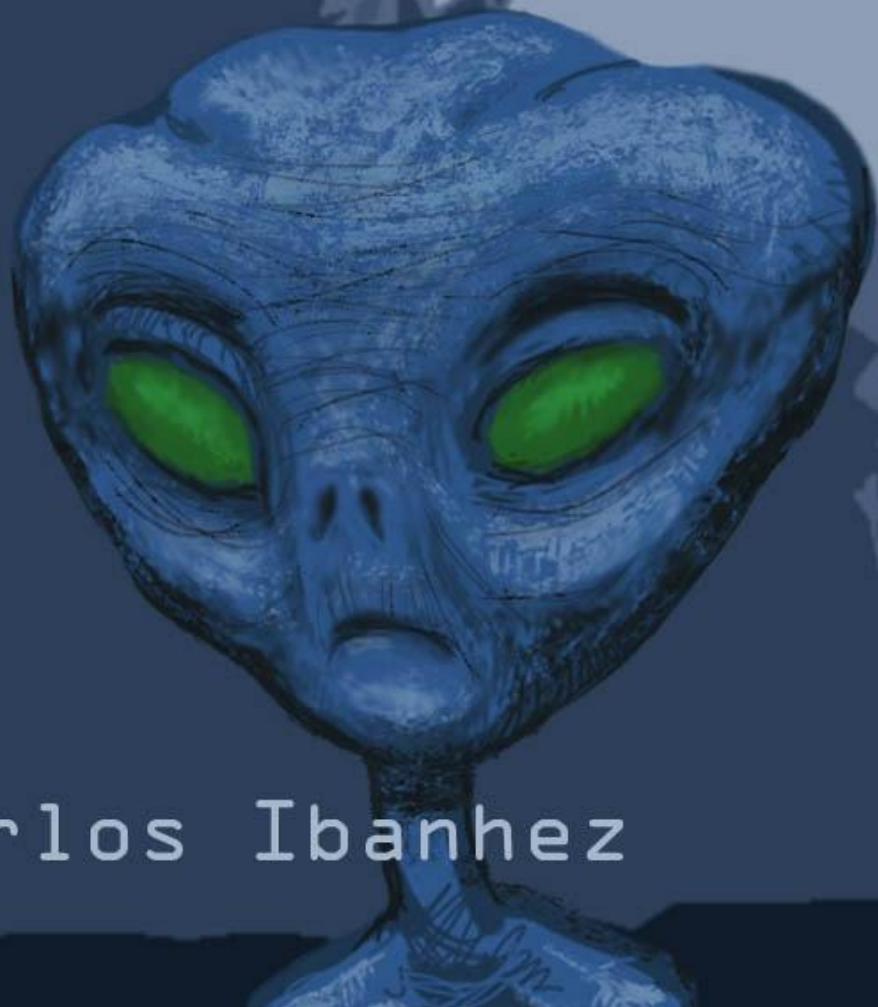
YINGLING, Marissa E.; YINGLING, Charlton W.; BELL, Bethany A. Faculty perceptions of unidentified aerial phenomena. **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 10, n. 1, p. 1-15, 2023.

## SOBRE O AUTOR

*João Carlos Ibanhez*, mais conhecido pela alcunha de Zamo, é doutorando e mestre pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Tem focado suas pesquisas na área Geografia Humana, Geografia Humanista e estudos culturais em Geografia, analisando o espaço na literatura e na arte em geral, explorando como as manifestações culturais refletem e moldam percepções geográficas. Para além da carreira acadêmica, é um pseudopoeta, cuja escrita mergulha nas profundezas da imaginação para criar esquizofrenias provocativas. Além disso, é músico, atuando como baterista na banda punk *Resistência Suicida*, e como compositor e tocador de charango na banda *Androide Melancólico*.

# Geografia e Ufologia:

aproximações  
e distanciamentos



João Carlos Ibanhez